

CENTRO DE ESPECTÁCULOS

CCB

# **LA SPINALBA**

**OVVERO IL VECCHIO MATTO**

**22 E 23 FEVEREIRO 2008**

21H \ PEQUENO AUDITÓRIO

# **LA SPINALBA OVVERO IL VECCHIO MATTO**

**EM III ACTOS  
DE FRANCISCO ANTÓNIO DE ALMEIDA  
(1702-1755)  
VERSÃO SEMIENCENADA**

CONCEPÇÃO DO PROJECTO E PRÉ-PRODUÇÃO **MARTA ARAÚJO \ MARCOS MAGALHÃES**

DIRECÇÃO MUSICAL **MARCOS MAGALHÃES**  
VIOLINO-CONCERTINO **LUÍS OTÁVIO SANTOS**

DIRECÇÃO TEATRAL E ESPAÇO CÉNICO **LUCA APREA**  
ADAPTAÇÃO DO LIBRETO **LUCA APREA \ ANGELES MARCOS**  
ADEREÇOS E FIGURINOS **RUI MECHA \ JOANA FERRÃO**

SPINALBA **ANA QUINTANS**  
TOGNO **JOÃO FERNANDES**  
ARSENIO **LUÍS RODRIGUES**  
VESPINA **JOANA SEARA**  
DIANORA **PAZ MARTÍNEZ**  
ELISA **INÉS MADEIRA**  
IPPOLITO **FERNANDO GUIMARÃES**  
LEANDRO **MÁRIO ALVES**

## **OS MÚSICOS DO TEJO**

VIOLINOS I **MIRIAM MACAIA, ALEJANDRO HERNÁNDEZ**  
VIOLINOS II **ÁLVARO PINTO, MIGUEL GONÇALVES, MARIA OLIVEIRA**  
VIOLA **LÚCIO STUDER**  
VIOLONCELO **ANA RAQUEL PINHEIRO**  
FAGOTE **CAROLINO CARREIRA**  
CONTRABAIXO **JEAN-MICHEL FOREST**  
OBOÉ I **PEDRO CASTRO**  
OBOÉ II **NATÁLIA WAHNON**  
TROMPA I **JÉROME ARNOUF**  
TROMPA II **TRACY NABAIS**  
CRAVO I **MARCOS MAGALHÃES**  
CRAVO II **MARTA ARAÚJO**

## Programa

*La spinalba Ovvero  
il Vecchio Matto,*  
1739

**Ópera em III actos  
de Francisco António  
de Almeida**  
(1702-1755)

## A ópera no tempo de D. João V

A ópera, durante o Antigo Regime, funcionava como um espelho do ambiente de corte. A *opera seria* dissemina-se pelas cortes de toda a Europa principalmente pelo estatuto de arte monárquica. Representativa de poder e prestígio. Também o papel que a música assume no reinado de D. João V (1706-1750) é o de instrumento privilegiado de propaganda. Estava assim de acordo com as cúpulas de poder que mais o inspiram. Tanto o rei Luís XIV como o imperador Leopoldo I, seu sogro, tinham na música uma estratégia de representação pública de todo o prestígio de ambos. Mas em Portugal era a música litúrgica considerada mais digna para o propósito. Nem poderia deixar de o ser. A visibilidade que D. João V reclama para si é aquela que só Roma detém. De algum modo a importância que a ópera observa em Roma, neste período, é replicada em Portugal mas numa escala bastante reduzida.

A primeira metade do século XVIII observa, em Portugal, a constituição de um modelo absolutista de governação. A via por que esta transformação se opera, relaciona-se sobretudo com a expansividade do fanatismo religioso da personalidade de D. João V. A isto não será estranho que, durante todo o seu reinado, o influxo de ouro vindo do Brasil tivesse sido cada vez maior. Por outro lado a conjuntura política, principalmente a partir do fim da Guerra da Sucessão Espanhola (1713), garantia a estabilidade necessária para a afirmação crescente do soberano tanto no país, como no mapa europeu. A estratégia que adopta é a do reforço da organização da Igreja. Uma vez que o rei encima a sua hierarquia, quanto mais poder reclama para ela, mais poder acaba por abraçar. Este objectivo tem

na diplomacia um veículo preponderante. Tanto o conjunto de embaixadas sumptuosas a Roma, como a presença da armada na derrota dos turcos na Batalha de Matapan (1717), fazem com que a notoriedade do monarca vá crescendo. Através do papa Clemente XI a Capela Real torna-se Colegiada em 1710. Seis anos depois passa a Patriarcal. A elevação a esta dignidade faz com que o próprio capelão do rei seja também o patriarca. Coerentemente a prática musical sofrerá mudanças que a identificarão cada vez mais com a da Capela do Papa. É bastante significativo o facto de ter sido contratado o mestre-de-capela do sumo pontífice, Domenico Scarlatti (1685-1757), que deixou as funções da Capela Giulia em 1719. É também neste ano que é imposto o Rito Romano na Capela Real. Em termos musicais resultou na importação de livros litúrgicos, partituras e contratação de excelentes músicos vindos do Vaticano.

Até aqui a criação musical em Portugal estava remetida para o isolamento de uma estética ibérica seiscentista. A ideia de formar uma Roma Lusitana terá na música uma série de iniciativas que visam actualizar a sua dinâmica ainda que centrada sobretudo na Capela Real. A renovação participa também de processos e métodos de ensino dentro e fora de Portugal. Em 1713 é criada a escola de música da Capela Real. Pouco tempo mais tarde será denominada por Seminário da Patriarcal. Com os fundos da Patriarcal, os seus melhores alunos serão enviados a Roma como bolseiros. António Teixeira, Joaquim do Vale Mexelim, João Rodrigues Esteves e Francisco António de Almeida terão assim oportunidade de estudar com os melhores mestres do barroco romano. É uma prova da nova mentalidade científica

e de abertura a novos modelos artísticos que se vai instalando em Portugal. Mas enquanto, noutras áreas, ela ocorre fora da esfera religiosa, a música permanece dentro.

Neste quadro a música profana não encontra, de facto, condições para assumir o relevo que detinha nas cortes europeias desde o século anterior. Mas era Roma que interessava a D. João V emular. Até à altura em que são enviados os bolseiros, a cidade papal nunca tinha conhecido uma relação amistosa com a ópera. Sendo um espectáculo de Carnaval, ela foi, na passagem para o século XVIII, alvo de várias medidas proibitivas pela autoridade papal. Era sobretudo como entretenimento privado que ia subsistindo. Assim os espectáculos decorriam nos palácios de individualidades como as soberanas exiladas Cristina da Suécia e Maria Casimira da Polónia, os cardeais Pamphili e Otoboni e o príncipe Francesco Maria Ruspoli. A corte portuguesa tratará de acolher a ópera justamente na base do entretenimento privado. O local era o Paço da Ribeira e as datas que se seguem demonstram o fraco interesse que o rei tinha no género. É provável que a primeira representação que se assistiu remonte a 1721. Talvez com música de D. Scarlatti. Note-se que, por esta altura, G. F. Handel fazia já fortuna em Londres compondo *opera seria* para um público burguês bastante alargado. Contudo é mais seguro afirmar que a primeira ópera, ou *dramma comico da cantarsi*, a ser levada à cena foi *La pazienza di Socrate*, com música de Francisco António de Almeida e com libreto de Alexandre de Gusmão, secretário do rei. No Carnaval de 1733. Toda a música profana tocada na corte era de carácter privado. Outros géneros dramáticos, como as serenatas e cantatas, eram interpretados principalmente nos aposentos do rei e da rainha.

LEGENDAGEM EM PORTUGUÊS

M / 12 ANOS

DURAÇÃO APROXIMADA DE 2H20

C / INTERVALO ENTRE O 2.º E O 3.º ACTOS

Ao contrário das outras cortes, a portuguesa prefere o género cómico. Ao deslocar a importância da música, como instrumento representativo de poder, para o lado religioso, a ópera não carecia dessa função.

Assim só os círculos do rei e da rainha, Maria Ana da Áustria, estavam autorizados a assistir. Só excepcionalmente haveria convidados. Mas quando isto acontecia eram relegados para os bastidores.

A ópera não se destinava directamente para eles. Os libretos cómicos, com personagens de classes sociais inferiores, permitiam que a aristocracia pudesse troçar à vontade sem se rever em nenhum dos eventos passados em palco. Só isto revela o carácter hermético da sociedade portuguesa de então: a aristocracia não se dá com a nobreza que, por sua vez, não se dá com a burguesia. A forma como se configurava a oferta musico-teatral em Lisboa reflecte isto mesmo.

A Academia da Trindade era destinada principalmente à nobreza ainda que, ocasionalmente, contasse com eclesiásticos no público. Aqui sim, era interpretada opera seria. Coerentemente com a sua perspectiva sobre o teatro musical, D. João V terá assistido, incógnito, a um espectáculo. Claro que oficiosamente. As classes inferiores tinham, também desde 1733 na Casa dos Bonecos do Bairro Alto, a oportunidade de assistir às óperas cujos libretos de António José da Silva, o Judeu, faziam bastante sucesso. Somente seis óperas foram desempenhadas na corte, durante este reinado. O rei raramente assistia, certamente por estar muito ocupado com a construção do maior palácio conventual à época Mafra. Não assistiu à *La Spinalba*.



## Francisco António de Almeida

(1722-1755)

Sabe-se pouco da vida deste compositor, organista e cantor. Esteve activo entre 1722 e 1752. Algumas datas esparsas permitem-nos apenas ter uma ideia geral da sua trajectória artística e de vida. Terá estado em Roma pelo menos a partir de 1722. Foi o ano em que a sua oratória *Il Pentimento di Davidde* foi interpretada na Igreja de S. Girolamo della Carita. Em 1724 terá frequentado a academia que Pier Leone Ghezzi organizava. Ao elaborar o único retrato conhecido do português, este pintor e caricaturista não deixou de enaltecer as suas qualidades de compositor e de cantor. *La Giuditta*, outra oratória, tomou lugar no Oratorio dei Filippini na Chiesa Nuova. Aconteceu em 1726, ano em que regressa a Portugal para, provavelmente, vir a ocupar o posto de organista da Patriarcal. Participa portanto na dinâmica representativa da música religiosa. Verá a sua serenata *Il Trionfo della virtù* ser desempenhada como celebração da elevação à dignidade de cardeal de D. João da Mota e Silva. Isto no ano de 1728. Cinco anos depois *La Paziienza di Socrate* estreia no Paço pelo Carnaval. Desta primeira ópera em estilo italiano em Portugal só se conserva o manuscrito relativo ao terceiro (último) acto. O libreto tinha como base um texto de Nicolò Minato que serviu como poeta da corte de Leopoldo I. A produção deste poeta estava em actualização por parte de compositores como Handel, J. A. Hasse e G. F. Telemann. Compôs mais duas óperas para o Paço: *La Finta Pazza*, em 1735, e *La Spinalba*, quatro anos depois. Esta é a única que sobrevive completa. Tanto a produção de música religiosa como a teatral obedecem a uma qualidade superior de escrita. Juntamente com António Teixeira, Carlos Seixas e João Rodrigues Esteves, Francisco António de Almeida integra o grupo dos compositores portugueses mais importantes do seu tempo.

O período em que estuda em Roma é marcado pela mudança das políticas restritivas em relação

à ópera. A partir de 1720, a cidade começa a conhecer uma certa dinâmica comercial. Os teatros, que até aí eram fechados ou destruídos por ordem papal, começam a providenciar uma actividade constante. Os teatros Capranica e Alibert dão prova cabal disto. Este último foi mesmo objecto de um alargamento para a temporada de Carnaval de 1726, sendo renomeado como Teatro delle Dame. Reabre com *Didone Abbandonata* sendo a música de L. Vinci e libreto de P. Metastasio. Tratou-se do primeiro deste poeta que viria a ser o mais importante para o género durante todo o século XVIII. Os compositores mais em voga eram F. Gasparini, A. M. Bonocini, A. Caldara e sobretudo A. Scarlatti. Estes, entre 1710 e 1722, assinaram mais de metade das óperas ouvidas em Roma. Tanto do ponto de vista musical como poético era também uma época de transição. A. Scarlatti tinha já desenvolvido a forma musical da ária da capo, cujo efeito era o de fornecer o clímax emotivo no fim de cada cena. Metastasio começa nesta altura a fixar as convenções literárias próprias da ópera e que servirão de modelo para inúmeros compositores. Em suma, Roma, apesar de tudo, inscreve-se no quadro de mudanças verificadas na ópera e que têm como resultado a sistematização de todo um estilo. A proveniência deste relaciona-se com Veneza e Nápoles. Não é por acaso que a música do compositor português tem muito que ver com a de G. B. Pergolesi (1710-1736), por exemplo. São aqueles, de resto, os centros irradiadores do estilo musical secular que se pratica na Europa no barroco tardio. Assim, Francisco António de Almeida toma contacto com a génese do idioma da ópera do século XVIII e transporta-o para cá. Para além dos géneros profanos e religiosos já mencionados, escreve também uma missa e vários motetes. Infelizmente grande parte da sua obra perdeu-se por via do terramoto de 1755. É provável que também ele aí tenha perecido.

# La Spinalba Ovvero il vecchio matto

## Dramma comico da rappresentarsi in musica

A denominação de ópera para as representações musicos-teatrais só ganha uniformidade ao longo do século XVIII. Termos como *dramma per musica*, *commedia per musica* ou *dramma comico da rappresentarsi in musica* coexistiam sem prejuízo do conceito por que hoje a conhecemos. Neste caso é correcto afirmar que se trata da ópera mais antiga escrita por um português que se conserva na íntegra. O libreto é de autoria anónima, sendo de admitir a hipótese de ter sido escrito pelo próprio compositor. *La Spinalba* segue as regras da escola napolitana da época. Três actos precedidos de uma abertura (*Overtura*) também em três andamentos: *Presto*, *Andantino a mezza voce* e *Minuet*. Trata-se de uma comédia de enganos amorosos com um final feliz (*lieto fine*) na forma de um coro em que todos participam. As oito personagens fazem parte da galeria de tipos cómicos italianos. Spinalba aparece como uma mulher disfarçada de homem (Florindo); Vespina é a sua criada esperta; Elisa, a eterna apaixonada; Togno, o criado; Leandro e Ippolito como os pretendentes patéticos; Dianora, a velha; Arsenio, o velho louco. No meio disto existe ainda uma poção que cura. Não falta também a moral da história que se relaciona com a importância da amizade e com a aprendizagem da vida através dos males de amores. Os três actos estruturam-se através das cenas em que a intriga decorre por intermédio dos recitativos. Cada uma das cenas é rematada com uma ária da capo. A sua função é a de captar o momento mais emotivo do argumento no afecto vivido pela personagem que a canta. Como se a acção aí se detivesse. Serve também para permitir o efeito dramático da sua saída de cena. A forma da capo diz respeito a uma estrutura bipartida da ária. Depois de um *ritornello* (instrumental), a primeira estrofe do texto (A) ocupa a secção mais importante. A melodia segue um contorno mais demonstrativo tanto da criatividade do compositor, como dos dotes

vocais do intérprete. A segunda estrofe (B) tem um carácter mais discreto. A sua duração é também muito mais curta. Finda esta secção volta ao início (da capo). Repete então a primeira estrofe (A) ou apenas o *ritornello*. Uma fonte da época relata que *La Spinalba* estreou no domingo, 25 de Janeiro de 1739, no teatro que se montava temporariamente no Paço da Ribeira. Terá durado cerca de quatro horas e, mercê do rigoroso protocolo da corte, apenas teve como público o conde da Ericeira e alguns criados. Dos bastidores terão assistido não mais que quatro membros da nobreza. Passará ao esquecimento. Mas já no início do século XX, o teórico francês Albert Lavignac reserva-lhe uma entrada elogiosa na sua *Encyclopédie de la musique et Dictionnaire du Conservatoire* (Paris, 1920-1931): “Pela análise desta partitura, verificamos a existência de uma escrita muito hábil, um bom desenvolvimento melódico, sem os floreios de que se abusou mais tarde, e uma certa unidade modulatória que não é corrente nos compositores desta época. A primeira audição moderna aconteceu em 1965 no S. Carlos, por intermédio da Orquestra de Câmara Gulbenkian. Foi apresentada em Roma e Paris três anos depois. Em 1969 a mesma orquestra gravou *La Spinalba* para a editora Philips. Valeu o Grand Prix da Académie National du Disque Lyrique. Infelizmente esta edição em vinil encontra-se esgotada. Entre as décadas de 1980 e 1990 foi objecto de novas encenações em Londres e Paris. Voltou à cena, novamente no S. Carlos, em 1993.

# Sinopse

## I Acto

Dianora, a madrastra de Spinalba, pede-lhe explicações em relação a esta querer-se ausentar de casa durante quinze dias e estar vestida de homem. Confidencia-lhe que assim pode acompanhar de perto Ippolito, a quem ainda ama mas por quem foi abandonada. Ainda que apreensiva em relação à reacção do pai, Dianora deixa-a partir. Quando Arsenio chega, a esposa mente-lhe dizendo que a sua filha foi sozinha, e portanto disfarçada para se proteger, até casa da prima Elisa. Esta, ao chegar, denuncia a falsidade e Arsenio enfurece-se. A sua honra foi tocada. Elisa, por sua vez, confessa à criada Vespina que está apaixonada por Florindo (Spinalba sob disfarce) e que nada sente pelos seus pretendentes Ippolito e Leandro. Ippolito reafirma o seu amor por Elisa e tenta fazer de Vespina uma aliada para influenciar a patroa e decepçiona-se por nada conseguir da criada. Surge uma barca com Togno, que vem cantarolando, e Leandro. Este encarrega o criado de levar uma mensagem a Elisa. Entretanto, Dianora acerca-se de Togno e pergunta-lhe por Spinalba, uma rapariga vestida de homem. Chega a vez de Arsenio fazer a mesma pergunta. Para troçar do velho louco, Togno diz que a viu e diverte-se com Vespina da partida que fez. Mas Ippolito surpreende Togno confundindo-o com um pretendente rival. Exige saber o que ele faz ali. Aquele aflige-se não sabendo o que responder. Mas Spinalba (aliás Florindo) chega a tempo de o salvar. Aproveita para tentar convencer o seu antigo namorado a não andar atrás de Elisa porque esta nunca poderá gostar de alguém que abandonou Spinalba.

## II Acto

Dianora, assustada com a loucura do marido, pede a Elisa que convença o tio de que Spinalba regressará em breve. Elisa pede opinião sobre o caso a Vespina mas esta nada

diz. Leandro e Ippolito desafiam-se para um duelo mas Elisa aparece para acalmar os ânimos. Arsenio, cada vez mais transtornado, confunde Togno com Caronte, o barqueiro mitológico que transportava as almas para a outra margem do rio dos mortos, e depois de desenhar um círculo imaginário para que não se escapasse, pede-lhe que o leve. Mas Togno consegue afastar-se, assustado, da loucura do velho e conta tudo a Vespina, pedindo-lhe que o ajude a poder sair do círculo. Esta troça do coitado mas promete-lhe um encontro, mais tarde, no jardim. Arsenio, sem sair do seu delírio mitológico, confunde a criada com Calíope, uma das musas que o irá acompanhar. Elisa, ingénua, declara o seu amor por Florindo. Já durante a noite, Togno vem ter com Vespina acompanhado por Dianora que procura o marido. Arsenio continua a perder o juízo.

## III Acto

Spinalba pede a Togno que interceda junto de Leandro, não o deixando ir embora. Dianora e Elisa combinam com Togno que este se mascarar de médico para tentar curar Arsenio. Dianora finalmente revela a verdade sobre Florindo a Elisa que, com arrependimento, começa a pensar no seu antigo amor Leandro. Este fica confundido com as verdadeiras intenções de Elisa mas acaba por se acalmar. Enquanto isso, Arsenio dá cada vez mais largas à demência. Canta, dança e por fim adormece. Será acordado por Togno, já disfarçado, e isso fá-lo zangar-se. Tanto que Togno volta a fugir de perto do velho e, ainda de médico, encontra Vespina. Aproveita para lhe dirigir galanteios. Ela confessa ao doutor que sente que Togno não a ama. Ele arranca imediatamente o disfarce e dá-se a reconciliação. Dianora consegue abrandar a fúria de Arsenio dizendo-lhe que a filha está para chegar. De seguida toda a intriga se resolve: Spinalba desculpa-se perante o pai, Leandro volta para Elisa, Dianora acalma-se por ver o marido de volta ao normal, e Ippolito aceita novamente o amor de Spinalba.

## La Spinalba

### I Atto

#### Scena 1

DIADORA  
*[Ferma] Spinalba.*

SPINALBA  
*Lasciami se m'ami.*

DIANORA  
*Che lasciarti? Testarda, cervellina.*

*[SPINALBA  
Deh, non mi strascinar.]*

DIANORA  
*Vuoi, che davvero ti sgraffi il viso  
in guisa tal, che alcuno mai più ti riconosca?  
Dove fosti quindici intieri giorni?  
Queste vesti donde l'avesti tu?  
Parla.  
[Vè come muta il colore.  
Io voglio soffocarti con queste mani.  
Se non sei mia Figlia, come tal t'educai.  
Quando ritorna tuo Padre, che dirà?  
Son'io, che devo renderne conto.]*

SPINALBA  
*Per pietà sospendi l'ira un momento,  
che di mie sventure io nulla tacerò.*

*[DIANORA  
Sentiam.]*

SPINALBA  
*Sovvienti dell'Ospite Romano,  
che un lustro è già,  
nelle Toscane mura trasse di belli arredi  
Nobile e ricca merce?*

DIANORA  
*E in nostra casa  
più d'un anno albergò, che si chiamava...*

SPINALBA  
*Ippolito*

*[DIANORA  
Sì, sì, già mi sovviene.  
E ben?]*

*[SPINALBA  
(Ahi rimembranza)]*

DIADORA  
*[Pára] Spinalba.*

SPINALBA  
*Deixa-me, se me amas.*

DIANORA  
*Como deixar-te? Teimosa, desmiolada.*

*[SPINALBA  
Por favor, não me arrastes.]*

DIANORA  
*Queres, de verdade, que te arranhe o rosto de tal modo,  
que ninguém mais te reconheça?  
Onde estiveste nos últimos quinze dias?  
Estas roupas, onde as arranjaste?  
Fala.  
[Vês como coram as tuas faces.  
Quero sufocar-te com estas mãos.  
Se não és minha Filha, como tal te eduquei.  
Quando chegar teu Pai, que dirá?  
Sou eu quem lhe deve prestar contas.]*

SPINALBA  
*Por piedade, suspende a ira um momento,  
que das minhas desventuras nada calarei*

*[DIANORA  
Ouçamos.]*

SPINALBA  
*Lembras-te do Hóspede Romano,  
há já um lustro,  
para a Toscânia trouxe belas mobílias,  
nobre e rica mercadoria?*

DIANORA  
*E na nossa casa  
mais de um ano ficou hospedado, como se chamava...*

SPINALBA  
*Ippolito.*

*[DIANORA  
Sim, sim, já me lembro.  
E então?]*

*[SPINALBA  
(Ai, lembrança)]*

[ ]

Sem prejuízo da coerência do argumento e por razões relacionadas com a duração total de *La Spinalba*, a versão levada aqui à cena apresenta alguns cortes. Estes estão indicados por parêntesis rectos.

DIANORA  
Dove vai?  
Se tu fuggi un'altra volta,  
questa t'arriverà

SPINALBA  
Non fuggo; ascolta.  
[Allor semplice il core  
Amor non conosceva.]

[DIANORA  
Andiamo avanti.]

SPINALBA  
[Al dolce tratto, alla gentil maniera,  
all'onestà del nobil suo costume  
restai priva di me;]  
l'amai, s'avvidde dell'amor mio,  
mi corrispose, e prima di rivolgere il piede  
al patrio tetto, giurommi eterna fè, sincero affetto.  
Al fin parti l'ingrato:  
[in qualche foglio di mentita costanza  
i segni espresse, con cui mi consolai:  
ma nell'inganno poco rimasi;  
già tre giri il sole compì,  
da che tacendo l'infedele schernisce  
i pianti miei, le mie querele.]

[DIANORA  
(Già mi muove à pietà)]

SPINALBA  
Or, ch'il destino qui ci ha condotti,  
io deggio ò cara Madre cercare il traditor;  
le sue menzogne vò rinfacciarle,  
vò chiamarlo ingrato, spergiuro, ingannator.  
[Senza rossore, se m'hà così schernita,  
di mia costanza e dia mia fè tradita.]

DIANORA  
[Non t'affligger così.  
Senti]: che pensi ora di far ?

SPINALBA  
[Ho già pensato.]  
Il tempo che m'invola da te,  
spesi con lui, stato e, nome mentii,  
finsi mendicITÀ;  
[di sua azienda vò registrando i lucri.]  
Non tralascio talor ne' suoi deliri  
rammentarle Spinalba ; ma che?  
Come se mai sia stata alle pupile oggetto,  
non che al corrisponde, (oh pena)  
che del suo nome or si ricorda appena.

DIANORA  
Dunque lascialo andar.  
Chi non ti vuole, di te degno non è.

DIANORA  
Onde vais?  
Se foges outra vez,  
esta sentirás na pele.

SPINALBA  
Não fujo; escuta.  
[Então, o (meu) simples coração  
Amor não conhecia.]

[DIANORA  
Continua.]

SPINALBA  
[Ao doce trato, aos modos educados,  
à honestidade dos seus nobres hábitos,  
me abandonei;]  
amei-o, apercebendo-se ele do meu amor  
correspondeu-me, e antes de regressar à casa  
paterna, jurou-me eterna fidelidade, sincero afecto.  
Finalmente partiu, o ingrato:  
[numa carta jurou falsa constância,  
com que me consolei:  
mas no engano, pouco tempo fiquei;  
apenas três ciclos completara o sol,  
desde que em silêncio, o infiel escarneceu  
das minhas lágrimas, das minhas angústias.]

[DIANORA  
(Já sinto pena.)]

SPINALBA  
Agora, que o destino aqui nos conduziu,  
eu devo, ó querida Mãe, procurar o traidor;  
as suas mentiras quero lançar-lhe à cara,  
quero chamar-lhe ingrato, perjuro, enganador.  
[Sem rubor, se assim escarneceu de mim,  
da minha constância e fé traída.]

DIANORA  
[Não te aflijas assim.  
Escuta]: o que pensas agora fazer?

SPINALBA  
[Já pensei].  
O tempo em que estive afastada de ti,  
Passei-o com ele, vestida assim,  
com um falso nome e fingindo pobreza;  
[de seus negócios, vou registando os lucros.]  
Não deixo, nos seus delírios,  
de lhe recordar Spinalba: mas quê?  
É como se ela nunca tivesse sido objecto da sua afeição,  
ou ao seu coração correspondido: (oh pena)  
nem do seu nome já quase se lembra.

DIANORA  
Então deixo-o ir.  
Quem não te quer, de ti digno não é.

SPINALBA  
Madre amorosa, solo per questo di,  
se pur non vuoi, sia l'ultimo per me,  
lascia ch'io vada;  
Io vò svelarmi a lui..

[DIANORA  
E se mai torna Arsénio, che dirò?]

[SPINALBA  
Tanto crudeli non saran meco i Dei.]

DIANORA  
[Vanne; ma pensa, in che angustia mi lasci.]  
Non correr col furor che ti consiglia,  
ricordati chi sei, e à chi sei figlia.

[SPINALBA  
Oh cieli! E al mio malgrado or son costretta  
a tante offese mie cercar vendetta.]

## Aria di Spinalba

Con quante lusinghe l'infido incostante  
m'accrebbe i martiri, con quanti sospiri  
mi seppe ingannar.  
Perchè mi costringe frà queste catene  
se in braccio alle pene, m'avea da lasciar.

## Scena 2 Arsenio e Dianora

[ARSENIO  
Lode al ciel che pur giunsi,  
O' a, rimanga tutto laggiù  
che poi nei luoghi destinati  
s'avrà di ripartir.]

[DIANORA  
(Oh me meschina, come l'hò da placar?)]

ARSENIO  
Dianora.

DIANORA  
Addio.

ARSENIO  
Cos'è? Tu sei turbata?  
[Come qui ti ritrovo?]  
Spinalba come sta?

SPINALBA  
Mãe amorosa, só por este dia,  
se não queres que seja para mim o último,  
deixa que eu vá.  
Quero revelar-me a ele.

[DIANORA  
E se Arsénio voltar, que lhe direi?]

[SPINALBA  
Tão cruéis não serão comigo os deuses.]

DIANORA  
[Vai, mas pensa, pensa em que angústia me deixas.]  
Não deixes que o furor te guie,  
lembra-te quem és, e de quem és filha.

[SPINALBA  
Ó céus! E contra a minha vontade  
sou agora obrigada a procurar vingança  
para as minhas ofensas.]

Com quanta lisonja o falso inconstante  
aumentou o meu martírio,  
com quantos suspiros me soube enganar.  
Porquê me prendeu com estas correntes  
se nos braços da tristeza me haveria de deixar?

[ARSENIO  
Louvado seja o céu consegui chegar,  
Fique lá tudo e, mais tarde,  
tudo se haverá de repartir  
para os lugares onde se destina.]

[DIANORA  
(Oh miséria, como o hei-de acalmar?)]

ARSENIO  
Dianora.

DIANORA  
Bom dia.

ARSENIO  
Que se passa? Estás perturbada?  
[Porque te encontro aqui?]  
Como está Spinalba?

DIANORA  
[[Chi vuol sentirlo?]]  
Stò qui per aspettarla.

ARSENIO  
Dunque in casa non è?

DIANORA  
Volle da Elisa accostarsi e trescar.  
Sono fanciulle.

ARSENIO  
Ma con chi la mandasti?

DIANORA  
Andò sola, e così?

ARSENIO  
Oh bem: poco ti manca per un secolo d'anni,  
e à tuo parere van le ragazze sole?

DIANORA  
Subito alli strapazzi.  
Io non l'avrei mandata così sola,  
se sembrasse fanciulla.

ARSENIO  
E che ti sembra Vecchia, come sei tu?

DIANORA  
Dico che sembra un' uomo.

ARSENIO  
Và con abiti d'uomo?  
Oh Arsenio svergognato.  
Perchè non è tua Figlia tu la mandi così?  
Che ti consumi il fuoco, la saetta  
vecchiaccia, stregonaccia maledetta.

DIANORA  
Elà non accostarti.  
Scostumataccio, ingrato :  
dieci mila fiorini, che t'hò portato in casa  
t'han levato da cenci,  
ed or questo mi rendi?  
Eh lo conosco, vuoi vedermi morir.  
Non dubitare: le nostre liti presto finiranno,  
e la mia morte, ti trarrà d'affanno.

### Aria di Dianora

Quando m'avrai perduta  
allor mi piangerai,  
e questo ch'or mi fai, poi ti dispiacerà  
Verrà quel tempo, che sospirando  
ognora dirai: ò mia Dianora;  
ma non risponderà.

DIANORA  
[[Quem quer ouvi-lo?]]  
Estou aqui à sua espera.

ARSENIO  
Então não está em casa?

DIANORA  
Quis visitar Elisa e com ela falar.  
São jovens.

ARSENIO  
Com quem a mandaste?

DIANORA  
Foi sozinha. E então?

ARSENIO  
Muito bem! Pouco te falta para teres cem anos  
E na tua opinião as moças vão sozinhas?

DIANORA  
Logo a repreender-me.  
Eu não a teria mandado sozinha,  
se parecesse uma moça.

ARSENIO  
E que te parece, uma velha como tu?

DIANORA  
Digo que parecia um homem.

ARSENIO  
la vestida de homem?  
Oh! Arsenio sem vergonha.  
Como não é tua Filha deixa-la ir assim?  
Que te consuma o fogo, um raio te atinja, velha  
má, bruxa maldita.

DIANORA  
Não te aproximes.  
Homem sem maneiras, ingrato:  
dez mil florins trouxe eu para esta casa  
que te tiraram da miséria,  
e assim me recompensas?  
Eh, eu bem sei. Queres ver-me morta.  
Não duvides: as nossas zangas cedo terminarão  
e a minha morte trar-te-á alívio.

Quando me tiveres perdido,  
então chorar-me-ás  
O que agora me fazes, depois lamentarás.  
Virá o tempo em que suspirando sempre  
dirás: ó minha Dianora  
mas ela não te responderá.

## Scena 3

### Arsenio, Elisa e Vespina

ARSENIO  
Veramente m'avvedo, che son troppo focoso;  
Ora è ben fatto, che vada a ripigliar quella zerbina.  
Ma vien l'Elisa, avrò di lei novella.

ELISA  
Del vostro lieto arrivo quanto godo ò Signor.

[VESPINA  
Ed altrettanto me ne rallegro anch'io,  
perchè vi vedo sempre più sano e bello,  
come foste un ragazzo.]

[ARSENIO  
Di quanto, per tua fè?]

[VESPINA  
Di quindici anni: mal'occhio non ci posa.]

[ARSENIO  
Oh, tanto giovinetto non sono.]

ELISA  
V'accresca sempre il Ciel giorni felici,  
perchè possiate con paterno amore,  
meco le veci far del Genitore.

ARSENIO  
Elisa, [tu bem sai, che a questo fine  
Firenze abbandonai.]  
Sei Figlia al mio Germano,  
avrò di te pensier, come tu fossi  
la medesima Spinalba.  
Ma dite, ella è rimasta sola collà?

VESPINA  
Chi?

ELISA  
Dove?

ARSENIO  
Spinalba in vostra casa.

ELISA  
In mia casa non è, ne mai la vidi.

ARSENIO  
Mà può star'ancora, ch'ella l'abbia ingannata.  
[Ed a che fine? Dove voleva andar?]  
Eh, voi scherzate, non mi tenete a bada.

ARSENIO  
Na verdade, reconheço que estou demasiado irado;  
Mais sensato agora é eu ir buscar aquela peralvilha.  
Mas eis que chega Elisa, pedir-lhe-ei notícias dela.

ELISA  
Como estou contente pela vossa chegada, Senhor.

[VESPINA  
Eu igualmente me alegre porque vos vejo sempre  
são e bonito  
como se fosseis um rapaz.]

[ARSENIO  
De quantos anos, na tua opinião?]

[VESPINA  
De quinze anos, se não me engano.]

[ARSENIO  
Oh, tão novo assim não sou.]

ELISA  
Lhe dê sempre o Céu dias felizes,  
para que possais com paternal amor,  
fazer as vezes de Pai para mim.

ARSENIO  
Elisa, [tu bem sabes,  
que foi por isso que deixei Florença.]  
És filha de meu Irmão,  
cuidarei sempre de ti  
como se fosses Spinalba.  
Mas dissei, ela ficou sozinha em vossa casa?

VESPINA  
Quem?

ELISA  
Onde?

ARSENIO  
Spinalba, em vossa casa.

ELISA  
Em minha casa não está, nem a vi.

ARSENIO  
Mas também pode ser que tenha sido enganada.  
[Mas porquê? Onde quereria ir?]  
Eh, brincais. Não me façais perder tempo.

[ELISA  
Così poco credete ai detti miei?]

VESPINA  
Andate, andate che ve n'accerterete.

ARSENIO  
Dunque è vero?  
Oh sventurato me, oh sorte iniqua;  
che s'alspetta dai Figli!  
[Giuro che se la trovo,  
n'ho da far tale scempio,  
che ne rimanga in Roma un nuovo esempio.]

[VESPINA  
No, caro il mio vecchietto]

[ARSENIO  
Eh vanne viaa]

[ELISA  
Deh, non pensate al peggio, chi sà...]

ARSENIO  
Ch'hò da pensar?  
[Penso che Roma tutta sconvolgerà,  
fin che l'arrivo.]  
Penso, che mal'io vivo,  
se vivo senza onor, pur che la trovo  
vadan le robbe, perdasi la testa.

VESPINA  
Troppo furor.

ELISA  
Soverchia smania è questa.

## Aria di Arsénio

Eh, t'accheta, t'accheta: udir non voglio,  
chi mi prega, ò mi consiglia:  
io son Padre, ell'è mia figlia,  
e cagion del mio rossor.  
Vò spogliarmi ogni pietà.  
Soffrir deggio in questa età  
de tal vergogna, e disonor?

## Scena 4

Elisa e Vespina

[ELISA  
Vespina, che ti par?]

[VESPINA  
Che vuol parermi?  
Ei non si sdegna a torto.]

[ELISA  
Tão pouco acreditais nas minhas palavras?]

VESPINA  
Ide, ide e verifícai vós mesmo.

ARSENIO  
Então é verdade?  
Oh desventurado, ó sorte iníqua;  
o que nos fazemos os Filhos!  
[Juro que se a encontro  
vou puni-la de tal modo  
que para toda a Roma servirá de exemplo.]

[VESPINA  
Não, meu caro velho.]

[ARSENIO  
Eh, ide embora]

[ELISA  
Por favor, não penseis o pior, quem sabe...]

ARSENIO  
Que devo eu pensar?  
[Penso virar do avesso toda a Roma até a encontrar.]  
Penso que viver sem honra não é viver.  
Perca eu os haveres e a cabeça  
mas que a encontre.

VESPINA  
Tanta fúria

ELISA  
Que excessiva inquietação.

“Acalma-te, acalma-te”, ouvir não quero  
quem me prega ou me aconselha.  
Eu sou Pai, ela é minha Filha  
e a razão da minha vergonha.  
Quero despojar-me de toda a compaixão.  
Terei eu de sofrer com esta idade tamanha  
vergonha e desonra?

ELISA  
Altro che amore tali scherzi non fà.  
Credimi, anch'io provo per mio Florindo  
tant'angoscia, tal'or, ch'apenna soffro  
le sue dimore.  
Ei viene ambasciator d'Ippolito,  
e non vede, che Ippolito e Leandro  
io non curo per lui.

VESPINA  
Ed a me sembra  
ch'egli non curi voi.

ELISA  
Starà d'un' altra i disprezzi a soffrir.

VESPINA  
Per un' ingrato l'altra si struggerà;  
son tutti infine mal contenti in amor.  
Io, siate certa, che non voglio impazzar  
con queste follie.

[ELISA  
Mà non sempre si può ciò che si vuole.]

VESPINA  
Ecco Ippolito appunto.

[ELISA  
Oh, che importuno, partiam.]

## Scena 5

Ippolito, Elisa e Vespina

IPPOLITO  
Ferma Elisa.  
E sarà ver, che ne per un momento  
mi puoi soffrir?  
[Tanti disprezzi alfine, e la mia fede,  
e' mio verace affetto,  
dovriam qualche pietà destarti in petto.]  
Rispondi.

[ELISA  
Per Florindo non udisti i miei sensi?]

[IPPOLITO  
De' tuoi detti fù fido apportator.  
Ma questa volta voglio udirti da te.]

ELISA  
Outro que não amor, tais brincadeiras não faz.  
Acredita-me, também eu às vezes sinto  
pelo meu Florindo tanta angústia, tanta dor, que mal  
suporto a sua demora.  
Ele é secretário de Ippolito  
e não vê, que de Ippolito e de Leandro  
não me interessa. Ele só me interessa.

VESPINA  
E a mim parece-me  
que ele não se interessa por vós.

ELISA  
Sofrerá pelo desprezo de qualquer outra mulher.

VESPINA  
Por um ingrato a outra se consumirá.  
São todos, enfim, infelizes no amor.  
Eu, estai certa, não quero enlouquecer  
nestas loucuras.

[ELISA  
Nem sempre se pode aquilo que se quer.]

VESPINA  
Eis, de facto, Ippolito.

[ELISA  
Oh, que importuno. Vamos.]

ELISA  
Dunque m'ascolta.  
Degn'è d'affetto la tua costanza,  
sei vago oggetto di mille amori;  
mà ch'io t'adori non lo sperar.  
Per te non sento d'amor la face,  
chi al cor non piace, non si può amar.

ELISA  
Então escuta-me.  
Digna é de afecto a tua constância,  
és vago objecto de mil amores;  
mas que eu te adore – não esperes.  
Por ti não sinto o prazer do amor,  
quem ao coração não agrada  
não se pode amar.

---

## Scena 6

Ippolito e Vespina

IPPOLITO  
*(Che barbaro rigor! Si vide mai più  
inumano costume ?  
[In qual Ircana selva,  
o Nemea rupe nacque mai costei ?]  
Qual tigre l'educò?  
[Aimè, con tanti prieghi, sospiri e pianti,  
solcai nell'onda e coltivai l'arena].)*

[VESPINA  
*Oh che soave amor, che dolce pena.]*

[IPPOLITO  
*E tu di cruda donna  
Ancella più spietata in questa ghisa  
deridi i miei martir?]*

[VESPINA  
*Lo tolga il Cielo. Io ridermi di voi?]*

[IPPOLITO  
*Qualche conforto dunque mi porgi almeno.  
Dì? Sarà sempre Elisa sorda alle mie preghiere?]*

[VESPINA  
*Mi par... Mi par che sì.]*

[IPPOLITO  
*Non avrà mai pietà delle mie pene ?]*

[VESPINA  
*Cred'io ... Cred'io che nò.]*

[IPPOLITO  
*Morto mi brama?]*

[VESPINA  
*Or questo non lo sò.]*

IPPOLITO  
*E tal sollievo rechi, crudele, al mio penar?*

IPPOLITO  
*(Que bárbaro rigor! Alguma vez se viu  
atitude mais inumana?  
[Em que hircânica selva ou  
Nemeu penhasco nasceu esta mulher?]  
Que tigre a educou?  
[Ai de mim, com tantas preces com tantos suspiros  
e prantos sulquei na onda e cultivei a arena].)*

[VESPINA  
*Oh que suave amor, que doce pena.]*

[IPPOLITO  
*E tu de cruel mulher  
serva sem piedade,  
zombas assim do meu martírio?]*

[VESPINA  
*Céus! Eu, zombar de vós?]*

[IPPOLITO  
*Algum conforto me dás ao menos?  
Diz? Será sempre Elisa surda às minhas preces?]*

[VESPINA  
*Acho ... acho que sim.]*

[IPPOLITO  
*Nunca terá piedade do meu sofrimento?]*

[VESPINA  
*Creio ... creio que não.]*

[IPPOLITO  
*Morto me deseja?]*

[VESPINA  
*Isso eu não sei.]*

IPPOLITO  
*Esse é o alívio que trazes, cruel, ao meu penar?*

VESPINA  
*Ah, voi volete, che da quel duol,  
che si vi tiene oppresso,  
com dolci detti io vi consoli ?  
Adesso.*

## Aria di Vespina

*Siete voi della Signora  
il pensier più dolce, e grato:  
di quel core innamorato,  
siete l'unico piacer.  
Ma se fede a me prestate,  
v'inganate, non è ver.*

VESPINA  
Ah, vós quereis, que daquela dor,  
que tanto vos oprime,  
com doces palavras eu vos console?  
Então...

Vós sois da Senhora  
o pensamento mais doce e grato:  
daquele coração enamorado,  
sois o único prazer,  
mas se acreditardes em mim  
enganais-vos, não é verdade.

---

## Scena 7

Ippolito

*Non lo diss'io?  
Son reso favola de' fanciulli.  
Crudelissima elisa, t'intendo sì;  
tu di novelle ardore accesa sei.  
Ma delle tue follie, vigile osservator  
quando men credi, il rival troverò.  
[Tremi chiunque intorno a quelle mura  
incauto muove il piè.  
Sugl'occhi tuoi io vò strapparle il core,  
che un'oltraggiato amor, divien furore.]*

## Aria di Ippolito

*Lieve fiamma, che semplice e cheta  
gode lieta del pascolo usato.  
Se vien scossa dagl'urti del vento irritato  
l'altero elemento, forma incendi, diventa maggior.  
Tutto abbatte con fremito orrendo;  
e stridendo sormonta le cime,  
finche opprime l'ingiusto offensor.*

Eu não disse?  
Tornei-me história de crianças.  
Crudelíssima Elisa, entendo-te sim.  
Nova chama arde em teu coração.  
Mas das tuas loucuras vigilante observador, quando  
menos esperares o rival encontrarei.  
[Trema aquele que à volta desses muros  
incauto ponha o pé.  
Sob os teus olhosvou arrancar-lhe o coração.Pois  
ultrajado amor em furor se transforma.]

Suave chama, que simples e calma  
se alimenta do pasto usado.  
quando agitada pelos golpes do vento irritado  
o altivo elemento, forma incêndios,  
cresce desmesuradamente.  
Tudo abate com frémito horrendo; e sibilando  
alcança os cumes até oprimir o injusto ofensor.

---

## Scena 8

Leandro e Tognò

## Aria di Leandro

*1. Dicea la Madre di me zelosa,  
tutta amorosa, non ti partir.  
2. Poscia la nonna, la vecchia accorta,  
disse: son morta senza di te.*

1. Dizia a Mãe por mim zelosa  
toda amorosa, não partas.  
2. depois a avó, sábia velha disse,  
sem ti eu morro.

1. Meco il tuo Padre, dolce visetto  
Figlio diletto, vedrai morir, sì, sì.  
2. La mia colenna, l'appoggio mio si parte,  
oh Dio, lungi da me.

TOGNO  
Poi tutti uniti...

[LEANDRO  
Olá Togno t'accheta.  
Già della vaga Elisa  
Siamo presto al giardino.]

[TOGNO  
Smonta, padrone.  
Ed io perche la barca non se ne vada a spasso,  
voglio legarla aqui.]

[LEANDRO  
Pur ti riveggo albergo venturoso,  
che ascondi il mio bel Sol,  
fosse sorte propizia al mio desir,  
ch'in quest'istante giungesse à consolarmi.]  
Togno.

TOGNO  
Son qui.

LEANDRO  
Vanne da Elisa, e dille  
che'l suo fedel Leandro  
l'attende nel giardino.

TOGNO  
Non vuoi che anch'io,  
pel giubbilo che sento,  
a' queste piante faccia un complimento?

[LEANDRO  
T'affretta.]

[TOGNO  
Oh vaghe fronde, oh piante deliziose,  
Oh frutta saporosa, superbissimo tebro,  
Profondissima Roma...]

[LEANDRO  
Eh via finisci.]

[TOGNO  
Non mi fate sbagliar: io vi saluto;  
E tutto il mio valor v'offro in tributo.  
Ora men vado.]

LEANDRO  
Aspetta.  
(Fia meglio il differir.)  
Mentre io mi porto a rassettar l'albergo  
tu favella ad Elisa:  
Di, ch'io vengo à fermar qui le piante,  
per vivere, e morire à lei costante.

1. Teu Pai e eu, doce rosto  
filho dilecto, verás morrer, sim, sim  
2. A minha coluna, o meu apoio,  
parte ó Deus, afasta-se de mim.

TOGNO  
Todos unidos ...

[LEANDRO  
Quietos aí, Togno.  
Já perto estamos  
do jardim da bela Elisa.]

[TOGNO  
Descei, Senhor.  
Eu, para que a barca não fuja  
quero amarrá-la aqui.]

[LEANDRO  
Revejo-te albergue venturoso,  
que escondes o meu belo Sol,  
fosse a sorte propícia ao meu desejo,  
e neste instante me consolasse.]  
Togno.

TOGNO  
Estou aqui.

LEANDRO  
Vai ter com Elisa e diz-lhe  
que o seu fiel Leandro  
a espera no jardim.

TOGNO  
Não quereis que também eu,  
pelo júbilo que sinto,  
a estas plantas faça um cumprimento?

[LEANDRO  
Despacha-te.]

[TOGNO  
Ó bela folhagem, ó plantas deliciosas,  
Ó fruta saporosa, soberbo Tibre,  
Profunda Roma...]

[LEANDRO  
Pára com isso.]

[TOGNO  
Não me façais enganar: eu saúdo-vos;  
E todo o meu valor vos ofereço em tributo.  
Agora vou.]

LEANDRO  
Espera.  
(é melhor não me precipitar)  
enquanto eu vou tratar da estalagem  
tu falas com Elisa:  
diz-lhe que eu vou aqui assentar,  
para viver e morrer fiel a ela.

## Aria di Leandro

*Dille che'l primo oggetto fu  
degli affetti miei:  
dille che pria vorrei  
l'anima spirar dal petto,  
che di lei privo il cor.  
Rammentale l'affanno,  
con cui l'abbandonai:  
dille che piansi assai,  
che qui mi trasse amor.*

Diz-lhe que ela foi o primeiro objecto  
dos meus afectos:  
diz-lhe que preferiria  
a alma expirar do peito  
que ficar sem o seu coração.  
Recorda-lhe a angústia,  
com que a deixei:  
Diz-lhe o quanto chorei  
e como o amor aqui me trouxe.

## Scena 9 Togno (recitativo)

*Prima d'andar, vediam se mi sovviene  
questa bella imbasciata.  
Dille che'l primo oggetto  
con cui l'abbandonai...  
nò, non va bene.  
Dille, che piansi assai...  
Oh testa d'asino. L'anima spirar...*

Antes de ir, vejamos se me lembro desta bela men-  
sagem  
Diz-lhe que o primeiro objecto com que a abando-  
nei ...  
Não, não está bem.  
Diz-lhe que chorei tanto ...  
Oh cabeça de burro. A alma expirar ...

## [Scena 10 Dianora]

[DIANORA  
Buon' uomo t'aiuti il Cielo.]

[DIANORA  
Bom homem, que o céu te ajude.]

[TOGNO  
Ed ancor lei, madama  
in che l'hò da servir?]

[TOGNO  
A si também, madame,  
em que a posso servir?]

[DIANORA  
Siete Francese?]

[DIANORA  
Sois francês?]

[TOGNO  
Nò: io son di Firenze, e son Romano,  
ed hò molto che far.]

[TOGNO  
Não, eu sou de Florença e sou Romano,  
E tenho muito que fazer.]

[DIANORA  
Non v'adirate: il vostro nome?]

[DIANORA  
Não vos irriteis: o vosso nome?]

[TOGNO  
Togno Guastaferrì, ed hò molto che far.]

[TOGNO  
Togno Guastaferrì, e tenho muito que fazer.]

[DIANORA  
Eh compatite.  
Quanto temp'è, che siete in questo luogo?]

[DIANORA  
Eh, desculpai.  
Há quanto tempo estais neste lugar?]

[TOGNO  
(Quante dimande.)  
E cio che importa a lei?]

[DIANORA  
Ah se sapessi... basta.  
Và dispersa per Roma  
una fanciulla travestita da uomo.  
Or mi fu detto, che per questi giardini  
più volte s'è veduta...]

[TOGNO  
E a saper questo chiedi s'io son Francese?  
Questa che vai cercando,  
non ho vista, ne udità.]

[DIANORA  
(Dove la troverò? Io son spedita.)]

[TOGNO  
Cì mancava costei a stordirmi di più.  
Or via da capo.  
Dille, che'l pri...]

[TOGNO  
(Quantas perguntas.)  
E a si que lhe importa?]

[DIANORA  
Ah se soubesse ... chega.  
Está perdida em Roma,  
uma menina vestida de rapaz.  
Ora disseram-me que foi vista  
nestes jardins várias vezes ...]

[TOGNO  
E para saber isso  
pergunta-me se sou francês?  
Essa que procura, eu não vi, nem ouvi.]

[DIANORA  
(Onde a encontrarei? Eu sou esperta.)]

[TOGNO  
Só me falta esta a aturdir-me ainda mais.  
Agora, do princípio.  
Diz-lhe, que o primeiro ...]

## [Scena 11 Arsenio e Togno]

[ARSENIO  
Di grazia galantuomo,  
vedesti qui per sorte una donzella  
in abito virile?]

[TOGNO  
(Oh questa è bella.)  
ah sì, una ragazza giusto adesso  
meo parlò.  
Corri per quel sentiero,  
che la raggiungerai.]

[ARSENIO  
(Or sì, che di mia man non scapperai.)]

[TOGNO  
Una ragazza di cent'anni,  
quanti forse n'hai tu.  
Ma se m'han fatto uscir tutto di testa.]

[ARSENIO  
Galante Senhor,  
viste aqui, por acaso, uma donzela  
vestida de homem?]

[TOGNO  
(oh, esta é boa.)  
Ah sim, uma jovem acabou  
de falar comigo.  
Correi por aquele caminho  
que a alcançareis.]

[ARSENIO  
(Agora sim, às minhas mãos não escaparás.)]

[TOGNO  
Uma rapariga de cem anos,  
quantos provavelmente tu terás.  
Fizeram-me esquecer tudo de novo.]

## Scena 12 Vespina e Togno

[VESPINA  
Chi stà la nel Giardin?]

TOGNO  
(Sarà mai questa?)  
O galantuomo aspetta.  
Ei corre con tre piè, come saetta.]

VESPINA  
Mà tu chi stai chiamando vorrei sapere?

[TOGNO  
Un vecchio, che cerca una fanciulla.]

[VESPINA  
Dunque son io?  
Non so chi mi trattiene...]

[TOGNO  
Ah nò: tanto rigor, mal ti conviene.]

VESPINA  
Sappiam perchè venisti.

TOGNO  
Vedi quella barchetta?

[VESPINA  
E ben?]

TOGNO  
Con quella, e con quel remo  
attraversai per l'onda,  
e approdai con Leandro  
in questa sponda.

VESPINA  
Leandro! Egli vien forse a riveder' Elisa?

TOGNO  
E come il sai?

VESPINA  
Son la sua cameriera, sò tutto.

TOGNO  
E se sai tutto, vè se sapessi ancor  
ciò che m'impose, ch'io dicessi ad Elisa?

VESPINA  
[[oh, com'è goffo.]]  
egli avrà detto: dille ...

TOGNO  
Dille che'l primo oggetto...

[VESPINA  
Quem está no jardim?]

TOGNO  
(Será esta?)  
Oh, galante senhor, esperai.  
Ele corre a sete pés, como uma seta.]

VESPINA  
Eu gostaria de saber quem está a chamar?

[TOGNO  
Um velho, que procura uma rapariga.]

[VESPINA  
Serei eu?  
Não sei quem me detém ...]

[TOGNO  
Ah, não: tanto rigor não lhe fica bem.]

VESPINA  
Vamos saber porque vieste.

TOGNO  
Vês aquele barco?

[VESPINA  
E então?]

TOGNO  
Com aquele barco e com aquele remo  
atravessei a onda,  
e desembarquei com Leandro  
nesta margem.

VESPINA  
Leandro! Será que vem ver Elisa?

TOGNO  
E como sabes?

VESPINA  
Sou a sua criada, sei tudo.

TOGNO  
Se sabes tudo, vè se sabes também  
o que me mandou dizer à Elisa?

VESPINA  
[[oh, como é desajeitado.]]  
ele terá dito: diz-lhe ...

TOGNO  
Diz-lhe que o primeiro objecto ...

VESPINA  
*Che primo oggetto?*

TOGNO  
*Oh ti perdoni il Cielo:  
già mi tornava in mente.*

VESPINA  
*(Che gusto.)  
Egli avrà detto, ch'Elisa fu l'oggetto  
de' primi affetti suoi.*

TOGNO  
*È ver.*

VESPINA  
*Che torna costante nel suo amor.  
Che pria vorrebbe morir, ch'abbandonarla.*

TOGNO  
*Tutto è vero.  
Tu sai più che le Muse.  
Or già ch'è questo, diglielo tu:  
ch'io t'auguro del Cielo ogni gioia e contento.*

VESPINA  
*Glielo dirò.  
(ma sarà sparso al vento.)*

TOGNO  
*Questa accorta ragazza farà ben  
l'imbasciata. Or l'ora è tarda;  
andiamo dal padrone  
a' torre un bocconcin di colazione.*

VESPINA  
*Que primeiro objecto?*

TOGNO  
*Oh, que Deus te perdoe!  
Estava quase a lembrar-me.*

VESPINA  
*(Que gosto.)  
Ele terá dito que Elisa foi  
o objecto dos seus primeiros afectos.*

TOGNO  
*É isso.*

VESPINA  
*Que regressa, fiel no seu amor.  
Que preferiria morrer, a abandoná-la.*

TOGNO  
*Tudo certo.  
Tu sabes mais que as Musas.  
Ora, já que é assim, diz-lhe tu isso  
e eu desejo-te que o Céu te dê toda a alegria e felicidade.*

VESPINA  
*Eu digo-lho.  
(mas será espalhado ao vento)*

TOGNO  
*Esta ajuizada rapariga  
cumprirá a missão. A hora já vai adiantada.  
Vamos ter com o Senhor  
e pedir-lhe algo de comer.*

[IPPOLITO  
*Eh già m'accorgo ...]*

[TOGNO  
*Pietà, pietà.]*

[IPPOLITO  
*Favella. ]*

[TOGNO  
*Ma che maniera è questa?]*

[IPPOLITO  
*Già vuoi morir?]*

[TOGNO  
*Pietà!]*

SPINALBA  
*Signor, t'arresta.*

[IPPOLITO  
*Agora percebo ...]*

[TOGNO  
*Piedade, piedade!]*

[IPPOLITO  
*Fala.]*

[TOGNO  
*Que modos são estes?]*

[IPPOLITO  
*Queres morrer?]*

[TOGNO  
*Piedade!]*

SPINALBA  
*Senhor, paraí.*

## Recitativo e Aria di Togo

*E vuoi ammazzarmi Signor; e perchè?  
Ti placa, t'accheta, mi lascia, ti ferma  
non corre'e all' armi, non tanto furor.  
E quando son morto, che sperí da me ?  
pensando ch'a torto volesti svenarmi,  
verrò com'un ombra per darti terror.*

Quereis matar-me Senhor, e porquê?  
Aplacai-vos, acalmai-vos, deixai-me, paraí,  
não recorreis às armas, não vos zangueis  
E quando eu morrer, o que esperais de mim?  
Pensando, que sem razão me quisestes cortar as veias,  
Eu virei como uma sombra para vos aterrorizar.

## Scena 13

Ippolito, Togo e Spinalba

IPPOLITO  
*Alto là traditor.  
Non ti concedo ne un momento a pensar.  
Dimmi, à qual fine giungesti qui?*

TOGNO  
*Signor non v'alterate.*

[ IPPOLITO  
*Dì tosto.]*

[TOGNO  
*Ora aspettate: voi fareste sbalestrar' un Catone.]*

IPPOLITO  
*Alto lá traidor.  
Não te concedo nem um momento para pensar.  
Diz-me para que vieste aqui?*

TOGNO  
*Senhor, não vos zangueis.*

[ IPPOLITO  
*Diz-me já.]*

[TOGNO  
*Esperai agora: Vós derrubaríeis até Catão.]*

## Scena 14

Spinalba e Ippolito

SPINALBA  
*Ma, mi scusa Signor, donde tant' ira?  
Tante smanie perchè?*

IPPOLITO  
*Odi Florindo: i disprezzi d'Elisa  
son giunti a tal ch'infine io la credo infedele;  
e sin che giunga a trovar quell'audace  
ch'a rapirmela aspira, io non hò pace.*

SPINALBA  
*Nasceran quei disprezzi talor d'altra cagion.*

IPPOLITO  
*Qual sarà mai?*

SPINALBA  
*Desculpai-me Senhor, porquê tanta ira?  
Tanta inquietação porquê?*

IPPOLITO  
*Oh Florindo: o desprezo de Elisa é tal  
que acho agora já a acho infiel, e até encontrar o  
audaz  
que aspira a roubar-ma, não terei paz.*

SPINALBA  
*Tal desprezo nasce às vezes por outro motivo.*

IPPOLITO  
*E qual seria?*

SPINALBA

*Sarà noto ad Elisa quell'affetto,  
ch'un tempo a Spinalba portasti,  
saprà che le giurasti eterna fedeltà ;  
che l'abbandoni senza ragioni ;  
ond'il tuo amor per lei è oggetto di timor.  
T'aborre e sprezza, che serbi un'alma,  
ai tradimenti avezza.*

IPPOLITO

*Che parlar è mai questo?  
Onde in te nasce tal passion per Spinalba ?  
Come tanto t'è noto ?  
[Ti dico il ver, che al volto, al gesto, al moto  
sembri Spinalba stessa.]*

[SPINALBA

*No, no, troppo lontana è Spinalba da te:  
ma i torti suoi tant'occulti non son,  
che non li sappia e la Toscana e Roma.  
Quindi è che'l tuo Florindo, e di quella  
Infelice, e di tue pene sente pietà.]*

IPPOLITO

*Se così fido sei, e degl' affanni miei  
pietà ti muove, di ciò non mi parlar.  
Torna al mio bene,  
d'ogni tema e sospetto  
tu le sgombra il pensier:  
di ch'a Spinalba per amor suo mancai;  
che no'l detesti, se'l commisi per lei,  
sifatto errore: che mia colpa non fù,  
ma sol d'amore.*

## Duetto de Spinalba e de Ippolito

SPINALBA

*Son questi i giuramenti?  
È questa la mercede, che prometesti un dì?*

IPPOLITO

*Crudel, che mi rammenti?  
Io voglio serbar fede a' lei, che m'invaghi.*

SPINALBA

*E sprezzò il caro bene.*

IPPOLITO

*E godi alle mie pene?*

SPINALBA E IPPOLITO

*Dove si vide, quando s'intese, oh Dio,  
più barbaro desio, più strana crudeltà!*

SPINALBA

*E pur quella infelice  
per te si strugge ancor.*

SPINALBA

Será do conhecimento de Elisa o afecto,  
que um tempo a Spinalba dedicaste,  
saberá que lhe juraste eterna fidelidade;  
que a abandonaste sem motivo;  
e o vosso amor é para ela objecto de temor.  
Sente por vós aversão e desprezo  
porque pareceis uma alma habituada a trair.

IPPOLITO

Que maneiras de falar são essas?  
Porque nasce em ti tal paixão por Spinalba?  
Como sabes tu tanto?  
[Na verdade, no rosto e nos gestos, nos movimentos  
pareces a própria Spinalba.]

[SPINALBA

*Não, não. Spinalba está muito longe de vós:  
Mas as vossas tristezas, tão occultas não são  
que ela não as conheça e a Toscânia e Roma.  
Por isso o vosso Florindo sente pena daquela infeliz  
e das vossas penas piedade.]*

IPPOLITO

Se estás tão confiante  
e se das minhas penas tens piedade  
não me fales disso.  
Vai ter com o meu amor.  
de todo o temor e suspeita,  
liberta-lhe o pensamento.  
Diz-lhe que deixei Spinalba pelo seu amor,  
que não me deteste, se cometi por ela tal erro,  
que não foi culpa minha, mas do amor.

SPINALBA

*São estes os juramentos?  
É esta a mercê que prometeste um dia?*

IPPOLITO

*CrUEL, que me recordas?  
E quero ser fiel a ela, que me seduziu.*

SPINALBA

*E desprezas a tua amada.*

IPPOLITO

*Alegras-te com as minhas penas?*

SPINALBA E IPPOLITO

*Desde quando, ó Deus! Onde já se viu desejo  
mais bárbaro mais estranha crueldade!*

SPINALBA

*E contudo aquela infeliz  
por vós morre de amor ainda.*

IPPOLITO

*Se brama esser felice,  
dille che cangi amor.*

SPINALBA

*Ma se pietà non hai,  
Ah dimmi ed in quel petto  
speri ritrovar pietà?*

IPPOLITO

*Col mio sincero affetto  
spero trovar pietà?*

IPPOLITO

Se deseja ser feliz,  
diz-lhe que mude de amor.

SPINALBA

Mas se não tendes piedade,  
ah, dizei-me, naquele peito  
esperais encontrar piedade?

IPPOLITO

Com o meu sincero afecto  
espero encontrar piedade?

## II Atto

### Scena 1

Dianora, dopo Elisa e Vespina

DIANORA

*Oh disperata me, oh me infelice,  
come farò? Chi mi darà soccorso?  
Io son perduta affatto.*

VESPINA

*Cos'è?*

ELISA

*Che avvenne?*

DIANORA

*Il mio marito è matto.*

[ELISA

*E sarà ver?]*

[DIANORA

*Così non fosse. Oh Cielo,  
oh mia nemica sorte: ben potevi,  
se dovevo restar priva d'aita,  
pria di torle il cervel, tormi la vita.]*

[VESPINA

*E rimedio non hà?]*

[ELISA

*Scorger fà d'oupo donde ciò vien.]*

DIANORA

Oh como estou desesperada e infeliz  
O que hei-de fazer? Quem me poderá ajudar? Es-  
tou de facto perdida.

VESPINA

O que foi?

ELISA

O que aconteceu?

DIANORA

O meu marido enlouqueceu.

[ELISA

*Será verdade?]*

[DIANORA

*Antes não fosse. Oh, Céu  
Oh sorte inimiga: Bem podias  
se tinha de ficar sem ajuda, antes de lhe tirares  
o juízo a ele, tirares-me a mim a vida.]*

[VESPINA

*E não há remédio?]*

[ELISA

*Necessário é descobrir de onde vem o mal.]*

DIANORA

*La fugga di Spinalba l'hà levato di sesto.  
Da che venne così stracco, e mal concio,  
ei non n'a preso ne riposo ne cibo.  
Oro tentai con dolci, e confetture  
indurlo a sostentarsi: ma l'involve  
in un panno di lino, e fuggi via.  
[(Ah che la colpa è mia.)  
Se lo sentissi ti farebbe pietà.  
Or piange, or ride, or si lagna,  
or minaccia, e va dicendo  
cose del terzo Ciel, ch'io non l'intendo.]  
Cara Elisa, se mai per sorte giunge qui,  
tu lo trattieni col tuo dolce parlar.  
Di che Spinalba viene spesso da te;  
che tuo pensiero sarà di riportarla;  
che pende dal tuo cenno;  
forse così si rimettesse a senno.*

## Aria di Dianora

*Tu'l consola, tu l'invola del sentier  
di tanti affanni;  
son comuni i nostri danni,  
se s'affretta il suo morir.  
Cerca ancor che s'alimenti,  
con gustar cibo opportuno:  
pria ch'istenti, ed il digiuno  
lo riducano a languir.*

## Scena 2

Elisa e Vespina

ELISA

*Quanto mi fa pietà.*

[VESPINA

*Sento per lui un interno disgusto,  
che non sò spiegar,  
quanto era caro il povero vecchieto.]*

ELISA

*Odi Vespina: sia cura tua,  
se'l vedi, portalo a me;  
lusingalo, l'accerta, che meco è la sua Figlia,  
talor lo crederà.*

VESPINA

*Ma di quest'altra già non s'ode novella?  
Forse avrà fatto anch'ella come il vostro Leandro,  
ch'abbandonò la Patria, e'l genitore,  
per non abbandonar l'antico amore.*

DIANORA

*A fuga de Spinalba fê-lo perder o juízo.  
Desde então anda assim, abatido e mal vestido,  
não descansa nem se alimenta.  
Ora, eu já tentei com doces e compotas levá-lo  
a alimentar-se, mas embrulhou-se  
num pano de linho e fugiu.  
[(Oh, a culpa é minha)  
se o ouvisses, far-te-ia pena.  
Ora chora, ora ri, ora se lamenta, ora ameaça  
e vai dizendo coisas do terceiro Céu  
que eu não compreendo.]  
Querida Elisa, se por sorte ele passar por aqui,  
retém-no com as tuas doces palavras.  
Diz-lhe que Spinalba vem muitas vezes a tua casa  
e que cuidarás fazê-la regressar.  
Pendente das tuas notícias  
talvez assim recupere o juízo.*

Consola-o, aparta-o do caminho  
de tantas angústias;  
são comuns os nossos prejuízos,  
se se apressa a morrer.  
Tenta que se alimente,  
com boa comida  
antes que as privações e o jejum  
o façam definhir.

ELISA

*Quanta piedade sinto.*

[VESPINA

*Sinto por ele enorme desgosto  
que não sei explicar.  
Como me era caro o pobre velho.]*

ELISA

*Ouve Vespina: Será tua tarefa, se o vires,  
trazê-lo até mim;  
lisonjeia-o, convence-o de que a Filha está comigo,  
talvez acredite.*

VESPINA

*Mas dela já não se ouvem notícias?  
Talvez tenha feito como o vosso Leandro  
que deixou a Pátria e o pai  
para não abandonar o antigo amor.*

ELISA

*E pur col mio Leandro?  
Io non lo bramo, anzi vorrei,  
che mi lasciasse in pace.*

VESPINA

*Ma perchè?*

ELISA

*Per Leandro non sent'odio, ne amor.  
Qual'è quell'alma, che sù de propri affetti  
tenga sicuro il freno?  
Nol posso amar.*

[VESPINA

*Lo compatite almeno.]*

ELISA

*E sobre o meu Leandro?  
Já não o desejo, de facto,  
eu queria que me deixasse em paz.*

VESPINA

*Mas porquê?*

ELISA

*Por Leandro não sinto ódio, nem amor.  
Qual é a alma que os próprios afectos  
pode dominar?  
Não o posso amar.*

[VESPINA

*Tende compaixão, ao menos.]*

## Scena 3

Leandro, Ippolito e Elisa

LEANDRO

*Vaga Elisa.*

IPPOLITO

*Mio ben.*

LEANDRO

*(Chi è mai costui?)*

IPPOLITO

*(Sarà questi il rival?)*

LEANDRO

*Con qual'ardire chiami Elisa tuo ben?*

[IPPOLITO

*Chi ti condusse nelle stanze d'Elisa?]*

[LEANDRO

*Le mie ragioni.]*

IPPOLITO

*Ah, temerario.*

[LEANDRO

*Ah, folle.]*

[IPPOLITO

*Il tuo destin s'affretta.]*

LEANDRO

*E che s'attende? All' armi.*

LEANDRO

*Bela Elisa.*

IPPOLITO

*Meu amor,*

LEANDRO

*(Quem é este homem?)*

IPPOLITO

*(será este o rival?)*

LEANDRO

*Com que audácia chamas a Elisa teu amor?*

[IPPOLITO a Leandro

*Quem te conduziu aos aposentos de Elisa?]*

[LEANDRO

*Isso é comigo.]*

IPPOLITO

*Ah, temerário.*

[LEANDRO

*Ah, louco.]*

[IPPOLITO

*O teu destino aproxima-se]*

LEANDRO

*O que espera? Às armas.*

IPPOLITO  
Alla vendetta.

ELISA  
Ippolito, t'arresta.  
Olá Leandro ferma.  
Donde in voi nasce constanto ardir?  
Son io per cui pugname?  
E dell'arbitrio mio  
tocca a me giudicare.  
[È mia l'impresa di decidere ormai  
sì gran contesa.]

Aria di Elisa  
Sia ver che si desti frà voi tal cimento ?  
Tu mai mi piacesti,  
te già non rammento,  
e gl'arbitri siete di mia libertà?  
Un'alma, che intende gli arcani d'amor,  
giammai non contende sul genio d'un core,  
che forza non soffre, che legge non ha.

IPPOLITO  
À vingança.

ELISA  
Ippolito, pára.  
Pára Leandro.  
De onde vos vem tamanha audácia?  
Sou eu por quem lutais?  
Ao meu arbitrio tocará julgar.  
[É minha responsabilidade  
decidir agora tão grande contenda.]

Será possível que tenha despertado  
entre vós tal temeridade?  
Tu nunca me agradaste  
de ti já não me recordo,  
e os árbitros sois da minha liberdade?  
Uma alma que compreende  
os segredos do amor  
não contesta o génio de um coração  
que força não padece, que lei não tem.

IPPOLITO  
Oh, quanto era diversa un di.

LEANDRO  
Ma dimmi, amico, ti corrispose mai  
questa donna in amor?

[IPPOLITO  
Se m'ingannava nol sò;  
ma ]lungo tempo ascoltò i miei sospiri,  
mi compati, m'accolse.  
Or compie appena la luna un picciol giro  
che mi sprezza, e mi fugge,  
ne so per chi l'infido cor si strugge.]

### Aria di Ippolito

Volle talor per gioco,  
regnar sopra'l mio cor,  
per bizzaria talor volle piagarmi.  
Ma l'amoroso foco, s'accrebbe,  
e senza freno non lascia  
per qual sen di tormentarmi.

IPPOLITO  
Oh, como era diferente antigamente.

LEANDRO  
Mas, dizei-me amigo, alguma vez te correspondeu  
esta mulher em amor?

[IPPOLITO  
Se me engana, não sei;  
mas ]durante muito tempo ouviu os meus suspiros,  
compadeceu-se, recebeu-me.  
Agora, mal a lua completou um ciclo  
despreza-me e escapa-me, não sei  
por quem se angustia o infiel coração.]

Quis então por jogo,  
reinar no meu coração,  
por capricho quis atormentar-me.  
Mas o amoroso fogo,  
cresceu e sem freio,  
não deixa de me atormentar.

## Scena 4

Leandro e Ippolito

[LEANDRO  
(Che intesi!)]

IPPOLITO  
(Che ascoltai!)

[LEANDRO  
(Sogno o son desto!)]

[IPPOLITO  
(Sempre così crudel?)]

LEANDRO  
(Così m'accoglia?)

[IPPOLITO  
(Che tirannia!)]

[LEANDRO  
(Che tradimento è questo?)]

IPPOLITO  
Leandro e per costei tu vuoi pugnar?

LEANDRO  
Ippolito, e costei merta l'onor dell'ire nostre?

[LEANDRO  
(O que ouvi!)]

IPPOLITO  
(O que escutei!)

[LEANDRO  
(Sonho ou estou acordado!)]

[IPPOLITO  
(Ela é sempre assim cruel?)]

LEANDRO  
(Assim me recebe?)

[IPPOLITO  
(Que tirania!)]

[LEANDRO  
(Que traição é esta?)]

IPPOLITO  
Leandro, e por esta mulher queres lutar?

LEANDRO  
Ippolito, esta mulher merece a honra das nossas iras?

## Scena 5

Leandro e dopo Togno

LEANDRO  
(E) Sia ver, che l'ingrata con tanti tradimenti  
manchi alle sue promesse, ai giuramenti?  
Infelice Leandro! E perchè mai  
son trattato così ?  
Io non prezzai per lei stento, ò fatica :  
lasciai la Patria antica,  
ove nacqui, ove crebbi :  
il Genitore abbandonai piangente  
senza conforto, in quella età cadente.  
Ed ora il premio è questo della mia fedeltà?

TOGNO  
Signor...

LEANDRO  
Che rechi? Il battello ove stà?  
Vanne l'appresta, ch'io, m'accingo a partir.

TOGNO  
Giungemmo adesso, e volete...

LEANDRO  
(E) será verdade, que a ingrata  
com tantas traições, falte às suas promessas,  
aos seus juramentos?  
Infeliz Leandro! E porque é que  
sou tratado assim?  
Por ela não evitei dificuldades ou fadiga,  
deixei a Pátria antiga onde nasci, onde cresci  
O Pai abandonei chorando, sem consolo,  
naquela adiantada idade.  
E agora, o prémio é este, da minha fidelidade?

TOGNO  
Senhor ...

LEANDRO  
Que trazes? Onde está o barco?  
Vai e prepara-o que estou pronto para partir.

TOGNO  
Acabámos de chegar e quereis ...

LEANDRO  
Non più,  
tosto si fugga questa terra crudel:  
si fugga un'alma ricetta d'empietà:  
che di se stessa non ha orror, ne rimorso.  
Delli suoi falli il corso, qual già l'incominciò,  
prosegua, e adempia,  
un'infedele una spergiura, un'empia.

Aria di Leandro  
Detesto il momento, in cui la mirai,  
l'aborro, mi pento, che fede serbai  
a un'alma spergiura, a un perfido cor.  
E dove s'intese più barbara sorte,  
più forte sventura, d'un fido amator?

LEANDRO  
Basta, fujamos imediatamente  
desta terra cruel:  
Fujamos desta alma cheia de impiedade:  
que de si própria não sente horror, nem remorso.  
Dos seus erros o caminho, conforme já o começou,  
prossiga e cumpra,  
uma infiel, uma perjura, uma impia.

Detesto o momento em que a vi,  
tenho horror, arrependo-me  
fidelidade guardei a uma alma perjura  
a um pérfido coração.  
E onde se viu mais bárbara sorte  
maior desventura, de um fiel adorador?

ARSENIO  
Di più? Tu sei Caronte.

TOGNO  
No! diss'io?

ARSENIO  
Che? vuoi negarlo?  
[Si che ben'io ti vidi colla barchetta, e'l remo cantar  
lieto e sicuro in mezzo all' onde, e andar vogando,  
e ricercar le sponde.]

TOGNO  
Or via, già mi vedesti, ed Acheronte io sono;  
un'altra volta discorrerem.

ARSENIO  
Ferma di grazia; ascolta:  
di cercar mia Figlia  
io non mi straccherò:  
[in qualche stanza degl'abissi più cupi  
sta nascosta talor; ma col suo mezzo  
osserverò per tutto.]  
Sai donde vengo adesso?

TOGNO  
Dall' ospedal.

ARSENIO  
Dai vortici più alti delle sfere celesti.

TOGNO (ridere)

ARSENIO  
No! credi?  
À questi segni ch'a dimostrar m'appresto,  
vedrai s'è vero.

TOGNO  
Oh ben. Che segno è questo?

ARSENIO  
Quest'è l'artico pólo.

TOGNO  
È un segno buono, e cordiale.  
E questo?

ARSENIO  
Ell'è una Zampa dell'orsetta minor.

TOGNO  
Non mi dispiace, è rinfrescante.  
E questa?

[ARSENIO  
La coda del dragone.]

ARSENIO  
Outra vez? Tu és Caronte

TOGNO  
Eu não disse?

ARSENIO  
O quê? Queres negá-lo?  
[Sim, eu bem te vi com o barco, e o remo,  
cantar feliz e seguro no meio das ondas,  
e ir remando a procurar as margens.]

TOGNO  
Ora bem, já me viste,  
E Acheronte eu sou: falaremos noutra altura.

ARSENIO  
Pára, por favor, escuta:  
De procurar minha Filha eu não me cansarei.  
[Em qualquer sitio dos abismos mais profundos está  
ela escondida, mas pelos teus meios, observarei  
tudo.]  
Sabes de onde venho agora?

TOGNO  
Do hospital.

ARSENIO  
Dos vórtices mais altos das esferas celestes.

TOGNO (ri)

ARSENIO  
Não acreditas?  
Com estes signos que me preparo  
para mostrar, verás que é verdade.

TOGNO  
Ah, lindo. Que signo é este?

ARSENIO  
Este é o Pólo Ártico.

TOGNO  
É um signo saboroso e agradável.  
E este?

ARSENIO  
É uma pata da Ursa Menor.

TOGNO  
Não me desagrada. É rinfrescante.  
E esta?

[ARSENIO  
A cauda do dragão.]

## Scena 6

### Togno e Arsenio

TOGNO  
[Oh Cieli, oh stelle, oh numi,  
e che funesta metamorfosi è questa?  
Se mai mi risolvo di farmi  
un grande eroico Romano,  
mai succedea caso sì acerbo e strano.]  
Pazienza. Andiamo adesso  
ad apprestar la barca.

ARSENIO  
Ferma amico.

TOGNO  
Che vuoi?

ARSENIO  
De' tuoi favori qu'est' è'l tempo opportuno.  
Ai Campi Elisi tu m'hai da trasportar.

[TOGNO  
Che Campi Alisi? Che dici?]

ARSENIO  
Eh, non celarti, che ti conosco sì.  
[Tu già non sei Minos, ne Radamento;  
ma ne' regni del pianto]  
sei Vassallo a Pluton.  
Tu sei, che passi ai lieti campi  
in varie forme, e volti,  
l'alme degl'insepolti.

TOGNO  
(Oimè, costui ha dato volta:  
io glielo leggo in fronte.)  
E chi son io?

TOGNO  
[Ó Céus, oh estrelas, oh numes,  
e que funesta metamorfose é esta?  
Se tivesse resolvido ser  
um herói romano,  
nunca me sucederia caso tão bicudo e estranho.]  
Paciência! Vamos  
preparar o barco.

ARSENIO  
Parai amigo.

TOGNO  
Que quereis?

ARSENIO  
Dos teus favores, este é o momento oportuno  
Aos Campos Elísios me haveis de transportar.

[TOGNO  
Que Campos Elísios? Que dizeis?]

ARSENIO  
Ei, não te escondas, que te conheço, sim.  
[Tu já não és Minos, nem Radamento,  
mas nos reinos do pranto,]  
és vassalo de Plutão.  
Tu és o que transporta aos felizes campos  
com várias formas e rostos,  
as almas dos insepultos.

TOGNO  
(Ai de mim, este homem é louco:  
posso lê-lo no seu rosto)  
É quem sou eu?

[TOGNO  
Oh questa puole farci del mal, mettiam la qui.]

ARSENIO  
Che fai? Tu divorando vai  
tutti i segni celesti?

TOGNO  
Non dubitare: e questi?

[ARSENIO  
I circoli del Cancro, e Capricorno.]

[TOGNO  
Hanno cattivo nome;  
non debbon comparir. Ma dimmi questa?]

ARSENIO  
È l'anfora codesta della sinistra man  
del segno acquario.

TOGNO  
Oh ti consoli il Ciel.  
Vedi se trovi lo Scorpione, i Pesci, e'l Saggiario.

ARSENIO  
[Vò compiacerti; or ora del bianco, e del vermiglio  
dell'aurora ecco due pezzi:  
della Lattea strada quest'è un sentier:  
son questi della Luna i due quarti mancanti.]  
Queste son stelle fisse, e queste erranti.  
Ecco lo Scorpione.  
Oimè, che fai? Oh ruina, ò scompiglio,  
ò terre inaridite, ò campi desolati.  
Ah sconzigliato, un'anfora volasti,  
ed or non pensi, che almen per cento Lustri  
la terra non avrà pioggia, ne umore.

[TOGNO  
E quando mai piovè si bel licore?]

ARSENIO  
Fuggiam, che per vendetta,  
non c'inghiotta la terra.

TOGNO  
E dove andrem?

ARSENIO  
Nol dissì? Ai Campi Elisi.

[TOGNO  
Eh che sei matto.]

ARSENIO  
Ferma: o di questa mia verga  
proverai la virtù?

TOGNO  
Bassa le mani.  
(che pazienza hò d'aver.)

[TOGNO  
Ah esta pode magoar-nos, metamo-la aqui.]

ARSENIO  
Que estás a fazer?  
Estás a devorar todos os signos celestes?

TOGNO  
Não duvides: e estes?

[ARSENIO  
Os círculos do Caranguejo e Capricórnio.]

[TOGNO  
Têm um nome feio.  
Não se devem mostrar. Mas conta-me desta?]

ARSENIO  
Esta é a ânfora da mão esquerda  
do Aquário

TOGNO  
Oh, que o Céu te console.  
Vê se encontras o escorpião, os Peixes e o Sagitário.

ARSENIO  
[Vou fazer-te a vontade; agora  
do branco e do vermelho,  
da aurora eis dois pedaços;  
da Via Láctea, este é um atalho;  
são estes da Lua os dois quartos que faltam.]  
Estas são estrelas fixas, e estas errantes.  
Eis o Escorpião.  
Ai de mim! Que fazes?  
Ó ruína, ó caos, ó terras cruéis, ó campos desolados.  
Ah, imprudente, uma ânfora quiseste, e agora não pensas,  
que pelo menos por cem Lustrós, a terra não terá chuva  
nem sustento.

[TOGNO  
E quando é que choveu tão bom licor?]

ARSENIO  
Fujamos, que por vingança, não nos engula a terra.

TOGNO  
E para onde iremos?

ARSENIO  
Eu não disse? Aos Campos Elísios.

[TOGNO  
És maluco.]

ARSENIO  
Pára, ou da minha bengala  
sentirás a virtude.

TOGNO  
Baixa as mãos.  
(que paciência eu tenho que ter.)

ARSENIO  
Perchè Spinalba nell'inferno maggior  
non mi ravvisi, io vado a travestirmi.  
Tu frattanto non partir di quà,  
se pur non vuoi  
sarmin tutte le furie, à danni tuoi.

## Aria di Arsénio

Re di Cocito grave, e severo,  
frena l'ardito folle Nochiero,  
se da quel circolo tenta d'uscir.  
E voi dell'Erebo spietate furie,  
fiera Tisifone, Aletto orribile  
il sen squarciate! se vuol fuggir.

ARSENIO  
Para que Spinalba no inferno maior  
não me reconheça, vou disfarçar-me.  
Tu, entretanto, não saias daqui  
se não quiseses  
sentir todas as fúrias e danações.

Rei Cócito, grave e severo,  
pára o audaz e louco Nochiero,  
se deste círculo tentar sair.  
E vós cruéis fúrias de Erebus  
orgulhosa Tisifone, horrível Aletto,  
o peito esquartejai se tentar fugir.

## Scena 7 Togno e dopo Vespina

TOGNO  
Grazie al Ciel, che parti ;  
ma m'è rimasto non sò che di timor ;  
chi sa se posso dal circolo scappar ?  
[Eh sì. D'un matto non si temon gl'incanti.  
E se per caso pria d'ammattir,  
sapea qualche magia?]  
Eh che questa è follia. Proviam prima col braccio.  
Fin qui và ben. Vediamo colla testa.  
Non vien nessuno.  
Il punto stà ne' piedi. Coraggio ò Togno.  
[Si ma non vorrei per esser troppo ardito,  
che qui venisse Aletto, ò il Rè Cocito.  
Proviamoci pian pian che sarà mai?]

VESPINA  
Chi è là?

TOGNO  
Oimè.

[VESPINA  
Che fai?]

## Aria e recitativo de Togno e Vespina

TOGNO  
Và sprofonda nell'averno  
fiero mostro, ombra d'Inferno,  
lascia Togno in libertà.

VESPINA  
Quem está aí?

TOGNO  
Ai de mim!

[VESPINA  
Que estás a fazer?]

TOGNO  
Vai e mergulha no Averno  
cruel monstro, sombra do Inferno  
deixa Togno em liberdade.

VESPINA  
(*Costui che stà dicendo?*)

TOGNO  
*Passa il fiume, e varca il mare,  
non volermi molestare,  
parti tosto via di quà.*

VESPINA  
(*Questi sarà impazzito: io non l'intendo.*)  
*Togno che dici? Olà*

TOGNO  
*Ti comando, e ti scongiuro pe'l preterito,  
e'l futur, per il cocchio di Fetonte  
per la barca d'Acheronte, lascia Togno dove stà.*

[VESPINA  
(*Che tremore! È adombrato.*)  
*Eh via, ti volta, non mi conosci ancora?*]

TOGNO (*sem se virar*)  
*E tu chi sei?*

VESPINA  
*Son Vespina.*

[TOGNO  
*E non sei ne Aletto, ne Cocito?]*

[VESPINA  
*Eh che sei ammattito.]*

[TOGNO  
*Ecco mi volto.]*

VESPINA  
*Vedi adesso chi son?  
Guardami in volto.*

TOGNO  
*Respiro in verità.  
Dammi la mano.*

VESPINA  
*A che fare?*

TOGNO  
*M'aiuta a uscir da questo circolo.*

[VESPINA  
*Ma dove è'l circolo costi?  
Chi ciò ti disse?]*

[TOGNO  
*Quel vecchio, che tutt' hà furor che'l cervello.]*

VESPINA  
*[E tu t'induci à delirar con quello?  
Presto vien fora.]  
Guarda poverino come stà spaventato.*

VESPINA  
(o que está ele a dizer?)

TOGNO  
Passa o rio, cruza o mar  
não me queiras molestar,  
vai-te embora já daqui.

VESPINA  
(ele terá enlouquecido: eu não o entendo.)  
Togno que dizes? Olá!

TOGNO  
Eu te ordeno, e te imploro pelo passado e pelo futuro,  
pelo coche de Fetonte, pela barca de Acheronte,  
deixa Togno onde está.

[VESPINA  
(que tremor, está assustado.)  
Ei, vira-te! Já não me reconheces?]

TOGNO (*sem se virar*)  
Quem és tu?

VESPINA  
Sou a Vespina.

[TOGNO  
E não és Aletto nem Cócito?]

[VESPINA  
Ei, enlouqueceste?]

[TOGNO  
Vou virar-me.]

VESPINA  
Vês agora quem sou?  
Olha para mim.

TOGNO  
Agora posso respirar.  
Dá-me a mão.

VESPINA  
Para quê?

TOGNO  
Ajuda-me a sair deste círculo

[VESPINA  
Mas onde está o círculo?  
Quem te disse que havia um?]

[TOGNO  
Aquele velho, que tem mais fúria que cérebro.]

VESPINA  
[E tu pões-te a delirar como ele?  
Depressa, sai daí!]  
Olha, pobrezinho, como está assustado.

TOGNO  
*Certo da um brutto imbroglio io son scappato.  
Lascia adesso che vada a' preparar la barca  
pe'l padrone.*

VESPINA  
*[Della partenza sua sò la cagione.]  
Ma tu vorrai lasciarmi?  
Ed avrai core d'abbandonarmi ingrato ?  
Senti, prima che parti,  
l'interno del mio cor hò da svelarti.*

TOGNO  
*E dillo sù, ch'hò fretta.*

VESPINA  
*[Io stò dubbiosa,  
che quì non esca à tempo la padrona ;  
che se nò ti direi ... che tu...]*

TOGNO  
*Sì...*

VESPINA  
*Che tu sei... ahi mi vergogno.*

TOGNO  
*(Và che costei s'innamorò di Togno?)  
E così, và dicendo.*

[VESPINA  
*Nol posso dir.]*

[TOGNO  
*Eh parla, non mi tener sospeso.]*

VESPINA  
*Ti vorrei dir,  
che quando ti vidi nel giardin...  
mi fai far rossa, non voglio dirlo più.*

TOGNO  
*Dillo o Vespina, non senti?  
Ò Vespa, ò Spina, che mi trafiggi il cor.*

VESPINA  
*Vatene via: mi stà burlando ancor.*

TOGNO  
*Dico da senno. Che credi?...*

VESPINA  
*Or' io non posso discorrer qui;  
t'aspetto questa notte al giardin.*

TOGNO  
*Verrò.*

TOGNO  
Escapei certamente a uma terrível situação.  
Deixa-me ir agora preparar o barco para o meu  
Senhor.

VESPINA  
[Da sua partida eu sei a razão.]  
Mas tu queres deixar-me?  
E tens coragem para me abandonar?  
Escuta, antes de partir,  
todo o meu coração te quero revelar.

TOGNO  
Diz, mas rápido, que tenho pressa.

VESPINA  
[Receio,  
que aqui chegue entretanto a Senhora  
senão eu dir-te-ia ... que tu ... ]

TOGNO  
Sim ...

VESPINA  
Que tu és ... ai que me envergonho.

TOGNO  
(será que ela se enamorou de Togno?)  
Vá lá, diz.

[VESPINA  
Não posso dizer.]

[TOGNO  
Ei, fala, não me mantêhas em suspenso.]

VESPINA  
Queria dizer-te,  
que quando te vi no jardim ...  
fazes-me corar, já não o quero dizer.

TOGNO  
Diz, ó Vespina, não sentes?  
Ó Vespa, ó Spina, que me trespassas o coração.

VESPINA  
Vai-te embora: Ainda fazes troça de mim.

TOGNO  
Digo-o do coração. Não acreditas em mim?

VESPINA  
Agora não posso falar aqui;  
Espero-te esta noite no jardim.

TOGNO  
Virei.

## Scena 8

Arsenio, Tognò e Vespina

[ARSENIO

*A dispetto della terra, del mare,  
e degl' abissi, l'hò da trovar.]*

VESPINA

*Sarà mai quest' il vecchio?*

TOGNO

*Oh eccolo di nuovo.  
Io vò partir.*

ARSENIO

*Dove t'en fuggi?  
Pensa che confido in te solo;  
e pe' l cammino, per farmi a tutti ignoto,  
tu sarai' l passeggiere, ed io' l Piloto.*

VESPINA

*(Quanto lo compatisco.)  
E dove mai volete andar?*

ARSENIO

*(questa se non m'inganno, è una delle Muse.)  
Di? Tu non sei Calliope,  
[che ottieni il primo vanto in Elicona?]*

VESPINA

*Si, quella io son.  
(venisse la padrona.)*

ARSENIO

*E sai, che per cercare la mia Figlia crudel,  
girai per tutto, per l'austro l'aquilon, l'orto,  
e l'occase, e non pensai d'andar sù nel Parnaso?  
[Or pria che della terra io scopro i nascondigli,]  
tu guidami a quel monte, e ti prometto  
offrirti i don tutti gl' affetti miei.*

VESPINA

*Fortunata in amor certo sarei.*

[TOGNO

*Ma questo che vuol dir?]*

[VESPINA

*Eh stati cheto, ch'io l'inganno così.]*

[ARSENIO

*Senti, de' Numi non ti curar!  
Apollo è un menzongner:  
Saturno è un Vecchio impertinente;  
Giove tira saette;  
Mercurio è un traditor; Vulcano è zoppo;*

[ARSENIO

*A despeito da terra, do mar e dos abismos,  
eu hei-de encontrá-la.]*

VESPINA

*Quem será este velhote?*

TOGNO

*Oh, ei-lo de novo.  
Eu vou-me embora.*

ARSENIO

*Para onde te escapas?  
Pensa que só em ti confio; e pelo caminho,  
para que ninguém me reconheça,  
tu será o passageiro e eu o Piloto.*

VESPINA

*(Quanta pena sinto dele.)  
E para onde quereis ir?*

ARSENIO

*(Esta, se não me engano é uma das Musas.)  
Diz. Tu não és Calíope  
[que obtém o primeiro mérito em Elicona?]*

VESPINA

*Sim, sou eu.  
(se a Senhora chegasse.)*

ARSENIO

*E sabes, que para procurar a minha Filha cruel,  
viajei por todo o lado,  
e nunca pensei ir até ao Parnaso?  
[Agora antes que eu descubra os esconderijos da terra,]  
Guia-me até àquele monte e prometo oferecer-te  
todos os meus afectos.*

VESPINA

*Afortunada no amor, certamente seria.*

[TOGNO

*Que quer isto dizer?]*

[VESPINA

*Ei, está calado, que eu assim o engano.]*

[ARSENIO

*Ouve, não te preocupes com os Numes!  
Apolo é um mentiroso:  
Saturno é um velho impertinente;  
Zeus lança setas;  
Mercúrio é um traidor; Vulcão é coxo;*

*Marte è cattiva pelle;  
Nettuno è domator d'onde e procelle.  
Non resta che Pluton;  
vedi se questi è degno del tuo affetto?]*

[VESPINA

*Sarai tu solo del mio amor l' oggetto.]*

*Aria di Vespina*

*Tu sei' l desio di questo petto.  
Tu sei' l diletto sei l' idol mio.  
(Ma questo cor serbo per me.)  
Per te sospiro; per te deliro.  
Ma questo amore certo non è.*

*Marte é má pele:  
Neptuno é um domador de ondas e tempestades.  
Não resta senão Plutão;  
Vê se este é digno do teu afecto?]*

[VESPINA

*Serás só tu do meu amor objecto.]*

*Tu és o desejo do meu peito.*

*Tu és o dilecto, tu és o meu ídolo.  
(Mas este coração guardo para mim.)  
Por ti suspiro: por ti deliro,  
mas este amor certo não é.*

## Scena 9

Arsenio e Tognò

[ARSENIO

*Dunque restiam così:  
pria per Parnaso darò una scorsa,  
e poi t'attenderò sul tebro,  
per veder quei sentier, quali già vide la Sibilla,  
ed Enea, Tesco, ed Alcide.]*

[TOGNO

*Non so come costui tante parole sà,  
tante novelle: i pianeti, le stelle,  
la Sibilla d'Enea, Mercurio e Marte.  
Talora in dotte carte s'allevò giovinetto;  
ed or ch'è vecchio, e del senno,  
e ragion perso na' l sentiero,  
tornan le specie antiche al suo pensiero.  
N'hò compassione: infine,  
hà perduta una figlia.  
A che riduce una grave afflizzion!  
Mesce, e confonde mille cose in un punto.]  
*Io per me credo, ch'una mente già stolta,  
qual ruota di molin, s'aggira, e volta.**

[ARSENIO

*Então ficamos assim:  
Primeiro pelo Parnaso darei uma volta  
e depois esperar-te-ei no Tibre,  
para ver aqueles caminhos, que Sibila já viu  
e Eneias, Tesco e Alcides.]*

[TOGNO

*Não sei como é que este homem  
sabe tantas palavras e tantas histórias:  
Os planetas, as estrelas, a Sibila de Eneias,  
Mercúrio e Marte.  
Talvez em doutos pepéis se educou quando jo-  
vem; e agora que é velho e perdeu o sentido e a  
razão, regressam ao seu pensamento as antigas  
ideias.  
Sinto pena dele: enfim, perdeu uma filha.  
Ao que pode levar uma grave aflição!  
Mistura e confunde todas as coisas numa só.]  
*Eu, cá para mim acredito, que uma mente estulta  
qual roda de moinho, anda à roda e volta.**

## Aria di Tognò

*Come gira a gonfie vele  
quel molin che spinge il vento,  
ch'or gran turco, ed or formento, orzo,  
ceci, e fave insieme  
va schiacciando, e fischia, e freme,  
e se stesso strugge ancor.  
Così l'uom, cui le candele  
si smorzar della ragione  
senza seno e discrezione,  
molto dice, e nulla intende;  
e frottanto abbatte, e offende  
la sua vita il sangue e' l cor.*

*Como roda  
a plenas velas  
aquele moinho que o vento faz girar,  
que ora milho, ora trigo,  
cevada, grão e favas, junto vai esmagando e  
chia e treme e a si mesmo se consome.  
Do mesmo modo o homem,  
cujas velas da razão se apagam,  
sem tino e discrição,  
muito diz e nada entende,  
e entretanto abate e ofende  
da sua vida o sangue  
e o coração.*

## Scena 10

Elisa e Spinalba vestita da uomo

ELISA

*L'antiche mie proteste, non vò più replicar:  
che di mia mente sei l'unico pensier,  
che non mi curo di più d'un,  
che m'adora, vano s'arebbe  
il replicarti ogn'ora.  
Io degli affetti tuoi quasi dispero già:  
Ma un sol desio m'appaga e nulla più.*

SPINALBA

*Se non è amore, di pur.*

ELISA

*Nò, non temer.  
Saper vorrei  
quel fortunato volto,  
per cui langue Florindo.*

SPINALBA

*Ah taci, Elisa, non rinovar, ti prego,  
di quest'alma i contrasti:  
sappi ch'è un cor' infido,  
e ciò ti basti. Mà tu dimmi:  
à Leandro più serbi qualche amor?*

ELISA

*Io già te'l dissi, che più non lo rammento.*

SPINALBA

*E pur creder non posso  
ch'a tanta fedeltà mal corrispondi.  
[Ingrato in questa guisa  
io dovrò figurarmi il cor d'Elisa?]*

ELISA

*Ma per chi lo sprezzai?  
Perch'è'l destino mi costrinse ad amarti.  
[SPINALBA  
A tanto affetto esser grato non posso.]*

[ELISA

*E chi te'l vieta?]*

SPINALBA

*Anch' il destin.  
Son somiglianti troppo, credimi,  
i nostri mali: e siamo noi,  
più che non pensi, eguali.*

ELISA

*Dunque?*

ELISA

*As minhas antigas declarações,  
Eu não quero repetir:  
Que da minha mente és o único pensamento,  
já não me interessa mais por um, que me adora,  
vão seria repetir-to agora.  
Eu pelos teus afectos já quase desespero:  
Mas um só desejo me contenta e nada mais.*

SPINALBA

*Se não é amor, mesmo assim diz.*

ELISA

*Não, não temas.  
De saber gostaria  
por qual rosto felizardo languescer Florindo.*

SPINALBA

*Ah, cala-te, Elisa, peço-te! Não relembrar,  
a esta alma as desavenças,  
fica sabendo que é um coração infiel  
e que isto te baste. Mas diz-me:  
por Leandro ainda tens algum amor?*

ELISA

*Eu já te disse que já nem me lembro dele.*

SPINALBA

*E eu não posso acreditar que a tanta fidelidade mal  
correspondas.  
[Tão ingrato assim deverei considerar  
o coração de Elisa?]*

ELISA

*Mas por quem o desprezei?  
Porquê o destino me obrigou a amar-te?*

[SPINALBA]

*A tanto afecto, ser grato não posso.*

[ELISA

*E quem to proíbe?]*

SPINALBA

*É também o destino  
São demasiado parecidos, acredita-me, os nossos  
males:  
E somos nós, mais do que tu pensas, iguais.*

ELISA

*Então?*

SPINALBA

*Mi lascia.*

ELISA

*Oh Ciel! Ch'io t'abbandoni?*

SPINALBA

*Sì, ti dirò... saprai...*

ELISA

*Spiegati, che vuoi dir?*

[SPINALBA

*Pietà mi fai.]*

SPINALBA

*Deixa-me.*

ELISA

*Oh, Céu! Que eu te abandone?*

SPINALBA

*Sim, dir-te-ei ... saberás ...*

ELISA

*Explica-te. Que queres dizer?*

[SPINALBA

*Sinto por ti piedade.]*

## [Aria di Elisa

*Se tanto t'adoro,  
se peno, se moro, mio bene per te;  
non hò per lasciarti bastante valor.  
Se vuoi, che'l mio core non senta l'ardore,  
almen non mostrarti sì degno d'amor.]*

*Se tanto te adoro,  
se soffro, se morro meu amor por ti, não tenho co-  
ragem suficiente para te deixar.  
Se queres que o meu coração não sinta o ardor,  
pelo menos não te mostres tão digno de amor.]*

## Scena 11

Spinalba solo

[SPINALBA

*Ah che quell'incostanza è causa del mio mal.  
Sprezzò Leandro per toglierm' il mio bene;  
or lascia questi per seguir mè,  
senza sperar mercede a delle sue follie,  
e delle sue follie non si ravvede.]*

[SPINALBA

*Ah, esta inconstância é causa do meu mal.  
Desprezou Leandro para me retirar o meu amor.  
Agora deixa-os para me seguir,  
sem esperar mercê para as suas loucuras  
e das suas loucuras não se arrepende.]*

## Aria di Spinalba

*Un cor, ch'ha per costume  
sprezzar d'amor il freno, promette,  
e poi vien meno, nè serba fedeltà.  
S'accende ad ogni lume,  
per l'altro il primo oblia,  
d'affetto e simpatia così cangiando và.*

*Um coração que tem por hábito  
desprezar do amor o freio,  
promete, e depois falta e não se mantém fiel.  
Acende-se a cada chama, por outro o primeiro  
esquece:  
de afecto e simpatia, assim vai mudando.*

## Scena 12

Vespina e Dianora

VESPINA  
*Il cielo già s'oscurò:  
non dovrei Togno molto tardar.*

DIANORA  
*Vespina, del mio vecchio  
non mi rechi novella?*

VESPINA  
*Oh mia Dianora, sono le sue pazzie  
giunte all'ultimo segno;  
già non conosce alcuno;  
e per non farsi egli ancor ravvisar,  
mutò le vesti.*

DIANORA  
*(Oh mia sventura!) E dove lo vedesti?*

VESPINA  
*In casa: [e procurai  
con dolci parolette alettarlo;  
anzi spero che riesca l'inganno.]*

[DIANORA  
*(Ciel perchè mi basti a tanto affanno?)  
E l'inganno qual'è?]*

VESPINA  
*Nulla disdissi di ciò ch'egli dicea  
mostrai sino d'amarlo.  
Or in questo giardino  
non sia van aspettarlo.  
Ritiriamoci qui.*

[DIANORA  
*Dove? M'appoggia, che non ci veggo ben,  
che notte bruna!]*

VESPINA  
*O céu já escureceu:  
Togno não deve tardar muito.*

DIANORA  
*Vespina, do meu velho marido não me trazes no-  
tícias?*

VESPINA  
*Oh minha Dianora, as suas loucuras  
chegaram ao limite;  
já não reconhece ninguém;  
e para não ser reconhecido,  
disfarçou-se.*

DIANORA  
*(Oh, minha desgraça!) E onde o viste?*

VESPINA  
*Em casa: [e tentei  
com doces palavras atraí-lo.  
Aliás espero que o engano funcione.]*

[DIANORA  
*(Céu, porque me reservaste tal angústia?)  
E o engano qual foi?]*

VESPINA  
*Concordei com tudo o que dizia,  
mostrei até que o amava.  
Agora neste jardim  
não o esperaremos em vão.  
Escondamo-nos aqui.*

[DIANORA  
*Onde? Ajuda-me que não vejo bem, que noite  
escura!]*

DIANORA  
*Udir mi parve uno parlar; è lui?*

VESPINA  
*Non è, t'occhetta.*

ARSENIO  
*(Ne stella, ni pianeta risplende questa notte;  
come possibil sia?)*

TOGNO  
*(Qual voce io sento?)*

[ARSENIO  
*(Sono ecclisati tutti in un momento!)]*

DIANORA  
*Ora son due: sarà quell'altro ?*

VESPINA  
*Io bene non lo discerno.*

[TOGNO  
*(E verso me son viene.)]*

ARSENIO  
*(Che robba è questa?)*

[TOGNO  
*(Oimè)]*

[ARSENIO  
*(Che odor di vino!) Sarà Bacco costui?)]*

[TOGNO  
*(Quest'è l'Chiappino.)]*

[ARSENIO  
*(Ma donde quel tremor? Sarà uno spirito,  
che di vin gonfio, ed ebro,  
qui fù mandato a rinfrescarsi àl Tebro.)*

[DIANORA  
*Vespina, egl'è senz'altro.]*

[VESPINA  
*Anch'hà me pare.]*

ARSENIO  
*Chi sei?  
Qual' è'l tuo nome o spirito audace?*

TOGNO  
*Vattene al luogo tuo, lasciam' in pace.*

ARSENIO  
*Pela barba di Pluto, e per l'onde di Lete,  
io ti comando, che palesi il tuo nome.  
[Ancor stai duro?]*

DIANORA  
*Parece-me ouvir falar: é ele?*

VESPINA  
*Não, acalmai-vos.*

ARSENIO  
*(nem estrela, nem planeta resplandece esta noite!  
Como é possível?)*

TOGNO  
*(que voz ouço?)*

[ARSENIO  
*(Eclipsaram-se todos de repente!)]*

DIANORA  
*Agora são dois: será o outro?*

VESPINA  
*Eu não os consigo discernir.*

[TOGNO  
*(E vêm na minha direcção.)]*

ARSENIO  
*(que é isto?)*

[TOGNO  
*(Ai de mim!)]*

[ARSENIO  
*(Que cheiro a vinho! Será Baco este?)]*

[TOGNO  
*(Este é Chiappino.)]*

[ARSENIO  
*(mas de onde vem aquele tremor? Será um espírito-  
que inchado de vinho e ébrio, aqui foi mandado  
para se refrescar no Tibre.)]*

[DIANORA  
*Vespina, é ele sem dúvida.]*

[VESPINA  
*Também me parece.]*

ARSENIO  
*Quem és?  
Qual é o teu nome ó espírito audaz?*

TOGNO  
*Volta para o teu lugar, deixa-me em paz.*

ARSENIO  
*Pela barba de Plutão, e pelas ondas de Lete  
eu te ordeno que reveles o teu nome.  
[Ainda te fazes difícil?]*

## Scena 13

Togno e Arsenio,  
Vespina e Dianora a parte

TOGNO  
*Quest'è l'ora opportuna di parlar con Vespina.*

VESPINA  
*(Ecco Togno che viene.)*

TOGNO  
*Esta é a hora oportuna para falar com Vespina.*

VESPINA  
*(Eis Togno que chega.)*

[TOGNO  
(Questo mi sembra il Vecchio allo scongiuro.)  
Amico,]

ARSENIO  
Oh Ciel, che veggio!  
Oh mio caro, carissimo Caronte,  
come ti trovo qui?

DIANORA  
Arsenio mio, mia speranza, mio ben...

ARSENIO  
Ti costa.

DIANORA  
Oh Dio, ne pur mi riconosce.

VESPINA  
Non ravvisi la tua Dianora?

TOGNO  
Quest'è la tua moglie, vedila.

ARSENIO  
Eh siete matti; voi perdeste il cervello.  
Non sapete ch'andrà sossopra il Mondo,  
se un istante di più, costei qui resta?  
Proserpina è codesta.  
Salvatevi, salvatevi;  
[già parmi qui vedere a momenti,  
col trifauce, con draghi, e con serpenti  
il geloso Plutone.]

[DIANORA  
(Che pena!)]

[VESPINA  
(Che pietà!)]

[TOGNO  
(che compassione!)]

[TOGNO  
(Este parece-me o Velho do exorcismo.)  
Amigo,]

ARSENIO  
ó Céu, que vejo!  
Oh meu caro, caríssimo Caronte,  
como é que o encontro aqui?

DIANORA  
Meu Arsenio, minha esperança, meu amor ...

ARSENIO  
Afasta-te.

DIANORA  
Oh Deus, nem sequer me reconhece.

VESPINA  
Não reconheces a tua Dianora?

TOGNO  
Esta é a tua mulher, olha para ela.

ARSENIO  
Eh, sois loucos; perdestes a cabeça.  
Não sabeis que o Mundo ficará de pernas  
para o ar se um instante mais esta  
mulher aqui ficar? É Prosérpina.  
Salvai-vos, salvai-vos,  
[já estou a ver aqui chegar num momento,  
com o trifauce, com os dragões e com serpentes  
o ciumento Plutão.]

[DIANORA  
(Que pena!)]

[VESPINA  
(Que piedade!)]

[TOGNO  
(Que compaixão)]

ARSENIO  
Và crudel,  
và mostro ingrato,  
falso amico, ingannator.  
Fuggiti, fuggiti,

VESPINA  
Oh sorte!

DIANORA  
Perchè tardi ò cruda morte,  
ne m'involi al mio dolor.

VESPINA  
Deh ti muova il suo dolor.

ARSENIO  
Voi godete al mio dolor,

DIANORA  
Oh che affano, oh che tormento.

VESPINA  
Che pietà per ambi io sento.

ARSENIO  
Ancor contendì?

TOGNO  
Non l'intendi?

TODOS  
Non hà fine un tanto error.

ARSENIO  
Vai cruel,  
vai monstro ingrato,  
falso amico, enganador  
fugi, fugi.

VESPINA  
Oh, sorte!

DIANORA  
Porque tardas ó cruel morte  
e não apagas a minha dor.

VESPINA  
Que te mova a sua dor.

ARSENIO  
Vós zombais da minha dor.

DIANORA  
Oh que angústia, oh que tormento.

VESPINA  
Que pena sinto por eles

ARSENIO  
Ainda me contestas?

TOGNO  
Não a compreendes?

TODOS  
Não tem fim tamanho erro

## Quartetto de Vespina, Dianora, Arsenio e Togno

DIANORA  
Non fuggirmi ò sposo amato,  
sola speme del mio cor.

VESPINA  
Come sei così spietato,  
ne ti plachi a tanto amor?

TOGNO  
Apri gl'occhi ò forsennato,  
non lasciarti al tuo furor.

DIANORA  
Não me fujas ó esposo amado,  
única esperança do meu coração.

VESPINA  
Como sois sem piedade,  
nem vos acalméis com tanto amor?

TOGNO  
Abre os olhos ó louco  
Não deixes que fúria te domine

## III Atto

### Scena 1 Spinalba e Togno

[SPINALBA  
Ma qual sarà'l motivo,  
che l'induce a partir?]

[TOGNO  
Io remo forte,  
ch' Elisa non l'accoglie com'ei voleva.]

[SPINALBA  
Mas qual será o motivo,  
Que o leva a partir?]

[TOGNO  
Eu remo depressa,  
porque Elisa não o recebeu como ele queria.]

[SPINALBA  
Ed eri tu presente quando le favellò ?]

[TOGNO  
Nò, giunsi dopo, e l' trovai sulle furie.]

[SPINALBA  
E che mai disse?  
Non ti souvien?]

[TOGNO  
Parmi d'udirlo adesso;  
fremeva come un toro,  
mutava di colore ogni momento,  
e solo col guardar metea spavento.  
Come mi ridde: Olà, non più, che rechi?  
Vanne, appresta il battel ;  
tosto si fugga,  
una spergiura, un'empia ;  
questa terra crudel  
prosiegua, e adempia.]

[SPINALBA  
Già comprendo.  
(A me giova, che Leandro non parta.)  
a lui ritorna, dille che resti,  
che del cor d'Elisa non disperì il possesso:  
che i medemi dispreszi muovono la pietade,  
e poi dalla pietà, germoglia l'amore.]

[TOGNO  
Signor, ritrova un altro ambasciatore.]

[SPINALBA  
Perchè?]

[TOGNO  
Voi che risponda; va via;  
mi stai a far da consigliere.]

[SPINALBA  
Ai miei consigli cangerà pensiero.]

[TOGNO  
Ch'ei s'induce a restar? nè se lo vedi.]

[SPINALBA  
Più facile sarà di quel che credi.]

## Aria di Spinalba

*Quello sdegno, ch'è figlio d'amore  
benchè vegga la colpa palese,  
vuol chi dica, che à torto s'accese,  
e l'accusi di troppo crudel.  
Brama udir, che con cieco furor  
ei diffida d'un core innocente:  
creder vuol, che s'inganna, che mente,  
che sospetta d'un'alma fedel.*

[SPINALBA  
E estavas presente quando ela lhe falou?]

[TOGNO  
Não, cheguei depois e encontrei-o enfurecido.]

[SPINALBA  
E o que disse?  
Não te lembras?]

[TOGNO  
Parece-me ouvi-lo agora;  
fremia como um touro,  
mudava de cor a cada momento  
e só de o olhar, metia medo.  
Como se riu para mim:  
Olá, não mais, que trazes?  
Vai, prepara o barco;  
fujamos daqui rapidamente.  
Uma perjura, uma ímpia,  
Esta cruel terra, prossiga e cumpra.]

[SPINALBA  
Já estou a compreender. (A mim interessa-me que Leandro não parta).  
Vai ter com ele, diz-lhe que fique,  
que não desespere pelo coração de Elisa,  
que os mesmos desprezos trazem a piedade,  
e depois da piedade brota o amor.]

[TOGNO  
Senhor, procurai outro mensageiro.]

[SPINALBA  
Porquê?]

[TOGNO  
Quereis que responda?  
Desaparecei; estais aqui a aconselhar-me.]

[SPINALBA  
Com os meus conselhos, mudará o seu pensamento.]

[TOGNO  
E convencê-lo a ficar? Não o vistes.]

[SPINALBA  
Será mais fácil do que pensas.]

Aquele desdém, que é filho do amor  
embora veja a culpa evidente  
quer que alguém diga que sem razão  
se acendeu e que o acuse de crueldade.  
Deseja ouvir, que com cego furor,  
desconfia de um coração inocente.  
Acreditar quer, que se engana, que mente,  
que suspeita de uma alma fiel.

## Scena 2

Togno e dopo Elisa e Dianora

[TOGNO  
(Ho che vada un po' lui:  
io non ardisco di vederlo sbuffar.)]

ELISA  
Non son già pronti i cordiali,  
e i Farmaci opportuni?

DIANORA  
Son pronti; ma chi puole far si  
ch'egli l'adopri ?

ELISA  
Mi souviene un partito.  
Ó galantuomo!

TOGNO  
A me?

DIANORA  
Sì, à te.

[TOGNO  
(Che rabbia hà questa vecchia!)]

ELISA  
Ascolta:  
Noi fidiamo un affar premuroso alla tua fede,  
ne sarà scarsa poi la tua mercede.

[TOGNO  
Dite con libertà.]

ELISA  
Conosci il vecchio marito di Dianora?

[TOGNO  
Quel che porta la coda del dragone,  
con la zampa dell'orso, e l' segno acquario,  
le stelle fisse e tutto il calendario?]

[DIANORA  
Sì, sì, dattici spasso,  
ciera di mandrin prendici gusto.]

[TOGNO  
Dico che lo conosco, come v'hò da parlar?]

ELISA  
Senti: dobbiamo adoprarci a guarirlo.

[TOGNO  
Ed in che forma?]

[TOGNO  
(Que vá ele.  
Eu não ousou vê-lo bufar)]

ELISA  
Não estão já prontos  
os remédios oportunos?

DIANORA  
Estão prontos; mas quem é que lhos poderá fazer  
tomar?

ELISA  
Estou a lembrar-me de alguém.  
Oh cavalheiro!

TOGNO  
Eu?

DIANORA  
Sim, o senhor.

[TOGNO  
(Que furor tem esta velha!)]

ELISA  
Escuta:  
Nós te confiamos uma tarefa urgente.  
Não será depois escassa a tua recompensa.

[TOGNO  
Falai livremente.]

ELISA  
Conheces o velho marido de Dianora?

[TOGNO  
Aquele que traz a cauda do dragão  
com a pata do urso, e o signo do aquário,  
as estrelas fixas e todo o calendário?]

[DIANORA  
Sim, sim, à nossa custa de divertes, raça de malandrete.]

[TOGNO  
Digo que o conheço, como vos hei-de falar?]

ELISA  
Escuta: Temos de tentar curá-lo.

[TOGNO  
E de que forma?]

ELISA  
*I possenti licori efficacia tal cura,  
son pronti già.  
Sol manca chi l'induca à valersi di lor.  
Ti fingeremo un'insigne dottore;  
direm, che sai ridurre l'oro in bevanda;  
e puoi con man perita,  
dar nuove forze, ed allungar la vita.  
[Egli con quel desio, che ne' vecchi prevale,  
talor darà rimedio al suo gran male.]*

DIANORA  
*Non sia vano il pensier.  
Ma credi forse che questo ignorante  
lo sappia fare ?*

TOGNO  
*Nonna non dubitare.  
Oh quanti son dottori, e san meno di me.  
La medicina è una bell'arte:  
gode in ogni loco privilegio  
e guadagno e costa poco.*

## Aria di Tognò

*Basta porsi la goniglia,  
ricettare un gargarismo,  
dir' un testo, e un barbarismo,  
per chiamarsi il sior dottor.  
Chi poi và per la cittade sù la mula,  
ò in un caleso, quello si giunge  
all'accesso della scienza e del valor.*

## Scena 3

Dianora e Elisa

[DIANORA  
*Ah cara Elisa,  
io temo che se non vien la Figlia,  
la cura non sia vuota.]*

[ELISA  
*E questa dovrà sempre esser' ignota?  
Ch'ei ritorni al suo senno  
io non dispero già:  
così vorrei poter sperar sollievo ai mali miei.]*

DIANORA  
*E che t'affligge mai?*

ELISA  
*Per un ingrato stò languendo tutt'or,  
che non mi cura, e si ride di me.*

ELISA  
*As potentes e eficazes poções  
já estão prontas.  
Só falta a pessoa que o convencerá a tomá-las.  
Disfarçar-te-emos de um insigne doutor;  
diremos que sabes reduzir o ouro a bebida;  
e depois com mão perita, dar novas forças  
e prolongar a vida.  
[Ele, com aquele desejo que nos velhos prevalece,  
tomará o remédio para o seu mal.]*

DIANORA  
*Talvez não seja má ideia.  
Mas achas que este ignorante  
o saberá fazer?*

TOGNO  
*Avó, não duvideis.  
Oh, quantos são doutores, e sabem menos do que eu.  
A medicina é uma bela arte:  
Goza em toda a parte de privilégios  
e lucro e custa pouco.*

Basta pôr uma toga,  
receitar um gargarejo,  
dizer um texto e um barbarismo,  
para se chamar Senhor Doutor.  
Quem viaja pela cidade numa mula  
ou numa caleche, esse sim,  
tem acesso à ciência e ao valor.

[DIANORA  
*Ah querida Elisa,  
temo que se não vem a Filha,  
o remédio seja inútil.]*

[ELISA  
*E esta deverá ser sempre desconhecida?  
Que ele recupere o juízo, eu não desespero já,  
Assim eu pudesse esperar alívio  
para os meus males.]*

DIANORA  
*E o que te aflige?*

ELISA  
*Por um ingrato que não quer saber  
de mim e de mim se ri ainda hoje soffro.*

DIANORA  
*E chi è costui?*

[ELISA  
*Per quanto io lo richiegga della sua condizion,  
Patria, e Natali nulla mi scopre:  
ei dice viver col suo sudore, e a spese altrui;  
ma nelli tratti sui, sempre più mostra  
un caratter diverso.  
Spesso di pianto asperso a me ritorna,  
e la cagion mi tace.  
Chi turbi la sua pace dimando allor;  
ma serenando il viso,  
un'infedel risponde, e affetta un riso.]*

[DIANORA  
*(Sospetto un non sò che.)  
Ma'l volto, il nome, il luogo ove dimora  
almen saprai.]*

ELISA  
*Florindo e'l nome suo.  
In molto fresca età,  
di gioventude segni non mostra ancora.  
Ha biondo il crine, tonde le guance,  
e tinte di natural vermiglio,  
hà soave il parlar, vivace il ciglio.  
A registrare i lucri  
d'Ippolito d'Anselmo egli sen' vive.  
Or son quindici di...*

DIANORA  
*Non più, mi basta.  
Vieni, vieni al mio sen diletta Elisa;  
di gioia si improvvisa mi ricolmasti il cor,  
che appena il credo.*

[ELISA  
*Ma donde tanta gioia?]*

DIANORA  
*[Or si, che spero Arsenio mio guarito.]  
E sai per chi sospiri?  
Sai Florindo chi sia?  
Ell' è Spinalba, ell' è tua cugina.*

ELISA  
*E sia ver?*

DIANORA  
*[La meschina è d'Ippolito amante,  
e perciò teco lo chiamava infedel,  
che per capriccio l'abandonò.]*

ELISA  
*Che sento! E soffriva infelice,  
il suo tormento, parlandomi per lui.*

DIANORA  
*E quem é ele?*

[ELISA  
*Por mais que eu pergunte sobre a sua condição,  
Pátria e nascimento, nada descobri:  
Ele diz viver do seu trabalho, e por conta de outrém;  
mas nos seus traços e maneiras cada vez  
mais demonstra um carácter diferente.  
Muitas vezes vem ter comigo em lágrimas,  
e o motivo não me diz.  
Quem perturba a sua paz, lhe pergunto então,  
mas serenando o rosto, um infiel responde,  
e faz um sorriso afectado.]*

[DIANORA  
*(Suspeito não sei bem de quê.)  
Mas o rosto, o nome, o lugar onde vive,  
pelo menos saberás.]*

ELISA  
*Florindo é o seu nome.  
De muito fresca idade,  
sinais de juventude não mostra ainda.  
Tem o cabelo louro, redondas as faces  
e tingidas de natural vermelho,  
Tem uma voz suave e vivo o olho.  
A registar os lucros  
de Ippolito d'Anselmo ele vive.  
Há já quinze dias ...*

DIANORA  
*Não digas mais, basta-me.  
Vem cá, minha querida Elisa,  
de alegria, de repente, me encheste o coração; eu mal  
acredito.*

[ELISA  
*Mas porquê tanta alegria?]*

DIANORA  
*[Agora sim, espero que o meu Arsenio se cure.]  
E sabes por quem suspiras?  
Sabes quem é Florindo?  
Ele é Spinalba, é tua prima.*

ELISA  
*Será verdade?*

DIANORA  
*[A desgraçada está apaixonada por Ippolito  
e por tua causa, chama-lhe infiel,  
que por capricho a abandonou.]*

ELISA  
*Que ouço! E sofria infeliz,  
o seu tormento falando-me dele.*

DIANORA  
Eh mandalo in buon'ora:  
si ricordi ch'hà promesso a Spinalba,  
e l'hà giurato.

ELISA  
Non temer: giacchè il fatto,  
con più saldo legame  
a Spinalba mi fà trovar unita,  
il povero Leandro lasciar non vò,  
non vò scordarmi quanto per me hà sofferto,  
e sospirato e pianto.  
[Or altro non desio, che ad entrambi  
mostrar l'affetto mio.]

### Aria di Elisa

Con innocente abbraccio vò stringerla al mio petto,  
e ritornar l'affetto a chi fedel m'amò,  
che fù' l mio bene.  
Vedrasi in sì bel laccio, la simpatia del sangue.  
E a lui, che per me langue,  
ristoro al fin darò da tante pene.

DIANORA  
Eh, pergunta-lhe depressa para que se recorde  
do que prometeu a Spinalba  
e do que lhe jurou.

ELISA  
Não temas. Já que esse facto,  
reforçou os meus laços  
com Spinalba,  
o pobre Leandro não vou deixar;  
não vou esquecer de quanto por mim sofreu,  
e suspirou e chorou.  
[Agora mais não desejo que a ambos  
mostrar o meu afecto.]

Com inocente abraço quero apertá-la ao peito  
E de novo dar o afecto a quem fiel me amou e foi  
o meu amor.  
Veja-se em tão belo laço, a simpatia do sangue,  
e a ele, que por mim languescer,  
consolo finalmente darei por tantas penas.

LEANDRO  
Dianora.  
DIANORA  
E tu chi sei?

LEANDRO  
Leandro io sono.

DIANORA  
Tu ancora saper brami  
a chi Elisa donò gl'affetti suoi?

LEANDRO  
È ver.

DIANORA  
Serba gl'affetti ad un di voi.

IPPOLITO  
D'emtrambi non si cura.

[LEANDRO  
Ambi disaccia.]

DIANORA  
[E ciò che importa a me?]  
Che vuoi ch'io faccia?

IPPOLITO  
Togliami a questa pena.

LEANDRO  
M'invola à un tal tormento.

DIANORA  
Vel dissì, uno di voi due sarò contento.

[LEANDRO  
Oh te felice, amico:  
or si l'affetto antico  
m'è duopo cancellar dal mio pensiero;  
ora sul cor d'Elisa, io più non spero. Addio.]

IPPOLITO  
[Ferma Leandro, non ti smarrir,  
tu forse presti fede ai detti di costei?  
Quanto facile sei!  
Non rammenti ch'Elisa ambedue rifiutò ?  
Prova maggiore brami veder  
ch'ella ha congiato amore?]  
Per celar le sue trame questa ci vuol rivali ;  
acciò viviamo l'un dell'altro geloso,  
ne alcun turbi frattanto il suo riposo.

LEANDRO  
Dianora.  
DIANORA  
E tu quem és?

LEANDRO  
Eu sou Leandro.

DIANORA  
Tu ainda desejas saber  
a quem doou Elisa os seus afectos?

LEANDRO  
É verdade.

DIANORA  
Guarda afecto por um de vós.

IPPOLITO  
De nós não quer saber.

[LEANDRO  
Ambos afasta.]

DIANORA  
[E isso que me importa?]  
Que quereis que faça?

IPPOLITO  
Aliviai-me desta pena.

LEANDRO  
Fazei desaparecer um tal tormento.

DIANORA  
Já vos disse, um de vós será feliz.

[LEANDRO  
Oh, tu feliz, amigo:  
Agora sim, o afecto antigo  
tenho de apagar do pensamento.  
Já nada espero do coração de Elisa.  
Adeus.]

IPPOLITO  
[Para Leandro, não fiques tão perturbado;  
Acreditarás por acaso nas palavras desta mulher?  
Como és crente!  
Não te recordas que Elisa ambos rejeitou?  
Queres maior prova de que ela trocou de amor?]  
Para esconder as suas intrigas ela quer-nos rivais;  
assim, vivemos ciumentos um do outro,  
e entretanto ninguém perturba o seu repouso

## Scena 4

Dianora e dopo Ippolito e Leandro

DIANORA  
Lodato il Ciel.  
[Temevo che Spinalba  
non m'avesse ingannata.  
Altro non bramo adesso,  
che trovar il mio vecchio.]

IPPOLITO  
Dianora, sgombra al fine  
quest'alma dai sospetti, svelami,  
Elisa a chi donò gl'affetti?

DIANORA  
(Quest'è Ippolito, sì, ben lo conosco.)

[IPPOLITO  
Non rispondi? Ch'è ciò?]

DIANORA  
Che vuoi ch'io sappia?

[IPPOLITO  
Non ti sdegnar.]

DIANORA  
Va lo dimanda a lei.

DIANORA  
Louvado seja o Céu:  
[ temia que Spinalba  
não me tivesse enganado.  
Nada mais desejo agora,  
que encontrar o meu velho.]  
IPPOLITO  
Dianora, liberta finalmente  
esta alma das suspeitas:  
Revela-me, Elisa, a quem deu o seu afecto?

DIANORA  
(Este é Ippolito, sim, bem o conheço.)

[IPPOLITO  
Não me respondes? Então?]

DIANORA  
Que quereis que eu saiba?

[IPPOLITO  
Não vos indignéis.]

DIANORA  
Perguntai-o a ela.

## [Aria di Ippolito

*Veggio ben' io, per mia sventura,  
che più non cura l'affetto mio,  
che più non sente pietà per te.  
S'è tanto ardata, se un'altro adora,  
tremi ad ogn'ora veder punita  
tanta incostanza, si poca fè.]*

Eu bem vejo, para minha desventura,  
que já não quer saber do meu afecto,  
que já não sente piedade por ti.  
Se é tão ousada, se um outro adora,  
Trema agora de ver punida  
tanta inconstância, tão pouca fidelidade.]

## Scena 5

Leandro solo

LEANDRO

*[Mi trovo si confuso, che risolvere non sò:  
se vo pensando ai detti dell'amico,  
sembrano molto veraci.  
Mà del tutto fallaci quei dell'altra non credo.  
E perchè replicar ch'un di noi sarà contento?  
Elisa talvolta si pentì, ma chi m'accerta, che per  
l'altro non sia ?]  
E pur nell'alma mia non sò qual speme io sento,  
che mi va raddolcendo il mio tormento.*

LEANDRO

[Sinto-me confuso, resolver não sei  
se pensar nas palavras do amigo.  
Parecem muito verdadeiras.  
Mas falsas as da outra, não creio.  
E porque repetir que um de nós será feliz?  
Talvez Elisa se tenha arrependido,  
mas quem me assegura que por outro não seja?]  
Todavia na minha alma não sei que esperança sinto,  
que me vai suavizando o meu tormento.

## Aria di Leandro

*M'accenni ch'io spero, mi scemi l'affanno:  
non esser tiranno, consolami amor,  
sei dubbj pensieri mi privan di vita,  
ò porgimi aita, ò rendimi il cor.*

Acenas-me com a esperança,  
a minha angústia diminui,  
não seas tirano, consola-me amor,  
pensamentos duvidosos, me privam da vida,  
Ó ajuda-me, ó devolve-me o coração.

## Scena 6

Arsenio

*Luminose superbe procelle.  
Tempestose splendenti facelle.  
Sù venite, sù fuggite, sù fermate.  
Chiari monti, Bellissime selve:  
alti fonti, gratissime belve,  
nò, partite, nò sentite, nò volate,  
partite, sentite, volate.  
Oh che diletto, oh che piacer perfetto,  
scorrer le selve, i monti e le campagne,  
e le procelle, e i fonti. E ver ...  
Oimè, che miro!  
S'è rivoltato il Mondo!*

Luminosas, soberbas tempestades.  
Tempestuosas, resplandecentes flâmulas.  
Vamos vinde, vamos fugi, parai.  
Claros montes, belíssimas selvas,  
altas fontes, agradabilíssimas feras,  
não, parti, não escuteis, não voeis,  
partí, escutai, voai...  
Oh que deleite, que prazer perfeito  
Percorrer as selvas, os montes, os campos,  
e as tempestades e as fontes. É verdade...  
Ai de mim, que vejo!  
O mundo está virado do avesso!

*Tant'è, non c'è riparo:*

*Ecco, qui sta'l soffitto ; e li' solaro.*

*Io solo son rimasto con li piedi*

*al soffitto e con la testa in giù.*

*Ma... non mi reggo più...*

*cader mi sento...*

*questo sito è per me troppo violento.*

*Appoggiamoci un po'.*

*Come si volge! Oh come gira !*

*I lumi... già lo soffro appena.*

*Già mi manca il valor... non hò...più lena.*

Tanto é que não há remédio:

Ei-lo, aqui está o tecto; e ali o pavimento.

Eu sozinho fiquei com os pés

no tecto e a cabeça para baixo.

Mas ... não me seguro em pé ...

sinto-me cair ...

este lugar é para mim demasiado violento.

Apoiemo-nos um pouco.

Como gira! Oh como gira!

As luzes ... quase não aguento.

Já me falta o vigor ... não tenho mais força.

## Scena 7

Dianora, Tognó e Arsénio

[TOGNO

*Ars longa, vida brevia, occasio praeces:*

*disse il mio saggio Ippocrito nel suo primo afrodismo.]*

[DIANORA

*E questo che vuol dir?]*

[TOGNO

*Si, così presto tu pretendi di arrivar?]*

[DIANORA

*Mà me lo spiega.]*

[TOGNO

*Senti la costruzione:*

*Ars longa, vida brevia, occasio praeces: vita brevia.*

*E vuol dir: l'arte lunga è l'occasione d'abbreviarsi  
la vita.]*

[DIANORA

*Adesso intendo.*

*Oh vedete!*

*e perciò nulla apprendesti tu,*

*per questo timore.]*

TOGNO

*So quel che basta à comparir dottore.*

*Ed or che mi sceglisti a così degna impresa,*

*io mi risolsi di non farlo proforma;*

*ma voli prender norma, per instruirmi appieno*

*da Ippocrito, Democrito e Galeno.*

*Il licore ove stà?*

DIANORA

*Eccolo!*

TOGNO

*Oh questo all'odore, all'assaggio,*

*parmi essenza di Faggio.*

[TOGNO

*Ars longa, vida brevia, occasio praeces:*

*Disse o sábio Hipócrates na sua primeira láurea.]*

[DIANORA

*E isso que quer dizer?]*

[TOGNO

*Sim, tão depressa pretendeis chegar?]*

[DIANORA

*Mas explica-mo.]*

[TOGNO

*Escutai a construção: ars longa, occasio praeces,  
vita brevia.*

*E quer dizer: a arte longa é a ocasião para se abreviar a vida.]*

[DIANORA

*Agora percebo.*

*Oh, vede!*

*E por isso não aprendestes nada,*

*por este medo.]*

TOGNO

*Sei o suficiente para parecer um doutor.*

*E agora que me escolheste para tão digna missão,*

*eu resolvi não o fazer pro forma;*

*mas quis fazer estudos para me instruir plenamente,*

*em Hipócrates, Demócrito e Galeno.*

*A poção onde está?*

DIANORA

*Ei-la,*

TOGNO

*Oh este pelo odor, pelo sabor,*

*parece essência de Faia.*

DIANORA  
Non è...

TOGNO  
Non replicar...

DIANORA  
Ma se di certo Faggio non è.

TOGNO  
Ed io dico di certo ch'è Faggio.  
Non ti basta questa ragione?  
Or te n'assegno un'altra.  
Dimmi, nello' spedale a guarir questo male  
non s'adopra il baston?

DIANORA  
Si.

TOGNO  
Dunque il Faggio tien questa sufficienza,  
o si prenda in bastone, ò in quintessenza.

DIANORA  
È ver, non c'è che dire.  
(Io credo a fermo, ch'ei sà la medicina.)

TOGNO  
Ov'è l'infermo?  
Sarà colui che dorme?

[DIANORA  
Eg'è, se in tante forme strapazzando si va, poi  
s'abbandona.]

TOGNO  
È la tragica quiete, e non è buona.

DIANORA  
La vogliamo svegliar?

TOGNO  
Lascia che dorma. Questi è matto,  
ed un legno tiene presso di se;  
saria difetto metter' à rischio  
il dottor' al rispetto.

[DIANORA  
Dunque come faremo?]

[TOGNO  
Ora l'osservo.  
Quest' osso sta slogato.  
Il precordio, la milza, ed il polmone,  
han mutato sistema.  
Il cor palpita, e trema.  
Oh che sudore le gronda dalla fronte!  
Il polso intramittente,  
ed indica un malor troppo potente.

DIANORA  
Não é ...

TOGNO  
Não retorqui.

DIANORA  
Mas se de certeza Faia não é.

TOGNO  
E eu digo que de certeza Faia é.  
Não vos basta esta razão?  
Agora ensino-vos outra.  
Dizei-me, no hospital para curar este mal,  
não se usa o bastão?

DIANORA  
Sim.

TOGNO  
Então a Faia será suficiente,  
ou se toma em bastão ou em quinta-essência.

DIANORA  
É verdade, não há nada a dizer.  
(Eu acredito firmemente que ele conhece a medicina.)

TOGNO  
Onde está o enfermo?  
Será aquele que dorme?

[DIANORA  
É ele, se em tantas formas arruinando se vai, depois  
abandona-se.]

TOGNO  
Está tragicamente calmo, e isso não é bom.

DIANORA  
Devemos acordá-lo?

TOGNO  
Deixai que durma. Ele é louco,  
e tem consigo um pau;  
seria mau pôr  
em risco o doutor.

[DIANORA  
Então como havemos de fazer?]

[TOGNO  
Agora observo-o.  
Este osso está deslocado.  
O precórdio, o baço e o pulmão,  
reduziram as suas funções.  
O coração palpita e treme;  
Oh, que suor escorre da sua testa!  
O pulso está intermitente  
e indica um mal muito grave.  
Deveríamos ainda

*Qui faria duopo ancora  
veder la lingua ed osservar l'orina.  
Và prognostica poi povero professor.]*

[DIANORA  
Vuoi che lo chiami?]

[TOGNO  
Lascialo star.]

DIANORA  
Ma come il licor prenderà.

TOGNO  
Dammelo: il male stà nella testa,  
e vuoi medicar il ventricolo?

[DIANORA  
E poi le gioverà?]

[TOGNO  
Non c'è pericolo,]

ARSENIO  
Chi è là?  
Fuggite mostri d'Averno.

TOGNO  
Scappa.

DIANORA  
Non dubitar.  
Ti ferma!

ARSENIO  
Lasciami.  
(Già lo dissi, che veniva Plutone.)  
Ecco qui la tua moglie;  
alla sua fuga non hò colpa veruna;  
prendila pure.

DIANORA  
(Oh avversa mia fortuna.)  
Voglio seguirlo.

ver-lhe a língua  
e observar a urina.  
Farei depois o prognóstico do velho.]

[DIANORA  
Quereis que o chame?]

[TOGNO  
Deixai-o estar.]

DIANORA  
Mas como irá tomar o remédio?

TOGNO  
Dai-mo: O mal está na cabeça  
e quereis medicar o estômago?

[DIANORA  
E depois far-lhe-á efeito?]

[TOGNO  
Não há perigo.]

ARSENIO  
Quem está aí? Quem está aí?  
Fugi monstros de Averno.

TOGNO  
Escapa!

DIANORA  
Não duvideis.  
Pára!

ARSENIO  
Deixa-me.  
(Já disse, que vinha Plutão)  
Eis aqui a tua mulher;  
da sua fuga não tenho culpa alguma,  
Toma-a lá.

DIANORA  
(Oh sorte minha adversa.)  
Quero segui-lo.

---

## Scena 8

### Togno e dopo Vespina

[TOGNO  
Insomma mi muta a discrezione,  
or mi chiama Caronte, ed or Plutone.]

VESPINA  
Signor, che mai cercate? (esta la tiramos)

[TOGNO  
Em suma, altera-me a descrição,  
ora me chama Caronte, ora Plutão.]

VESPINA  
Senhor, procurais algo?

TOGNO  
*Addio quella fanciulla.  
(adesso voglio sperimentar costei.)  
qual è' l tuo nome?*

VESPINA  
*Vespina à suoi comandì.  
E voi sieta dottore?*

TOGNO  
*In ambedue le leggi, e in Medicina;  
all'ordin di Vespina.*

VESPINA  
*(Se non m'inganno...)  
Eh, sarà poco tempo, che qui giungeste?*

TOGNO  
*(Già non mi conosce.)  
È poco, e deggio in breve partir.*

VESPINA  
*(Togno è per certo.)  
E così presto Roma lasciar volete?*

[TOGNO  
*Oh non è questo.  
Altre volte qui fui :  
fui per l'Europa, nelle Città Cospieve,  
e principali, in Collegi, Accademie e Tribunali.]*

[VESPINA  
*(Come la sa far bene!) Ed ora?]*

[TOGNO  
*Ed ora par che sia tempo ormai  
di riposarmi un po': troppo girai.  
(Questa volta non giova esser'accorta.)]*

VESPINA  
*(Vuol far prova di me, ma le vien corta.)  
Scusate dell'ardir, siete ammogliato?*

TOGNO  
*(Qui la voglio.)  
Fin or non m'è passato  
tal pensier per la mente.*

[VESPINA  
*Ma un'uom si letterato, ed eccellente,  
sua stirpe non lasciar, non è dovere.]*

[TOGNO  
*Sù tal riflesso io vò cangiar parere.]*

VESPINA  
*Ah, felice colei, che un tal marito avrà.*

TOGNO  
*Olá menina.  
(meu Deus, aquela menina!)  
(agora vou testá-la)  
Qual é o teu nome?*

VESPINA  
*Vespina, às suas ordens.  
E vós sois Doutor?*

TOGNO  
*Em ambas, Letras e em Medicina;  
Às ordens de Vespina.*

VESPINA  
*(Se não me engano ...)  
eh, chegastes há pouco tempo aqui?*

TOGNO  
*(Já não me conhece.)  
Há pouco e devo em breve partir.*

VESPINA  
*(É de certeza Togno.)  
E tão depressa Roma quereis deixar?*

[TOGNO  
*Oh, não é isso.  
Outras vezes aqui estive.  
Estive na Europa, nas Cidades de Cospieve,  
e nos principados, em Colégios, Academias e Tribunais.]*

[VESPINA  
*(Como é conhecedor!)E agora?]*

[TOGNO  
*E agora acho que é tempo  
de descansar um pouco: Viajei muito.  
(Desta vez não parece ter-se apercebido.)]*

VESPINA  
*(Quer pôr-me à prova, mas vai sair-se mal.)  
Desculpai a audácia, sois casado?*

TOGNO  
*(Agora quero ver)  
Até agora não me passou  
tal pensamento pela ideia.*

[VESPINA  
*Mas um homem tão letrado e educado,  
sua estirpe não deve negligenciar.]*

[TOGNO  
*Sobre tal reflexão vou mudar parecer.]*

VESPINA  
*Feliz aquela que tal marido terá.*

[TOGNO  
*Senti: in tal caso,  
sol mi consiglierò col genio mio.  
Ricchezze non desio, le guadagnai;  
onor, gloria acquistai;  
se titoli volessi, ancor l'avrei  
onde servirò sol gli affetti miei.  
E per dirtela in breve...]*

[VESPINA  
*(ecco l'assalto.)]*

[TOGNO  
*Io non guardo tropp' alto.  
Tu mi piaci, ó Vespina,  
al primo sguardo tu mi feristi il cor;  
della beltade tu mi sembri una stella,  
ne mi par d'aver vista altra più bella.  
(Ora vedremo.)]*

[VESPINA  
*(Or' or la sentirai.)  
Ah signore, e vorreste abbassarvi così?  
Mi perdonate, Vespina non vi merta  
e non lo crede.]*

[TOGNO  
*(Fin qui son cerimonie.)  
Ecco la fede.  
Te lo giuro e prometo.]*

[VESPINA  
*(Or la soffra così.)  
Ed io l'accetto.]*

TOGNO  
*(Ah, ingannatrice.)  
Or dimmi: fin ora non avesti amor veruno?*

VESPINA  
*(Ne vuole ancor di più.)  
Finor nessuno.  
Ad un solo mostravo scherzando  
qualche amor, ma l'ingannavo.*

TOGNO  
*(Scelerata.)  
E costui come si chiama?*

VESPINA  
*Si chiama Togno: [è un vile, un scialacquato;]  
non tien'arte ; ne parte ;  
egl'è un sciocco, un poltron, è un'uom dà poco.*

TOGNO  
*(Non sò chi mi trattien, che non l'affoco.)  
Ma sarà bello almen?*

[TOGNO  
*Escutai: nesse caso,  
só me aconselharei comigo mesmo.  
Riquezas não desejo;  
honra e glória adquiri;  
se títulos quisesse, já os teria;  
desejo apenas servir os meus sentimentos.  
E em poucas palavras ...]*

[VESPINA  
*(Eis a investida.)]*

[TOGNO  
*Eu não olho demasiado alto.  
Agradais-me Vespina,  
ao primeiro olhar me feriste o coração;  
da beldade me pareces uma estrela,  
nem me parece ter jamais visto outro tão bela.  
(Agora, vamos ver.)]*

[VESPINA  
*(Já vais ouvir)  
Ah, Senhor, e quereis abaixar-vos assim?  
Perdoai-me, Vespina não vos merece  
e não acredita.]*

[TOGNO  
*(Até aqui é só cerimónia.)  
Eis a aliança.  
Juro-o e prometo.]*

[VESPINA  
*(Agora toma.)  
E eu aceito-a.]*

TOGNO  
*(Ah, enganadora.)  
Agora dizei-me: Até agora não tiveste nenhum amor?*

VESPINA  
*(Ainda quer mais.)  
Até agora, nenhum.  
Apenas a um mostrava, brincando,  
algum amor mas estava a enganá-lo.*

TOGNO  
*(Malvada.)  
E como se chama ele?*

VESPINA  
*Chama-se Togno: [é um vil, um perdulário;]  
Não tem arte nem parte; ele é um tolo,  
um preguiçoso, é um homem insignificante.*

TOGNO  
*(Não sei o que me detém que não a sufoco.)  
Mas será belo, pelo menos?*

VESPINA  
*Non vidi mai la più brutta figura :  
è sconcio, corto e grasso,  
e nel volto assomiglia a satanaso.*

TOGNO  
*Vedimi, a chi assomiglio?  
Ah brutta strega, questo amore mi porti?  
Così parli di me?*

VESPINA  
*Nò, Togno mio, io vóllo burlar teco:  
ti conobbi subito, che ti vidi.*

TOGNO  
*Non mi guardar più in faccia.*

VESPINA  
*Ti giuro, che scherzai.*

TOGNO  
*Vanne ingrataccia.*

VESPINA  
*Nunca vi pior figura:  
é ordinário, baixo e gordo  
E o rosto parece o de Satanás.*

TOGNO  
*Olha para mim, com quem me pareço?  
Ah, bruxa feia, é este o amor que me tens?  
Assim falas de mim?*

VESPINA  
*Não, meu Togno, eu estava a brincar contigo,  
Reconheci-te logo que te vi.*

TOGNO  
*Não olhes mais para mim!*

VESPINA  
*Juro-te, estava a brincar.*

TOGNO  
*Vai-te, grande ingrata.*

VESPINA  
*Che pena... ò che tormento...  
Oh Dio... morir mi sento.*

TOGNO  
*(Oimè, costei vien meno.)  
Vespina, elà Vespina, ela,  
non sente e non hà fiato.  
Oh Togno sventurato, oh cara mia Vespina  
mia vita ti perdono.*

VESPINA  
*Cor mio già mi perdoni?*

TOGNO  
*Ti perdono col fegato e col cor.*

VESPINA e TOGNO  
*Or si, contento io sono.  
Altro non brama il cor.*

VESPINA  
*Que pena... oh que tormento...  
Oh deus, sinto-me morrer*

TOGNO  
*(ai de mim, que ela desmaia)  
Vespina, eh, Vespina!  
Não ouve e não respira  
Oh Togno desventurado! Ó querida minha Vespina.  
Minha vida eu te perdoo.*

VESPINA  
*Meu amor, já me perdoas?*

TOGNO  
*Perdoo-te com o fígado e o coração.*

VESPINA E TOGNO  
*Agora sim já estou contente.  
Mais não deseja o coração*

## Duetto de Vespina e Togno

VESPINA  
*Perchè così sdegnato, se l'amor mio tu sei?*

TOGNO  
*Son sciocco, e scialacquato,  
fuggi, fuggi d'agl l'occhi miei.*

VESPINA  
*Oh mia crudel sventura.*

TOGNO  
*Io son brutta figura.  
Son vile e son dappoco.*

VESPINA  
*Lo dissì per gioco.  
Lo dissì per spasso.*

TOGNO  
*Son sconcio, e corto, e grasso.*

VESPINA  
*Deh, mi perdona ò caro:  
ti muovan queste lagrime,  
ti placa al mio dolor.*

TOGNO  
*(Oh Ciel che pianto amaro!  
Già 'l cor diventa tenero  
vedendo il suo dolor.*

VESPINA  
*Porque estás tão indignado, se és tu o meu amor?*

TOGNO  
*Eu sou tolo e perdulario  
Sai, sai da minha vista.*

VESPINA  
*Oh minha cruel desventura.*

TOGNO  
*Eu tenho má figura,  
sou vil e insignificante*

VESPINA  
*Disse-o só por brincadeira,  
disse-o por divertimento*

TOGNO  
*Sou ordinário, baixo e gordo.*

VESPINA  
*Por favor, perdoa-me meu amor.  
As minhas lágrimas te convençam  
Te acalme a minha dor.*

TOGNO  
*(Oh, Céu que pranto amargo!  
Já o coração entenece,  
vendo a sua dor)*

## Scena 9 Arsenio e Dianora

[DIANORA  
*Ferma t'hò giunto al fin.]*

ARSENIO  
*Dà me che vuoi?*

[DIANORA  
*Non strepitar: di forza tu non mi passi affè.]*

[ARSENIO  
*Ma che pretendi?]*

DIANORA  
*Ch'apri gl'occhi, e l'orecchi e che m'intendi.  
Conosci chi son io?  
[ARSENIO  
*Proserpina tu sei, vanne a Plutone.]**

DIANORA  
*[E sempre la medesima canzone.  
Sù Proserpina io sono,  
e tu chi sei?]  
Ne te stesso conosci?  
Che dici?  
Sù rispondi.  
Il tuo nome qual è?  
Come ti chiami?  
[Sta attento quà.]  
Di, eh?  
Non sei tu forse  
Arsenio Ghisilieri di Firenze ?  
Parla, sei quello?*

[DIANORA  
*Pára, apanhei-te, finalmente.]*

ARSENIO  
*Que queres de mim?*

[DIANORA  
*Não grites. Por mim não passarás.]*

[ARSENIO  
*Que pretendes?]*

DIANORA  
*Que abras o olhos e os ouvidos e me escutes.  
Sabes quem eu sou?  
[ARSENIO  
*Tu és Prosérpina, vai para Plutão.]**

DIANORA  
*[E sempre a mesma velha canção.  
Então, se eu sou Prosérpina,  
quem és tu?]  
Nem a ti te conheces?  
Que dizes?  
Vá, responde.  
O teu nome sabes qual é?  
Como te chamas?  
[Presta atenção aqui.]  
Então, diz?  
Não serás talvez  
Arsenio Ghisilieri de Florença?  
Fala, és esse?*

ARSENIO  
È vero.

DIANORA  
Oh lode al Ciel.  
Ma dimmi non hai tu moglie?

[ARSENIO  
Hò moglie.]

[DIANORA  
E si chiama?]

[ARSENIO  
Già ora non mi sovvien.]

[DIANORA  
Dianò...]

ARSENIO  
E ver, Dianora.

DIANORA  
E Spinalba ove stà?

ARSENIO  
Oh Dio, qual nome?  
[Quest'era la mia Figlia, l'unica Figlia mia; quest'era  
il solo mio conforto,  
e consuolo in tutti i stenti miei.]

[DIANORA  
Ed ora?]

[ARSENIO  
Non è più, già la perdi.]

[DIANORA  
(Par che cominci bene.)]

ARSENIO  
Ah figlia, ove t'ascondi?  
A tante pene d'un Padre sconcolato  
come non pensi tu?  
Perchè volesti affliggermi così ?  
Chi dal sen ti rapì d'un Padre amante?

DIANORA  
(Oh Ciel le porgi Lume in quest'istante.)

ARSENIO  
Ma che fò? Che ragiono ?  
E così vile io sono  
che in luogo di seguir quella crudele,  
consumo il tempo in pianti ed in querele?

DIANORA  
(Già sbalestra di nuovo.)

ARSENIO  
É verdade.

DIANORA  
Ah, louvado seja o Céu.  
Mas diz-me, não tens mulher?

[ARSENIO  
Sim, tenho.]

[DIANORA  
E como se chama?]

[ARSENIO  
Por ora não me lembro.]

[DIANORA  
Diano....]

ARSENIO  
Claro, Dianora.

DIANORA  
E Spinalba onde está?

ARSENIO  
Oh Deus! Que nome?  
[Ela era minha Filha, a minha única Filha;  
Era o meu único conforto e consolo em todas as  
minhas dificuldades.]

[DIANORA  
E agora?]

[ARSENIO  
Já não é, já a perdi.]

[DIANORA  
(Parece que começa bem.)]

ARSENIO  
Ah filha, onde te escondes?  
Na tristeza de um Pai desconsolado,  
como não pensas tu?  
Porque me quiseste afligir assim?  
Quem te raptou de um Pai amante?

DIANORA  
(Oh Céu, iluminaí-o neste momento.)

ARSENIO  
Mas que foi?  
Que digo eu?  
E tão vil sou que em vez de seguir aquela cruel,  
consumo o tempo em pranto e quereias?

DIANORA  
(Já disparata de novo.)

ARSENIO  
Nò, nò, finche la trovo, non voglio fermar piede.  
E sin'a quando d'un Padre hà da far scherno?  
Ricerarla saprò sin nell'Inferno.

DIANORA  
Dove fuggi?  
Tu brami la tua Figlia trovar?

ARSENIO  
Questo desio.

DIANORA  
Dunque ti fida a me;  
io di Spinalba tengo certe novelle;  
potrei dirti quanto fa, quanto pensa,  
ove dimora,  
e finiscila ormai, credi a Dianora.

ARSENIO  
Não, não; até a encontrar não vou parar.  
E até quando de um Pai irá zombar?  
Procurá-la-ei até no Inferno.

DIANORA  
Onde vais?  
Anseias tua Filha encontrar?

ARSENIO  
Isso desejo.

DIANORA  
Então confia em mim.  
Eu de Spinalba tenho certas notícias.  
Poderia dizer-te o que faz, o que pensa,  
onde mora;  
e agora pára, acredita em Dianora.

## [Aria di Dianora

*Io farò ch'ai piedi tuoi  
venga a chiederti perdono:  
ed allor de pianti suoi  
il tuo cor avrà pietà.  
Non fuggir, t'arresta, ascolta,  
non temer, Dianora io sono:  
e t'inganni, questa volta  
non mi scappi in verità, nò, nò...]*

Eu farei com que a teus pés  
venha pedir-te perdão  
e então do seu pranto  
o teu coração terá piedade.  
Não fujas, pára, e escuta.  
Não temas, eu sou Dianora.  
Não: enganas-te, desta vez  
não me escapas, de verdade, não, não...]

## Scena 10 Vespina e dopo Togno

[VESPINA  
Tutto è disposto già:  
voglio che Togno impari  
à trattar meco in altra forma.  
Guardate! Per placarlo fù bisogno  
finger pianti, singhiozzi, e svenimenti;  
ma una burla farò che lo spaventi.  
Eccolo appunto.]

[TOGNO  
Che facciam?]

[VESPINA  
Nol dissì? Il tesoro sta qui,  
fra le radici di questi due Cipressi.  
Dev'esser'uom ch'il prende,  
e'! Guardiano un sol scongiuro attende.]

[VESPINA  
Está tudo arranjado já:  
Quero que Togno aprenda  
a tratar-me de outra maneira.  
Olhai! Para o acalmar foi preciso  
fingir prantos, soluços, e desmaios.  
Mas uma burla farei que o assuste.  
Ele aqui está.]

[TOGNO  
Que fazemos?]

[VESPINA  
Não disse? O tesouro está aqui,  
entre as raízes destes dois Ciprestes.  
Deve ser um homem a apanhá-lo,  
e o Guardião um só exorcismo aguarda.]

[TOGNO  
Chi è questo Guardiano?]

[VESPINA  
È lo spirito d'un chiavo.]

[TOGNO  
(Oh, sarà Nero com'un carbon costui.)  
Saprai come si chiama?]

[VESPINA  
Solfarello.]

[TOGNO  
(Mal nome.)  
E verrà lui questa consegna  
a far di propria mano?]

[VESPINA  
Nò, lascia qui il tesoro, e v'è lontano.  
Ora resta là, ch'io voglio  
principiar lo scongiuro.]

[TOGNO  
Eh non scordarti di scongiurarlo ancor...]

[VESPINA  
T'accheta, o parti.  
O tu che vegli, e guardi, nella caverna ombrosa,  
la gran ricchezza ascosa, t'affretta,  
olà, che tardi?  
Più custode non sei di quel tesoro.  
Vieni, vieni, e porta con te l'argento e l'oro.  
Eccolo.  
Di che temi? Accostati.]

[TOGNO  
Ma intanto non ti partir di quà.]

[VESPINA  
Non dubitare.  
(ora vedrai qual' è questo tesoro.)]

[TOGNO  
Aiutami Vespina: ahimè ch'io moro.]

[VESPINA  
(Ah, ah questa è paura.)  
Vien quà. Togno, non senti?  
Stà freddo com'un ghiaccio :  
hà persi i sentimenti.  
Oh me meschina, com'hò da far?  
Portassi almeno adosso un poco d'acqua  
per spruzzarle il viso.  
Eccola.  
Togno mio, io son,  
Qui fatti cor.]

[TOGNO  
Quem é este Guardião?]

[VESPINA  
É o espírito de um escravo.]

[TOGNO  
(Oh, deve ser preto como o carvão.)  
Sabes ao menos como se chama?]

[VESPINA  
Solfarello.]

[TOGNO  
(mau nome.)  
e virá ele fazer esta entrega  
em mão própria?]

[VESPINA  
Não, deixa aqui o tesouro e afasta-se.  
Agora fica aqui que quero  
começar o exorcismo.]

[TOGNO  
Eh, não te esqueças de o esconjurar de novo.]

[VESPINA  
Silêncio ou vai-te daqui.  
Ó tu que vigias e guardas na caverna sombria  
a grande riqueza escondida, despacha-te,  
olá, porquê tardas?  
Já não és mais o guarda desse tesouro.  
Vem, vem e traz contigo a prata, e o ouro.  
Ei-lo:  
Receias o quê? Aproxima-te.]

[TOGNO  
Mas entretanto não te vás daqui.]

[VESPINA  
Não duvides.  
(Agora vais ver que tesouro é este.)]

[TOGNO  
Ajuda-me Vespina. Ai de mim que morro.]

[VESPINA  
(ah, ah, isto é medo.)  
Anda cá.Togno, não me ouves?  
Está frio como o gelo.  
Perdeu os sentidos  
Ó desgraçada, que hei-de fazer?  
Se tivesse trazido comigo, pelo menos um pouco  
de água  
para lhe deitar na cara.  
Ei-la. Ó Togno meu, sou eu.  
Força.]

[TOGNO  
Vespi...]

[VESPINA  
Che brami?]

[TOGNO  
Sol... sol... sol...]

[VESPINA  
(che mai dice?)]

[TOGNO  
Solfa... solfa... solfa...]

[VESPINA  
(Oh me infelice.)  
Parla, di, che vorresti anima mia?]

[TOGNO  
Solfarè... Solfarello è andato via?]

[VESPINA  
Qui non v'è alcun, mia vita;  
ne tesoro, ne spiriti  
io inventai per scherzar,  
ne credevo che recar ti potesse  
un tal timore.]

TOGNO  
Ma se scherzi così, Togno si more.

[VESPINA  
Con questi mezzi,  
a innamorar per gioco  
ei s'andrà accostumando à poco, à poco.]

## Aria di Vespina

*Io bramo il cor contento  
non amo per penar,  
avvezzi à scherzar, se vuol piacermi.  
Non vò sentir tormento,  
ne sparger'un sospir;  
m'accendo per gioir,  
non per dolermi*

[TOGNO  
Vespi ... ]

[VESPINA  
Que queres?]

[TOGNO  
Sol ... sol. ... sol ...]

[VESPINA  
(O que diz?)]

[TOGNO  
Solfa ... solfa ... solfa ...]

[VESPINA  
(Oh pobre de mim.)  
Fala, diz, que queres alma minha?]

[TOGNO  
Solfare ... Solfarello foi-se embora?]

[VESPINA  
Aqui não está ninguém, meu amor;  
nem tesouro, nem espíritos.  
Eu inventei tudo por brincadeira,  
não pensei que te pudesse provocar  
tal temor.]

TOGNO  
Mas se brincas assim, Togno morre.

[VESPINA  
Com estes meios,  
a enamorar-se por brincadeiras  
ele se irá acostumando aos poucos.]

Eu desejo o coração contente  
não amo para sofrer,  
se habitue a brincar, se me quer agradar.  
Não quero sentir tormento,  
nem espalhar um suspiro,  
acendo-me para me alegrar  
não para sofrer.

## Scena 11

Elisa e Spinalba

[ELISA  
Ma perchè tanto tempo celarti a lui?]

[SPINALBA  
Bramai veder se giunge a tanto,  
l'infedeltà d'un alma,  
la cecità d'un cor,  
che non si curi della fè, del dover;  
che non ravvisi un volto ch'adorò;  
lassa, e trovai più di quel che credevo:  
or son contenta.  
Sol m'affanna, e tormenta  
quella smania ed angoscia del Genitor.  
Povero Padre mio,  
delle mancanze altrui tu paghi il fio.]

[ELISA  
Se altro mal non produsse  
il non fidarti a me, quest'è pur grande.  
Ma lo vedrò calmato quando a lui tornerai.]

[SPINALBA  
Voglio à suoi piedi...]

[ELISA  
Porque tanto tempo dele te escondeste?]

[SPINALBA  
Desejava ver até que ponto chegava  
a infidelidade de uma alma  
a cegueira de um coração.  
que não quer saber da fidelidade, do dever;  
que não reconhece um rosto que adorou;  
e encontrei mais do que imaginava:  
Agora estou contente.  
Só me perturba e atormenta  
aquela mania e a angústia do Pai.  
Meu pobre Pai.  
pelas faltas dos outros pagas tu o preço.]

[ELISA  
Se outro mal não causou senão  
o não confiares em mim, isso já é bom.  
Vê-lo-ei mais calmo quando voltares para ele.]

[SPINALBA  
Quero a seus pés ...]

## Scena 12

Dianora, Arsenio e Elisa e Spinalba

[DIANORA  
Eccola, non la vedi?]

[SPINALBA  
Ah Padre amato:  
lascia ch'à piedi tuoi con le lagrime mie  
io formi un rio.]

[ARSENIO  
Figlia, Spinalba mia.  
[M'inganno, oh Dio!]  
E qual moto improvviso io me sento nel core?  
Ove son? Donde vengo?  
[Figlia, sostegno mio, sorgi, t'accosta,  
vieni al mio sen.]

[SPINALBA  
Non oso.  
Se a te Padre amoroso,  
tanti affanni recai;  
se in quella etade t'aggiunsi pene al cor;  
se ti lasciai desolato, ed afflitto,  
veggio ch'è un grav' error, ch'è un gran delitto.]

[DIANORA  
Ali, não a vês?]

[SPINALBA  
Ah Pai amado.  
Deixa que a teus pés com as minhas lágrimas eu  
forme um rio.]

[ARSENIO  
Filha, minha Spinalba.  
[Engano-me. Oh Deus!]  
E que impulso repentino eu sinto no coração?  
Onde estou? De onde venho?  
[Filha, meu amparo, levanta-te, aproxima-te, vem a  
meu peito.]

[SPINALBA  
Não ousou.  
Se a ti Pai amoroso,  
tantas aflições te trouxe;  
se naquela idade tristeza acrescentei ao teu coração;  
se te deixei desolado e aflito,  
vejo que é um grave erro, um grande delito.]

[ARSENIO  
Figlia consola infine l'afflito Padre tuo,  
viene frà le mie braccia: oh Ciel pietoso,  
del passato dolor  
quant'è maggior questa gioia che sento!]

[ELISA  
Piango per tenerezza.]

[DIANORA  
Io per contento.]

[ELISA  
Ed à me negarai un'abbraccio innocente,  
in ricompensa à tanti affetti miei?  
Più Florindo non sei.  
Già sei Spinalba e mi sei si congiunta  
coi legami del sangue,  
che ben stringere ti posso a questo petto.]

[SPINALBA  
Sia vincolo d'affetto,]

[ELISA  
Sia legame di pace.]

[ARSENIO  
Filha, consola enfim o teu aflito Pai,  
vem a meus braços. Ó Céu piedoso:  
Da passada dor,  
quanto é maior esta alegria que sinto!]

[ELISA  
Choro de ternura.]

[DIANORA  
Eu choro de felicidade.]

[ELISA  
E a mim negarás um abraço inocente,  
Como recompensa dos meus afectos?  
Já não és Florindo.  
Agora és Spinalba.  
A mim estás ligada por laços de sangue,  
Bem posso abraçar-te a este peito.]

[SPINALBA  
Seja vínculo de afecto.]

[ELISA  
Seja laço de paz.]

## Ultima scena

Ippolito e Leandro; Vespina e Togno;  
Dianora, Arsenio, Elisa e Spinalba

[IPPOLITO  
T'hò colto traditor.]

[LEANDRO  
T'ho giunte audace.]

[IPPOLITO  
Morri.]

[DIANORA  
Che fai?]  
[ARSENIO  
Che tenti Ippolito?]

[ELISA  
Leandro mio ben, ferma.]

[ARSENIO  
T'arresta.]

[VESPINA  
Che rumore stà qui?]

[TOGNO  
Che scena è questa?]

[IPPOLITO  
Apanhei-te traidor.]

[LEANDRO  
Agarrei-te audaz.]

[IPPOLITO  
Morre.]

[DIANORA  
Que fazeis?]  
[ARSENIO  
Que tentas fazer Ippolito?]

[ELISA  
Leandro, meu amor, pára.]

[ARSENIO  
Pára.]

[VESPINA  
Que barulho é este?]

[TOGNO  
Que cena é esta?]

SPINALBA  
*Padre nol trattener;  
l'opera illustre lasciale terminar.  
Sù via, traffiggi nel petto di Florindo  
il core di Spinalba.  
Tu impalidisci ingrato ?  
Puniscimi d'averti sì fedelmente amato,  
d'aver ridotto un Padre a un'estremo furor,  
sol per seguirti.  
Di non aver schivato  
d'ubbidirti in quele infedeltà,  
con cui crudele me medema offendevi  
nel più vivo del cor.  
Lo dica Elisa...*

IPPOLITO  
*Non più, non Spinalba.  
Non si trova nel Mondo mostro d'infedeltà,  
di me più orrendo  
[Veggio l'error, la colpa mia comprendo,  
andrò senza consuolo, a gemer fra le selve,  
afflitto e solo.]*

SPINALBA  
*Ah nò: ferma, ove vai?*

[ARSENIO  
*Figlia, già vedo, che ti muovi à pietà.]*

[DIANORA  
*Già s'è pentito.]*

[TOGNO  
*(Mi muovo anch'io alla dolente istoria.)*

[VESPINA  
*Signora, il perdonar sempre fù gloria.]*

ELISA  
*Mio Leandro, che pensi?  
Agl'occhi tuoi già colpevole io sono.*

LEANDRO  
*Torna all' affetto antico, e ti perdono.*

ARSENIO  
*Non si pensi al passato;  
non son già questi i primi,  
negl'ultimi saranno mancamenti d'amor;  
lo so ben' io.*

SPINALBA  
*Io di tutto mi scordo.*

LEANDRO  
*Io tutto oblio*

VESPINA  
*E tu non vuoi scordarti?*

SPINALBA  
*Pai, não o detenhas.  
Deixa-o terminar a ilustre obra.  
Vá, força, trespassa no peito de Florindo  
o coração de Spinalba.  
Empalideces, ingrato?  
Pune-me por te ter tão fielmente amado a ponto  
de ter reduzido um Pai a uma extrema fúria, só  
para te seguir.  
Por não ter evitado obedecer-te naquelas infidelidades,  
com que, cruel, me ofendas no mais fundo do  
coração.  
Que o diga Elisa ...*

IPPOLITO  
*Não mais, não mais Spinalba  
Não há no mundo monstro de infidelidade  
Mais horrendo do que eu.  
[Vejo o erro. A minha culpa compreendo,  
Irei sem consolo, gemer entre a selva,  
afrito e só.]*

SPINALBA  
*Ah, não: Pára, onde vais?*

[ARSENIO  
*Filha, já vi que o compadeces.]*

[DIANORA  
*Já se arrependeu.]*

[TOGNO  
*(Também estou comovido com a triste história)]*

[VESPINA  
*Senhora, o perdoar sempre foi glória.]*

ELISA  
*Meu Leandro, que pensas?  
A teus olhos também sou culpada.*

LEANDRO  
*Volta para o teu antigo amor e eu perdoo-te.*

ARSENIO  
*Não pensemos no passado;  
não são estas as primeiras e não serão  
as últimas falhas de amor;  
bem o sei.*

SPINALBA  
*Eu de tudo me esqueço.*

LEANDRO  
*Eu tudo esqueci.*

VESPINA  
*E tu não quererás esquecer-te?*

TOGNO  
*Sempre in mente l'avrò:  
t'acceta, o parti.*

ARSENIO  
*Sù datevi la mano.*

ELISA E SPINALBA  
*Ecco d'amor il pegno.  
D'eterna fedeltà sia questo il segno.*

LEANDRO E IPPOLITO  
*Ecco d'amor il pegno.  
D'eterna fedeltà sia questo il segno*

TOGNO  
*Ed io, caro Signore,  
qui la parte farò di spettatore?*

LEANDRO  
*Togno, che vuoi?*

TOGNO  
*La destra di Vespina.*

LEANDRO  
*Fatela dar.*

VESPINA  
*Eccola qui.*

TOGNO  
*L'accetto.*

ARSENIO  
*E sia segno fra noi  
d'un vero affetto.*

CORO  
*Fugga il duol, regni la pace,  
e la gioia, e il piacer.  
Non si opponga età vorace,  
de' consenti al bel sentier.*

TOGNO  
*Sempre me recordarei:  
Acalma-te ou parte.*

ARSENIO  
*Vá, dêem as mãos.*

ELISA E SPINALBA  
*Eis do amor a prova.  
De eterna fidelidade seja este o sinal.*

LEANDRO E IPPOLITO  
*Eis do amor a prova.  
De eterna fidelidade seja este o sinal.*

TOGNO  
*E eu, caro Senhor,  
aqui faço o papel de espectador?*

LEANDRO  
*Togno, que queres?*

TOGNO  
*A mão de Vespina.*

LEANDRO  
*Faz com que ta dê.*

VESPINA  
*Aqui está.*

TOGNO  
*Aceito-a.*

ARSENIO  
*Que seja sinal entre nós  
de verdadeiro afecto.*

CORO  
*Fuja a tristeza, reine a paz  
e a alegria e o prazer.  
Não se oponha o tempo implacável  
e nos dê um bom caminho.*

## Biografias



### Marcos Magalhães

Nascido em 1973 em Lisboa, é diplomado pela Escola Superior de Música de Lisboa e pelo Conservatoire National Supérieur de Musique de Paris onde obteve, em 1999, o Primeiro Prémio, tanto em cravo como em baixo contínuo. Tendo iniciado o estudo de cravo com Cremilde Rosado Fernandes aos 10 anos de idade, Marcos Magalhães, além de participar nos cursos da Academia de Música Antiga de Lisboa com Ketil Haugsand, prosseguiu os seus estudos em Portugal na Escola Superior de Música de Lisboa até 1994, tendo ingressado, nesse mesmo ano, no Conservatoire National Supérieur de Musique de Paris. Nessa instituição estudou com Kenneth Gilbert, Christophe Rousset, Kenneth Weiss, Françoise Marmin e Pierre Hantaï (*master-class*) na qualidade de bolseiro do Governo francês (de 1995 a 1998) e da Fundação Gulbenkian (de 1998 a 2000). Em 1997 integrou a Orquestra Barroca da União Europeia que se apresentou em Espanha e na República da Irlanda sob a direcção do maestro Bob van Asperen. Tendo feito a sua estreia profissional, a solo, por convite do maestro Atalaya em 1994, tem desenvolvido intensa actividade concertística tanto em Portugal, como no estrangeiro: com o Ensemble Barroco do Chiado na Temporada Gulbenkian, Festa da Música – CCB, nos festivais de Espinho, Mafra, Encontros com o Barroco do Porto e no Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém; com outros agrupamentos (Orphée et Caetera e Les Folies Françaises) – concertos em Paris, Bratislava, Festival les Baroquiales em Nice e no Festival dos Capuchos. Participou na produção das óperas: *Platée* de Rameau (com Gilles Ragon, Jennifer Smith e direcção de H. Christophers); e *As Bodas de Figaro* de Mozart no Teatro Trindade com o maestro Fernando Fontes. Em Abril e Maio de 2001 tocou no Festival Raízes Ibéricas a integral das seis Partitas de J. S. Bach. Integrou a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra de Câmara Pedro Álvares Cabral. Durante o ano de 2001,

foi professor-acompanhador na EPABI (Covilhã), desempenhando actualmente as mesmas funções no Conservatório de Música do Porto. No campo pedagógico, destacam-se também as conferências (Introdução à Música Barroca Portuguesa) que proferiu na Bibliothéque Buffon e no Instituto Camões em Paris, assim como dois estágios que orientou na Escola Superior de Música de Lisboa: respectivamente de afinação de cravos e de introdução ao baixo contínuo. Em 2002 participou como pianista co-repetidor no Atelier Lírico orientado pela professora Elena Dunitrescu-Nentwig. Em Fevereiro de 2003 orientou um curso de flauta de bisel e cravo (com Pedro Sousa Silva) no Conservatório Regional da Madeira. Recentemente, tocou com o Ensemble Barroco do Chiado a convite da Fundação Oriente na Índia (Nova Deli, Goa e Bangalore) e Sri Lanka (Colombo). Desde Janeiro de 2004 é membro da Orquestra Metropolitana.



### Marta Morais Araújo

Nasceu em Lisboa. Iniciou os estudos de piano com Gabriela Canavilhas na Academia dos Amadores de Música e posteriormente com Ana Sousa Lima no Conservatório Nacional de Música de Lisboa, onde terminou o curso complementar de piano.

Paralelamente, diplomou-se em Arquitectura, na Faculdade de Arquitectura de Lisboa. Obteve a licenciatura em cravo – área de música antiga, na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo, na classe da professora Ana Mafalda Castro. Como bolseira do programa Erasmus, estudou com Siebe Henstra na Utrecht School of Arts, na Holanda.

Frequentou diversas *master-class* com Jacques Ogg, nos cursos da Casa de Mateus, e com Ketil Haugsand, nos cursos de música antiga de Lisboa.

No âmbito da pedagogia frequentou os cursos de Jos Wuytack e de Edwin Gordon.

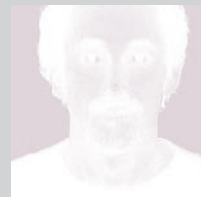
Actuou com diferentes agrupamentos no Convento

de Mafra, no Fórum Lisboa, na Casa das Artes de Tavira, entre outros. Em 2005 tocou com a Orquestra Divino Sospiro no Mosteiro dos Jerónimos e com o grupo Músicos do Tejo participou num concerto integrado nas comemorações bocagianas em Setúbal. Em 2006, integrada na Orquestra Académica Metropolitana sob a direcção do maestro Jean-Marc Burfin, actuou no Convento de Mafra, na Aula Magna, no Centro Cultural de Belém e na Festa da Música. Em 2007 formou em conjunto com António Carrilho e Marcos Magalhães um trio com dois cravos e flauta. Este trio estreou em Novembro de 2007, em Évora, no Fórum Eugénio Almeida.

Leccionou no Conservatório Regional de Setúbal, Orfeão de Leiria, Academia de Música Eborense e Escola Profissional de Música de Évora.

Entre 2002 e 2003 colaborou com o Observatório das Actividades Culturais.

Actualmente é professora no Conservatório Metropolitano de Música de Lisboa – Orquestra Metropolitana de Lisboa.



### Luca Aprea

Formou-se como actor e mimo em Nápoles, cidade onde estudou Mimo Corporal Dramatico com Michele Monetta. Em Paris, aprofunda o estudo de Teatro do Movimento na École de Mime Corporel Dramatique L'Ange Fou dirigida por Steve Wasson e Corinne Soum. Entre 1989 e 1994 prossegue os seus estudos com Dario Fo, Odin Teatret, Yves Lebreton, Alessandra Galante Garrone e Philippe Gaulier. De 1993 a 1997 é professor de interpretação, área de teatro gestual, da Real Escuela Superior de Teatro e Danza de Madrid. Neste período trabalha ainda com a companhia francesa Théâtre du Mouvement com quem aprofunda diversos aspectos do trabalho de actor, como a perspectiva do movimento. Entre 1998 e 2000 é actor do Théâtre du Mouvement no projecto *Cities* de Claire Heggen, no âmbito da Academy of Gestural Arts – Les Transversales.

Paralelamente ao trabalho de criação teatral desenvolve estudos sobre a corporalidade no campo das artes performativas e da pedagogia.

Licenciado pela Université Paris 8 em Artes do Espectáculo com distinção em Estudos Teatrais – realiza em 2007 o Mestrado em Psicopedagogia Perceptiva na UML, sob a coordenação do professor Danis Bois. Actualmente, faz o doutoramento na Universidade de Motricidade Humana de Lisboa como bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

É director artístico da Companhia Teatral Invenções Cosmóxicas de Madrid. Em Portugal, integra desde 2003 a direcção artística da companhia de Teatro O Bando.

Desde 1998, Luca Aprea é professor de Movimento na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa.



### Luís Otávio Santos

Luís Otávio Santos é formado em violino barroco pelo Koninklijk Conservatorium Den Haag, Holanda, onde recebeu o Diploma de Solista (mestrado) em 1996. Desde 1992 é *spalla* e solista da prestigiada orquestra barroca La Petite Bande (dir. Sigiswald Kuijken), com a qual já realizou digressões por toda Europa, China, Japão, México, Argentina, Colômbia e Chile, e gravou dezenas de CD e programas de televisão para as estações belga, francesa e japonesa. Também lidera outros grupos na Europa, tais como Ricerca Consort (dir. Philippe Pierlot), Le Concert Français (dir. Pierre Hantaï), Nederlandse Bachvereniging (dir. Gustav Leonhardt), e Den Haag Baroque Orchestra.

Foi professor de violino barroco na Scuola di Musica di Fiesole em Florença, de 1997 a 2001, e no Conservatoire Royal de Musique de Bruxelas, de 1998 a 2005. Em 2004 foi professor convidado pela Musik Hochschule de Leipzig, na Alemanha, e foi várias vezes membro do júri nos exames finais do Conservatoire de Musique de Genève, na Suíça, e

do Conservatoire National Supérieur de Musique de Lyon, na França.

Na sua discografia solo destacam-se a integral das sonatas de J. S. Bach (ao lado do cravista Peter – Jan Belder) para a editora holandesa Brilliant, *As Quatro Estações* de Vivaldi com La Petite Bande, pela etiqueta belga Accent, e das *Sonatas para violino* de J. M. Leclair para a etiqueta alemã Ramée. Este último recebeu o prémio Diapason d'Or na França, a maior distinção francesa concedida a um registo fonográfico.

No Brasil é o director artístico do Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora, evento que há 18 anos promove e divulga a interpretação histórica da música antiga, e que se tornou um dos mais tradicionais eventos do género no país. Neste evento é também regente da Orquestra Barroca do festival, que já gravou oito CD e um DVD com obras brasileiras e europeias, em registos inéditos no Brasil. Em 2005, a Orquestra Barroca recebeu o prémio “Diapason de Ouro”, concedido pela revista *Diapason Brasil*.

É também coordenador e professor do núcleo de música antiga do Centro de Estudos Tom Jobim – Universidade Livre de Música, em São Paulo.

Em 2007, Luis Otavio Santos foi agraciado com o título de Comendador da Ordem de Mérito Cultural, concedida pelo Governo Federal e o Ministério da Cultura, pelas suas prestações em prol da cultura nacional e pelo reconhecimento à sua carreira internacional.



## Ana Quintans

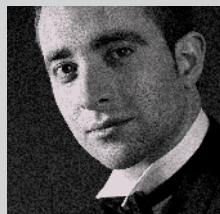
Estudou Canto no Conservatório Nacional de Lisboa e no Flanders Operastudio (bolseira da Fundação Gulbenkian).

Interpretou Amore em *L'incoronazione di Poppea* de Monteverdi (William Christie / Bernard Sobel); Belinda em *Dido and Aeneas* de Purcell (José Manuel Araújo/Jorge Listopad); Second Witch em

*Dido and Aeneas* de Purcell (William Christie / Deborah Warner); Peaseblossom em *The Fairy Queen* de Purcell (Sébastien Te Winkel / Rebecca Scheiner); Pamina em *Die Zauberflöte* de Mozart (José Manuel Araújo/Jorge Listopad); Lisetta em *Il mondo della luna* de Avondano (Rui Pinheiro/José Brandão / Jorge Listopad); Scoiattolo em *Il scoiattolo in gamba* de Nino Rota (João Paulo Santos/Erica Guimarães); Atalanta em *Serse* de Handel (Hein Boterberg / Frederique Dussenne); Argie em *Les Paladins* de Rameau (William Christie / José Montalvo / Dominique Hervey); Musique em *Les Plaisirs de Versailles* de Charpentier (Patrick Cohën-Akenine / Les folies Françaises); Bird e Lion em *Fables* de Ned Rorem (José Brandão/Paula Ribeiro); Yasmin em *Raphael, reviens!* de Bernard Cavanna (Cesário Costa / Jean-Paul Buccheri); Nancy e Remote Control em *Evil Machines* de Luís Tinoco (Cesário Costa / Terry Jones); e Spinalba em *La Spinalba* de F. A. Almeida (Marcos Magalhães / Luca Aprea).

Em concerto é solista em *Salve Regina* de Pergolesi; *Magnificat* de J. S. Bach; *Gloria* de Vivaldi; *Fantasia Coral* de Beethoven; *Stabat Mater* de Domenico Scarlatti; *Judicium Salomonis*, *Motet pour une longue offrande* e *Te Deum* de Charpentier; *Requiem*, *Missa em Dó menor* e *Exsultate Jubilate* de Mozart; *Dixit Dominus* de Handel; *Der Messias* de Handel / Mozart; *Petite Messe Solennelle* de Rossini; *Requiem* e *Messe Basse* de Fauré; *Missa n.º 6 em mi b maior* de Schubert; *Gloria* de Poulenc.

Gravou *Judicium Salomonis* de Charpentier com William Christie / Les Arts Florissants; *Requiem* de Fauré com Michel Corboz / Sinfonia Varsóvia; *Sementes do Fado* com Marcos Magalhães e Ricardo Rocha.



## João Fernandes

Nascido na antiga República do Zaire, este jovem baixo iniciou rapidamente uma carreira promissora assim que concluiu a sua formação na Guildhall

School of Music & Drama, onde pôde estudar graças a bolsas da instituição londrina e da Fundação Calouste Gulbenkian em Portugal.

Fortemente aplaudido pela sua conjugação de musicalidade, de potência e de densidade trágica de que tem dado provas em mais de setenta aparições líricas indo desde Monteverdi até a criações contemporâneas, este aluno de Rudolf Piernay, de Isabel Mallaguerra e de António Salgado é uma glória nascente da cena internacional: de facto, é por maestros como Sir Colin Davis, David Stern, Thomas Sanderling, John Neschling, Christophe Rousset, René Jacobs, Hervé Niquet, Christina Pluhar, Skip Sempé, Michel Corboz, Mark Minkowski, Ottavio Dantone e William Christie – que o escolheu em 2002 para o seu projecto “Le Jardin des Voix” – que o jovem cantor se faz conhecer da Europa, da América e da Ásia melómanas.

Do Teátro Colón na Argentina ao Bunkamura no Japão, passando por quase todas as principais casas da Europa continental, por Xangai e por Brisbane (Austrália), onde criou um papel escrito para a sua voz, os projectos líricos não faltam; recentemente interpretou os papéis de Seneca (Monteverdi), Don Alfonso (Mozart) & Orcan (Rameau) no Théâtre du Châtelet (Paris), em Atenas, em Tóquio, em Lyon, e em digressão europeia com Christie; Créon (Charpentier), Pluton (Lully), Ministre & Corésus (Destouches) com Niquet em Montpellier, em Metz, na Salle Gaveau (Paris), em Rouen e no Festival de Beaune, Huascar (Rameau) na Ópera de Zurique com Christie; Tempo e Consiglio (Cavalleri) e Caronte (Monteverdi) com Pluhar em Bruges, em Utreque, em Sâble e na Cité de la Musique (Paris); Fabrizio (Martin y Soler) e Tempo, Feace e Antinoo (Monteverdi) na Cité de la Musique (Paris), no Capitole de Toulouse, em Madrid e em Leipzig com Christophe Rousset; Claudio (Handel) na New York City Opera com Ransom Wilson.

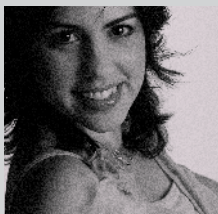
Também gravou dois DVD e seis CD em papéis de destaque, e o seu repertório de recital já o levou ao Festival de Caldas da Rainha, assim como ao de Aveiro, a Glasgow, a Brno, a Praga, a Lille, ao Porto e a Bordéus, onde estreou o *Winterreise* de Schubert.

Os seus projectos mais próximos incluem *Il Re del Dolore* com Accademica Bizantina em Bolonha e Cracóvia, *King Arthur* com Le Concert Spirituel em Paris e Montpellier, *Les Indes Galantes* em digressão mundial com Les Arts Florissants e *L'incoronazione di Poppea* em Toronto com Opera Atelier.



## Luís Rodrigues

Estudou no Conservatório Nacional e na Escola Superior de Música de Lisboa. Cantou Harlekin (*Ariadne auf Naxos*), Ping (*Turandot*), Figaro (*O Barbeiro de Sevilha*) e Guglielmo (*Così fan tutte*) no Teatro Nacional São Carlos, Mr. Gedge (*Albert Herring*) e Eduard (*Neues vom Tage*) no Teatro Aberto, Semicúpio (*Guerras do Alecrim e Manjerona*) no Acarte, Teatro da Trindade e Teatro Nacional D. Maria II (Prémio Bordalo da Imprensa 2000 para Música Erudita), Marcello (*La Bohème*) com o Círculo Portuense de Ópera e a Orquestra Nacional do Porto no Coliseu desta cidade e com o Teatro Nacional São Carlos na Figueira da Foz, Tom (*The English Cat*) com a Cornucópia e a ONP no Rivoli e Teatro Nacional São Carlos, Guarda Florestal (*A Raposinha Matreira*) com a Casa da Música no Rivoli, Papageno (*A Flauta Mágica*) e Sumo Sacerdote (*Sansão e Dalila* – versão de concerto) na Fundação Calouste Gulbenkian, Yoshio (*Hanjo*) na Culturgest, Giorgio Germont (*La Traviata*) e o papel titular de D. Giovanni com a Orquestra do Norte e Belcore (*L'Elisir d'Amore*), Figaro (*O Barbeiro de Sevilha*), Escamillo (*Carmen*) e Carmina Burana com a Eventos Ibéricos e a ON. Como solista de Oratória participou no *Requiem* de Brahms em Macau, na *Petite Messe* de Rossini no Teatro Nacional São Carlos, no *Requiem* de Fauré com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, em *A Criação* de Haydn com a Orquestra Nacional do Porto, na *Oratória de Natal* de Saint-Saëns no Euro-parque com a Casa da Música e em vários programas com o Coro e Orquestra Gulbenkian. Em música de câmara colaborou com os pianistas David Santos, Nuno Vieira de Almeida, Jaime Mota e João Paulo Santos e com agrupamentos como o Drumming e o Remix Ensemble. Cantou os ciclos orquestrais *Kindertotenlieder* com a Orquestra Nacional do Porto e *Lieder eines fahrenden Gesellen* e *Poème de l'amour et de la mer* com a Orquestra Sinfónica Portuguesa.



## Joana Seara

Joana Seara iniciou os seus estudos musicais e de canto na Academia de Música de Santa Cecília e no Conservatório Nacional de Lisboa, sob a orientação de Elsa Saque. Foi membro e solista do Coro Gulbenkian durante seis anos e participou em inúmeros concertos, em Portugal e no estrangeiro, sob a direcção de Michel Corboz, Frans Brüggen, Fernando Eldoro, Jorge Matta, Michael Zilm, Claudio Abbado e Richard Hickox. Joana decidiu-se pelo canto solístico, tirando a licenciatura, mestrado em Performance e Curso de Ópera na Guildhall School of Music and Drama (GSMD), em Londres, com Laura Sarti. Participou também em cursos e *master-classes* de aperfeiçoamento orientados por Thomas Hampson, Thomas Allen, Felicity Lott, Christa Ludwig, Jill Feldman, Emma Kirkby, Graham Clark e Paul Kiesgen.

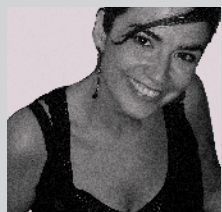
Enquanto estudante, foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, da Wingate Foundation, E. M. Behrens Charitable Trust e da Worshipful Company of Barbers. Prémios incluem o Worshipful Company of Glass Sellers Music Prize 2005 e um Sybil Tutton Award. Foi finalista na Handel Singing Competition 2007.

Joana já trabalhou como solista para as companhias English National Opera, Bampton Classical Opera, Independent Opera at Sadlers Wells, Opera Restor'd e British Youth Opera. Os seus papéis incluem Dami-gella (*The Coronation of Poppea*), Juliet (*Romeo and Juliet* de Benda), Margery (*The Dragon of Wantley* de Lampe) com a Akademie für Alte Musik Berlin, Dorinda (*Orlando* de Handel), Nannetta (*Falstaff*), Despina e Zerlina, sob a direcção dos maestros Laurence Cummings, Gary Cooper, Paolo Olmi, Paul McGrath, Nicholas Kok e Mathew Halls. Foi membro do Coro de Glyndebourne para as produções de ópera do Festival de 2006.

Em concertos e recitais, Joana tem-se apresentado como solista, na interpretação de grandes obras como a *Sinfonia n.º 2* de Mahler, a *Sea Symphony* de Vaughan William e o *Messias* de Handel. Apre-

sentou-se no Festival de Lieder de Oxford com o pianista Sholto Kynoch. Actua regularmente com o Ensemble Barroco do Chiado, sob direcção de Marcos Magalhães, e com a Orquestra Divino Sospiro, sob direcção de Enrico Onofri, com quem participou em concertos para os festivais barrocos de Ille de France, Ambronay e Mafra.

Planos futuros incluem o soprano solo na *Paixão Segundo São João* com os King's Consort no CCB, Despina, na Irlanda do Norte, e Dorinda em Praga.



## Paz Martínez Gil

Nasceu em Madrid, e iniciou os seus estudos musicais com seis anos. Prosseguiu os estudos em Barcelona, e obteve a licenciatura em canto no Conservatório de Madrid. Posteriormente frequentou as classes de Victoria de los Ángeles, Charles Brett, Monique Zanetti, Robert Expert, Dame Emma Kirkby, Eric Halvarson, Elena Obratzsova, Stefania Magnifico e Ana Luisa Chova.

No repertório romântico, Paz Martínez interpretou o papel de Hänsel em *Hänsel und Gretel* de E. Humperdinck no Teatro de la Maestranza em Sevilha, Suzuki em *Madama Butterfly* de G. Puccini, mãe em *Mavra* de I. Stravinsky no Círculo de Belas Artes em Madrid. Foi também Aurora na zarzuela *Doña Francisquita* de A. Vives.

As suas presenças como solista incluem também *Te Deum* de A. Bruckner's, *Via Crucis* de F. Liszt, e *Missa em Ré menor* de A. Dvorák. Também se apresentou na *Sinfonia n.º 9* de L. van Beethoven no Auditório Nacional em Madrid e em outras salas de concerto, deu vários recitais no Café de Palácio e no Gayerre Hall no Royal Theater em Madrid.

É especialmente dedicada aos repertórios barroco e clássico. Trabalhou com grupos de música de câmara interpretando música de H. Purcell, D. Buxtehude e o compositor espanhol do século XVIII, Diego Pérez del Camino.

Nas ópera podemos destacar Hyale em *Actéon* de M.-A. Charpentier com Christoph Rousset na Academia Barroca Europeia de Ambronay no Outono de 2004, bem como Berenice na estreia da ópera *Farnace* do compositor espanhol barroco Francesco Corbelli, sob a direcção de Óscar Gershensohn no Auditorio Nacional de Música de Madrid em 2005.

No género oratório e música sagrada desempenhou diversos papéis a solo, como *Requiem* and *Krönungs-messe* de W. A. Mozart com Helmut Rilling em 2007 –, *Gloria* RV 589 e *Magnificat* RV 611 de A. Vivaldi, *Messiah*, *Foundling Hospital Anthem* HWV 268 e a *Ode for the Birthday of Queen Anne* HWV 74 de G. F. Handel, *Stabat Mater* de G. B. Pergolesi, *Weihnachtstatorium*, *Johannespassion* de J. S. Bach em 2007 e também várias das suas cantatas. Em Outubro de 2005 foi convidada por Abu Gosh Vocal Music Festival em Israel para apresentar as cantatas de Bach. Em Junho de 2006 encerrou, com Andrew King e Simon Grant e com o ensemble Capilla Real de Madrid o '11 Cycle of Music in Churches – Bach's Cantatas organizado pelo Madrid City Council.

Actualmente participa na produção da ópera do compositor português de música barroca Francisco António de Almeida *La Spinalba* com os Músicos do Tejo, dirigido por Marcos Magalhães no Centro Cultural de Belém em Fevereiro de 2008. Em Março cantará *Stabat Mater* de Pergolesi e ainda cantatas de Bach, de Madrid City Council. Futuros compromissos também incluem diversos concertos com o ensemble Los Músicos de Su Alteza apresentando *Miserere* do grande compositor espanhol de música barroca José de Nebra, bem como música espanhola do século XVII.



## Inês Madeira

Estudou Canto no Conservatório Nacional de Lisboa com a professora Manuela de Sá. Fez uma pós-graduação na Flanders Operastudio (bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian).

Interpretou Dido em *Dido e Eneias* de Purcell (José Manuel Araújo / Jorge Listopad); Lisinga em *Le Cinesi* de Gluck (Rui Pinheiro / Cornelia Geiser); Dritte Dame em *A Flauta Mágica* de Mozart (José Manuel Araújo / Jorge Vaz de Carvalho) e (José Manuel Araújo / Jorge Listopad); Narrador em *Fables* de Ned Rorem (José Manuel Brandão / Paula Ribeiro); Amastre em *Serse* de Handel (Hein Boterberg / Frédérique Dussen-ne); Frau Peachum e Jenny em *Die Dreigroschenoper* de Kurt Weill (Filip Rathé / Vincent van den Elshout); Carmen numa adaptação de Peter Brook da *Carmen* de Bizet, *La Tragédie de Carmen* (Marc Collet / Waut Koeken).

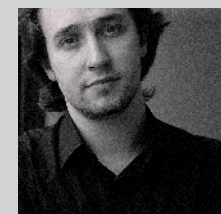
Em concerto foi solista em *Ode for the Birthday of Queen Anne* de Handel; *Jonas* de Carissimi; *Te Deum* de Charpentier; 1.ª e 3.ª *Messe Solennelle* de Hanssens Júnior; *Salve Regina* de Martin-Joseph Mengal.

Participou em várias *master-classes*, entre as quais com Richard Miller, Mercè Obiol, Elisabete Matos, Loh-Siew Tuan, Ameral Gunson, Sarah Walker, Ronny Lauwers e Graham Johnson.

Em 2004 foi uma das três vencedoras do prémio Temple Square Concert Award in summer school of Operaplus na Bélgica, tendo-se apresentado em recital na Leighton House em Londres.

Fez parte do coro da Fundação Calouste Gulbenkian, entre 1999 e 2004, tendo trabalhado com diversos maestros, como Fernando Eldoro, Jorge Matta, Michel Corboz, Christoph Eschenbach, Laurence Foster, Frans Brüggen, Simone Young, Zoltán Peskó e Michael Zilm.

Apresentou-se em diversos recitais com o pianista Hein Boterberg na Bélgica, Londres e Malásia.



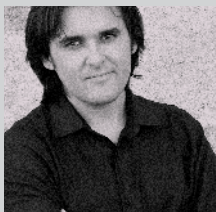
## Fernando Guimarães

Licenciado em Canto pela Escola das Artes da UCP-Porto, na classe de António Salgado, foi galardoado com o Prémio Jovens Músicos 2007 da RDP e com o 2.º Prémio no Concurso Nacional de Canto Luísa Todi. Como vencedor do Concurso Internacional de

Canto L'Orfeo, em Verona, cantou o papel principal desta ópera de Monteverdi em Mantova (no 400.º aniversário da sua estreia) e Budapeste.

Foi, entre outros: Ferrando em *Così fan Tutte*, Don Ottavio em *Don Giovanni*, Don Basilio em *Le Nozze di Figaro*, Jaquino em *Fidelio*, de Beethoven; Fritz em *Suzanna*, de Alfredo Keil, Liscione em *La Dirindina*, de D. Scarlatti, Testo em *Il Combattimento di Tancredi e Clorinda*, de Monteverdi (Fundação Gulbenkian). Do repertório de concerto salientam-se, entre outros: *Johannespassion*, Missa em Si menor e *Magnificat* (Bach), *Messiah* e Ode a Santa Cecília (Handel), *Missa em Dó menor* e *Requiem* (Mozart), Serenata para tenor, trompa e cordas (Britten). Integrou o elenco da fantasia musical *Evil Machines* (com música de Luís Tinoco sobre libreto de Terry Jones), com estreia mundial em Janeiro de 2008 no Teatro São Luiz.

Entre os compromissos para a presente temporada incluem-se: o papel principal de *L'Orfeo* de Monteverdi em Ystad (Suécia); a *Paukenmesse* de Haydn, com o Coro e Orquestra Gulbenkian; *L'Infedeltà Delusa*, de Haydn, com Le Parlement de Musique (Estrasburgo, França); e a sua estreia no Teatro Nacional de São Carlos, como Monostatos em *Die Zauberflöte*.



## Mário Alves

Nasceu em Perafita. Realizou os seus estudos de Canto com Fernanda Correia, nos Conservatórios do Porto e Gaia, aperfeiçoando-se depois em Turim, Treviso e Salzburgo. Trabalha repertório com João Paulo Santos. Ganhou o 2.º prémio no IV Concurso de Canto Luísa Todt.

Como intérprete de ópera destacam-se: Ferrando (*Così fan Tutte*), Pedrillo (*Rapto Serralho*), conde de Almaviva (*Il Barbiere di Siviglia*); Nemorino (*L'Elisir d'Amore*); Peter, Mr. Keen, Lucien e Counsel for the Defense (*The English Cat*), St. Syephen (*Four Saints in Three Acts*), Ali (*Adina*), Le Clerc (*Je-*

*anne d'Arc au Boucher*) e Ivan (*O Nariz*) no Teatro Nacional de São Carlos; Agenore (*Il Re Pastore*) Teatro Fraschini di Pavia e Teatro Sociale di Como; Aronne (*Mosè in Egitto*) Teatro Verdi di Sassari; Monostatos (*Flauta Mágica*) Teatro La Fenice de Veneza, BAM de New York e Theatre La Monnaie de Bruxelas; Nemorino (*L'Elisir d'Amore*) em Tóquio, Kioto, Sapporo e Takamatsu; Pedrillo (*Rapto do Serralho*) Teatro Piccinni di Bari e Quincena de San Sebastian; Captain MacHeath (*Beggar's Opera*), Albert (*Albert Herring*) e Herr M. (*Neues vom Tage*) no Teatro Aberto; Tamino (*A Flauta Mágica*) Festival Musicatlântico; Paolino (*Il Matrimonio Segreto*) na CAE; Semprônio (*Lo Speciale*) TNS João; La Thèière, L'Arithmetique e LA Rainette (*L'Enfant et les Sortilèges*) Coliseu do Porto; Dom Gilvaz (*Guerras de Alecrim e Manjerona*) Teatro D. Maria II; Proteu (*As Variedades de Proteu*) Artemrede; Governador (*O Doido e a Morte*) em Aveiro e Porto; Harry (*Fanciulla del West*), Maintop (*Billy Budd*) e Le Pasteur (*Oedipus Rex*) no Teatro Regio di Torino.

É regularmente convidado a colaborar com a Orquestra e Coro Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a generalidade das orquestras nacionais, em concerto e oratório, apresentando-se também em recital.

Em 2008 interpreta Tamino (*A Flauta Mágica*) no Teatro Nacional de São Carlos, Oedipus Rex em Roma, Pulcinella em Palermo e *L'Elisir d'Amore* em Lecce.



## Músicos do Tejo

É um novo projecto musical no campo da música antiga fundado por Marcos Magalhães e Marta Araújo.

O objectivo deste grupo é abordar as diferentes vertentes da música em Portugal entre os séculos XVI e XVIII, não só no contexto dos compositores portu-

gueses mas também no âmbito mais alargado da música que se praticava ou que de algum modo se relacionava com o nosso meio musical daquela época.

Um dos principais eixos da acção deste agrupamento consiste em potenciar a maturidade que o movimento da música antiga em instrumentos originais está a atingir em Portugal e dirigi-lo para um trabalho que procure na especificidade do seu repertório uma prática original e livre de fórmulas já garantidas.

Trata-se do resultado natural de um trabalho de investigação musicológica que inclui a análise e transcrição de repertório inédito espalhado por inúmeras bibliotecas. Este processo, começado há cerca de cinco anos, confunde-se com o percurso notável do Ensemble Barroco do Chiado, grupo do qual Marcos Magalhães é um dos co-fundadores e que já conquistou um lugar de prestígio no panorama nacional da música antiga (apresentações nos principais palcos portugueses, concertos em Espanha, Paris e *tournee* na Índia e Sri Lanka).

Os Músicos do Tejo propõem-se continuar este trabalho e tiveram a sua primeira apresentação em Setúbal em Março de 2006.

Desde então têm-se apresentado ao público em programas tão variados como inovadores e que incluem desde música sacra portuguesa (*motetes* e *vilancicos*) no festival de órgão de León, uma investigação às origens barrocas do fado e apresentação da obra de um compositor português (B. A. Avondano) no centro cultural de Cascais e um programa educativo em torno da Comedia dell'Arte na mini-temporada "Descobrir a Música" da Fundação Gulbenkian.

**OS MÚSICOS DO TEJO SÃO APOIADOS  
PELA EMPRESA AMARSUL - VALORIZAÇÃO  
E TRATAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS, SA.**

**WWW.MUSICOSDOTEJO.COM**

### AGRADECIMENTOS

FUNDAÇÃO C. GULBENKIAN \ PROF. RUI VIEIRA NERY  
CASA DA MÚSICA \ ENG. ANTÓNIO JORGE PACHECO  
TERESA MAGALHÃES  
ANGELES MARCOS  
RUI MECHA  
JOANA FERRÃO  
JOSÉ ESPADA  
MIGUEL CRUZ  
LUÍSA TAVEIRA

**CCB**

**CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO**  
ANTÓNIO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE]  
ANA ISABEL TRIGO MORAIS [VOGAL]  
MARGARIDA VEIGA [VOGAL]

### CENTRO DE ESPECTÁCULOS

DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO  
ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUÍSA TAVEIRA  
SECRETARIADO DE DIRECÇÃO ANABELA BORGES  
DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ  
PRODUÇÃO PAULO BARBOSA, JOÃO OLIVEIRA, INÊS CORREIA, PATRÍCIA SILVA  
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGORRO  
DIRECTOR DE CENA ROSÁRIO VALE  
DIRECÇÃO DE CENA JONAS OMBERG, JOSÉ VALÉRIO, PEDRO RODRIGUES  
CLÁUDIA BELCHIOR, PATRÍCIA COSTA  
SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA LUÍSA INÊS FERNANDES  
DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA  
CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO  
SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS  
TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS, LUÍS SANTOS, RAUL SEGURO  
TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO, F. CÂNDIDO SANTOS, VÍTOR PINTO  
CARLOS MARTINS, CÉSAR NUNES, JOSÉ CARLOS ALVES, HUGO CAMPOS, MÁRIO SILVA  
RICARDO MELO, RODRIGO OLIVEIRA, RUI CROÇA  
CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO  
TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO, EDUARDO NASCIMENTO, LUIS GARCIA SANTOS,  
NUNO BIZARRO, PAULO CACHEIRO, NUNO RAMOS, J. PAULO SANTANA  
CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY  
TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA, LUÍS TEIXEIRA, VÍTOR HORTA



# Sabat Mater

Luigi Boccherini  
Eurico Carrapatoso

**18 Março** Palco do Grande Auditório 21h

CO-PRODUÇÃO CCB / DIVINO SOSPIRO / ORCHESTRUTOPICA  
ORQUESTRAS EM RESIDÊNCIA